



UNIESP – CENTRO UNIVERSITÁRIO

ARQUITETURA E URBANISMO

O ANTIGO E O NOVO: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NO CLUBE ASTRÉA

YURI MARQUES DE FARIAS

João Pessoa

2020

YURI MARQUES DE FARIAS

O ANTIGO E O NOVO: MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NO CLUBE ASTRÉA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao UNIESP,
como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof.^a Msc. Anneliese Heyden Cabral de Lira

João Pessoa, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado

Y224a Yuri Marques de Farias.

O antigo e o novo: memórias e vivências no clube astréa
[recurso eletrônico] / Yuri Marques de Farias. – Cabedelo, PB:
[s.n.], 2020.

122 p.

Orientador: Prof^ª. Ma. Anneliese Heyden Cabral de Lira.
Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UNIESP
Centro Universitário.

1. Arquitetura moderna. 2. Arquitetura - Patrimônio. 3.
Patrimônio - Memória. I. Título.

YURI MARQUES DE FARIAS

O antigo e o novo: memórias e vivências no Clube Astréa

Trabalho final de graduação apresentado ao curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário – UNIESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a: MSC. ANNELIESE HEYDEN CABRAL DE LIRA
PROFESSORA ORIENTADORA

PROF.^a: MSC. LARISSA LIMA
AVALIADORA INTERNA

PROF.^o: BEL. PEDRO LUCENA
AVALIADOR EXTERNO

"Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado."

Emília Viotti da Costa

RESUMO

O presente trabalho visa a importância do patrimônio histórico para a sociedade, seja em âmbito arquitetônico, cultural ou social, a arquitetura moderna, bem como as patologias recorrentes nessas edificações. O patrimônio é de grande valia, pois através dele podemos entender toda a sociedade que ali viveu, os seus comportamentos, legados e memórias. A preservação dos bens que se dá através dos órgãos responsáveis, é importante tanto para o município como para a sociedade que ali vivem. O Clube Astréa, objeto de análise, detém de uma importância considerável no município de João Pessoa, município esse com um acervo valioso de edificações históricas, o Astréa é considerado uma das primeiras edificações de cunho modernista da cidade, como também foi palco de diversas atrações, a exemplo dos bailes de carnavais nas décadas de 1950 – 1980 sendo frequentado pela elite pessoense. Todavia, no final da década de 1990 começou a ocorrer o seu declínio tornando o imóvel esquecido perante a cidade, atualmente o Clube encontra-se totalmente fechado, em decorrência do seu abandono o Astréa apresenta patologias. O trabalho possui como diretrizes o aprofundamento do termo patrimônio histórico tendo como vertente as patologias presentes nessas edificações antigas, assim como o entendimento da arquitetura modernista, estando presente na metodologia a revisão bibliográfica, análise de patologias em edificações históricas, levantamento de campo e análise documental. Os resultados se deram através de pesquisas documentais unido de uma elaboração de um questionário no qual as pessoas se submeteram a perguntas a respeito do Astréa, de modo que se obteve uma reflexão da importância daquela edificação, expondo resultados significativos da trajetória do Clube, mostrando que as pessoas tem boas recordações do lugar, sendo muitas vezes associado a lembranças familiares. Vale destacar que muitas pessoas nunca frequentaram o Clube, mas que já ouviram falar, isso retrata a relevância que o Astréa possui tanto para João Pessoa como para a população.

Palavras – Chave: Patrimônio; Arquitetura Moderna; Sociedade; Patologias.

ABSTRACT

The present work aims at the importance of the historical heritage for society, be it in the architectural, cultural or social field, modern architecture, as well as the recurrent pathologies in these buildings. The heritage is of great value, because through it we can understand the whole society that lived there, its behaviors, legacies and memories. The preservation of the goods that is given through the responsible organs, is important both for the municipality and the society that lives there. The Astréa Club, object of analysis, holds a considerable importance in the municipality of João Pessoa, a municipality with a valuable collection of historical buildings. The Astréa is considered one of the first modernist buildings in the city, as well as being the stage for several attractions, such as carnival dances in the 1950s - 1980s being frequented by the elite people. However, at the end of the 1990's it began to decline, making the property forgotten before the city, currently the Club is totally closed, due to its abandonment the Astréa presents pathologies. The work has as guidelines the deepening of the term historical heritage having as its side the pathologies present in these old buildings, as well as the understanding of modernist architecture, being present in the methodology the bibliographic review, analysis of pathologies in historical buildings, field survey and documentary analysis. The results were obtained through documental research united with the elaboration of a questionnaire in which people were submitted to questions about the Astréa, so that a reflection on the importance of that building was obtained, exposing significant results of the Club's trajectory, showing that people have good memories of the place, being often associated with family memories. It is worth mentioning that many people have never attended the Club, but have heard about it, this portrays the relevance that the Astréa has both for João Pessoa and the population.

Words - Key: Heritage; Modern Architecture; Society; Pathologies.

Lista de quadros

Quadro 01 – Principais Obras de Referencial Teórico.....	21
Quadro 02 – Síntese dos Correlatos.....	39
Quadro 03 - Diagnóstico de Intervenção.....	73
Quadro 04 – Métodos de Baker.....	97

Lista de figuras

Figura 01 - Fluxograma de Estrutura Metodológica.....	24
Figura 02 - Tabela das Relações de Intervenção.....	26
Figura 03 - Planta Baixa – Casa da Lira.....	26
Figura 04 - Tabela de Manifestações Patológicas por Ambiente.....	27
Figura 05 - Tabela de Manifestações Patológicas por Fachada.....	28
Figura 06 - Manifestações patológicas presentes nas fachadas.....	30
Figura 07 - Fluxograma de Medidas Reparativas.....	31
Figura 08 - Desagregamento do revestimento na fachada do Imóvel nº23.....	31
Figura 09 - Manchas de lodo e aberturas.....	31
Figura 10 - Rachadura no arco da esquadria.....	32
Figura 11 - Ausência de Revestimento.....	32
Figura 12 - Gráfico das Patologias Presentes nas Fachadas.....	33
Figura 13 - Gráfico das Patologias mais Recorrentes em Cada Imóvel Analisado....	33
Figura 14 - Fluxograma para Orientação da Pesquisa.....	35
Figura 15 - Planta Baixa – Térreo.....	36
Figura 16 - Planta Baixa – 1º Pavimento.....	36
Figura 17 - Fissuras na Parte Externa da Ala Norte.....	37
Figura 18 - Fissuras Laje da Ala Norte.....	37
Figura 19 - Fissuras na Ala Norte Externa Frontal.....	37
Figura 20 - Fluxograma dos Principais Autores da Teoria do Restauro.....	46
Figura 21 - Linha cronológica das principais Cartas Patrimoniais.....	54
Figura 22 - Fábrica Fagus.....	58
Figura 23 - Villa Savoye.....	61
Figura 24 – Lovell House – Richard Neutra.....	63
Figura 25 - Ministério da Educação e Saúde.....	68
Figura 26 – Linha cronológica com as principais obras de Oscar Niemayer.....	69
Figura 27 – Arquitetos que contribuíram para o desenvolvimento do modernismo...70	
Figura 28 – Casa da Rua Francisca Moura.....	71
Figura 29 - Projeto de Mário Di Lácio e o uso de materiais locais.....	71
Figura 30 - Banco do Nordeste projetado por José Liberal de Castro.....	72
Figura 31 - Localização do Estado da Paraíba, do município de João Pessoa e do bairro Tambiá.....	77

Figura 32 – Mapa de localização do Clube Astréa.....	78
Figura 33: Marcação do perfil topográfico.....	79
Figura 34: Perfil topográfico (Av. Monsenhor Walfredo Leal – Av. Princesa Isabel)..	79
Figura 35: Mapa de Condicionantes Ambientais.....	80
Figura 36: Fachada lateral do Clube Astréa (Av. Princesa Isabel).....	80
Figura 37: Fachada principal do Clube Astréa (Av. Monsenhor Walfredo Leal).....	81
Figura 38: Recorte do mapa de zoneamento da cidade de João Pessoa.....	82
Figura 39: Quadro referente aos usos permitidos na Zona Residencial 2 (ZR2).....	82
Figura 40: Mapa de Uso e Ocupação do Solo.....	84
Figura 41: Gráfico de Uso e Ocupação do Solo.....	84
Figura 42: Residencial (Av. José Lianza).....	85
Figura 43: Comércio (Av. Alm. Barroso).....	85
Figura 44: Institucional Hospitalar João Paulo II (Av. Dom Pedro I).....	85
Figura 45: Sem Uso.....	85
Figura 46: Serviço (Av. Santos Dumont).....	85
Figura 47: Mapa de Gabarito.....	86
Figura 48: Gráfico de Gabarito.....	87
Figura 49: Edificação Térrea.....	87
Figura 50: Edificação Térreo + 1.....	87
Figura 51: Edificação Térreo + 2.....	87
Figura 52: Edificação Térreo + 3.....	88
Figura 53: Edificação acima de 4 pavimentos.....	88
Figura 54: Mapa de Cheios e Vazios.....	89
Figura 55: Tabela de Índices Urbanísticos.....	89
Figura 56: Mapa de Estilo Arquitetônico.....	90
Figura 57: Gráfico por Estilo Arquitetônico.....	91
Figura 58: Edificação Historicista.....	91
Figura 59: Edificação Contemporânea.....	91
Figura 60: Edificação Modernista.....	92
Figura 61: Edificação Descaracterizada.....	92
Figura 62: Mapa de Fluxos e Sistema Viário.....	93
Figura 63: Calçada desgastada, havendo uma dificuldade para pessoas com mobilidade reduzida.....	93

Figura 64: Calçada estreita com bloqueios de bancas de comércio informal.....	93
Figura 65: Cobogós do Clube Astréa.....	94
Figura 66: A cor branca é predominante no Astréa.....	95
Figura 67: Simetria entre os pilares e janelas, como também a presença de fenestraçãoes.....	96
Figura 68: Pilares com função estrutural, além de trazer a característica de planta e fachada livre.....	96
Figura 69: Pilares internos do Clube Astréa.....	97
Figura 70: Percentual de gênero.....	99
Figura 71: Percentual por faixa etária.....	100
Figura 72: Percentual de pessoas entrevistadas que nasceram no município de João Pessoa.....	100
Figura 73: Percentual de pessoas que residem próximo de algum Clube.....	101
Figura 74: Percentual de pessoas que frequentam algum Clube.....	101
Figura 75: Percentual dos Clubes mais frequentados pela população.....	102
Figura 76: Percentual de pessoas que já ouviram falar o Clube Astréa.....	102
Figura 77: Percentual de pessoas que já frequentaram o Clube Astréa.....	103
Figura 78: Percentual dos eventos mais comuns que as pessoas já frequentaram no Clube Astréa.....	103
Figura 79: Nuvens de palavras – Importância do Clube Astréa para as pessoas...	105
Figura 80: Nuvem de palavras – A preservação do Clube Astréa.....	106
Figura 81: Percentual das atividades mais desejadas, caso o Astréa fosse reativado por completo.....	107
Figura 82: Recortes históricos da década de 1940.....	108
Figura 83: Recortes históricos das décadas de 1950 – 1960.....	109
Figura 84: Recortes históricos das décadas de 1970 – 1980.....	110
Figura 85: Recortes históricos das décadas de 1970 – 1980.....	111

Lista de siglas

CAU: Conselho de Arquitetura e Urbanismo

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAEP: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

MES: Ministério da Educação e Saúde

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA	18
1.2	OBJETIVOS	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivo Específico	20
1.3	METODOLOGIA	21
2	ANÁLISE DE CORRELATOS TEÓRICOS	25
2.1	Análises de Manifestações Patológicas Presentes em Edificação Histórica – Estudo de Caso: Casa da Lira	25
2.1.1	Ficha Técnica	25
2.1.2	Objetivos da Pesquisa	25
2.1.3	Métodos e Metodologia	25
2.1.4	Análise dos Resultados	27
2.2	Análise das Manifestações Patológicas Presentes nas Fachadas de um Casario Tombado no Município de Pesqueira – PE	29
2.2.1	Ficha Técnica	29
2.2.2	Objetivos da Pesquisa	29
2.2.3	Métodos e Metodologia	29
2.2.4	Análise dos Resultados	32
2.3	Análise Manifestações Patológicas em Edificação Construída na Década de 1930 – Um Estudo de Casa	34
2.3.1	Ficha Técnica	34
2.3.2	Objetivos da Pesquisa	34
2.3.3	Métodos e Metodologia	34
2.3.4	Análise dos Resultados	37
2.4	Síntese da análise dos correlatos	38
3	REFERENCIAL TEÓRICO	40
3.1	Patrimônio Histórico	40
3.1.1	Patrimônio Histórico no Brasil	47
3.1.2	Cartas Patrimoniais	51

3.2	Arquitetura Moderna	55
3.2.1	Arquitetura Moderna no Brasil	64
3.3	Manifestações Patológicas	72
4	CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	76
4.1	Caracterização do Entorno Imediato	76
4.1.1	Localização	76
4.1.2	Condicionantes Ambientais	78
4.1.3	Condicionantes Legais	81
4.1.4	Mapa de Uso e Ocupação	83
4.1.5	Mapa de Gabarito	86
4.1.6	Mapa de Cheios e Vazios	88
4.1.7	Mapa de Estilos Arquitetônicos	89
4.1.8	Mapa de Fluxos e Sistema Viários	92
4.1.9	Levantamento Arquitetônico	93
5	MEMÓRIA DA POPULAÇÃO	99
5.1	Gênero, Faixa Etária e Ocupação	99
6	ACERVO HISTÓRICO SOBRE O CLUBE ASTRÉA	108
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
8	REFERÊNCIAS	114
9	APÊNDICE	120

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural é de importante valia para a sociedade, pois através dele, podemos tratá-lo como objeto de estudo mediante a análise de uma “linha do tempo”, no qual iremos obter toda a sua história e marcas no decorrer dos anos, por meio das suas características, sejam elas arquitetônicas, sociais ou culturais. Caracterizamos patrimônio cultural tudo aquilo que é criado seja material ou imaterialmente por uma sociedade através da sua cultura e que se torna algo importante para as pessoas que ali habitam, seja pela riqueza cultural, social ou arquitetônica **(IPHAN, 2014)**.

No continente Europeu, onde há um vasto número de edificações históricas e tombadas, vê-se um maior cuidado na sua história, a exemplo de países como Itália e França **(SCIFONI, 2003)**. Todavia, diante do cenário em que a população observa o acervo histórico mundial, percebe-se que em alguns lugares no mundo isso não é prioridade no campo da conservação de bens materiais, pois é perceptível as ruínas que edifícios tombados se encontram. Segundo **Choay (1992, p.12)**:

É afirmado que O culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado, mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra.

Voltando os olhares para o Brasil, nota-se o esquecimento pelo patrimônio que circunda o território, apesar de haver os olhares de outras nações, sendo o seu turismo e fluxo de estrangeiros consideráveis. É um país que via de regra trabalha com leis vigentes ao bem patrimonial, embora muitas vezes o governo “feche os olhos” para a problemática da preservação, consequência da sua burocracia lenta e tardia. É uma região que possui um acervo valioso, de diferentes épocas, que consequentemente dispõe de uma diversidade arquitetônica, mas que infelizmente são esquecidas pelos nossos governantes, como também pela falta de conhecimento de uma parcela da população sobre a história daquele bem tombado **(MENEZES, 2013)**.

O Brasil detém de dois principais órgãos, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em âmbito nacional e o IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), a nível estadual, ambos responsáveis pelo tombamento e a conservação das edificações históricas. O IPHAN surgiu em 13 de

janeiro de 1937, através da lei nº 378, sendo concebida pelo presidente da época Getúlio Vargas. De acordo com a Constituição Brasileira datada de 1988, no artigo 216, é definido como patrimônio cultural formas de expressão, modos de criar, fazer e viver **(IPHAN, 2014)**.

Na contemporaneidade, o estado da Paraíba possui vários bens tombados, em diferentes cidades como Cabedelo, João Pessoa, Ingá e outras, tendo como fiscalizador o IPHAEP, órgão que surgiu no ano de 1938, sendo caracterizado pelos primeiros tombamentos de arquitetura religiosa e militar do século XVI. No município de João Pessoa, caracterizado pelo seu vasto patrimônio histórico na esfera da arquitetura, é notada a falta de valorização por parte considerável da população em relação a memória que o lugar representa. Ao caminhar pelo centro histórico, o observador logo percebe que uma parte dos tombamentos não se encontram conservados, uma vez que, o processo de tombamento aplicado a bens privados apresenta considerável burocracia e morosidade, dificultando a conservação destes edifícios.

Além disso muitos proprietários não conseguem arcar com a manutenção imposta pelo órgão competente, pois muitas vezes não possuem condições de arcar com a restauração dos bens, tendo que deixar o seu lar, ao qual na maioria das vezes se torna ruína. Quando a edificação é de caráter público e turístico, tende a se tornar mais breve o processo de restauração no momento em que o imóvel tem a condição de trazer lucro ao lugar. Em uma nação, como o Brasil, cuja a economia segue os princípios capitalista, sobrepondo o desenvolvimento econômico aos valores culturais, a memória vem cada vez mais sendo ofuscada pelo governo, reforçando, inclusive o ditado popular de domínio público “Um povo sem passado é um povo sem futuro” **(ditado popular)**.

Mediante o tema base de patrimônio histórico, obteve-se como objeto de estudo o antigo Clube Astréa, pois percebeu-se o seu esquecimento ao longo dos anos, edificação na qual teve e tem importância até hoje na vida das pessoas que frequentaram e que foi palco de diversos eventos em João Pessoa. O clube datado do século XIX recebeu diversas apresentações, foi construído com o intuito de receber o time de futebol denominado de Astréa e com o passar dos anos, se tornou palco de atrações, passando a ser um lugar cada vez mais frequentado, inclusive pela alta sociedade pessoense.

Ao analisar o Clube, rapidamente se percebe o quão abandonado ele está, não só no quesito “memórias”, mas também no sentido de usufruir, dar uso ao lugar, dar vida, não permitir que ele desapareça no tempo. O edifício sofreu intervenções ao longo dos anos, uma das intervenções foi pelo renomado arquiteto Mário di Láscio, no ano de 1947, que a caracterizou como arquitetura moderna, a edificação possui simplificação de volumes, geometrização das formas, paredes brancas, ausência de decoração e uso de cobogó, todos esses elementos representantes da arquitetura modernista, conformando-se em um exemplar referencial do estilo na cidade.

O Astrea teve seus dias de glória entre as décadas de 1950 e 1970, lugar onde o lazer da alta sociedade se concentrava seja para um espetáculo ou para brincar os carnavais da época.

A pesquisa irá transcorrer por meios que abordam o patrimônio histórico como o início da análise, as suas manifestações patológicas e o estudo da arquitetura moderna adentrando em três esferas, sendo elas a nível mundial, nacional e local. O trabalho possui como fechamento o levantamento arquitetônico e histórico do Clube Astréa, bem como um questionário na qual as pessoas são submetidas a perguntas referentes ao objeto de estudo, através disso, pode-se identificar como o objeto se comporta diante da sociedade e qual a sua importância tanto para o município como para a população.

1.1 JUSTIFICATIVA

O clube Astréa, por sua vez, foi de suma importância para a população, visto que era um lugar de encontro da alta sociedade de João Pessoa, espaço onde as pessoas desfrutavam de bailes, carnavais e esportes. O clube surgiu no ano de 1886, na rua Duque de Caxias, no bairro do centro, logo após mudou-se para a rua Monsenhor Walfredo Leal, localizado no bairro do Tambiá e ficou conhecido como “Palacete do Tambiá”. O Astréa faz parte da memória urbana de João Pessoa, sendo considerado um equipamento de grande porte e de influência na vida das pessoas da geração do final do século XIX até meados do século XX, tendo como característica o estilo arquitetônico modernista, estilo que ficou marcado em João Pessoa pelas adaptações climáticas, como também os recursos tecnológicos, a exemplos de elementos vazados, combogós e *brise – soleil*, pertinentes a estudos feitos por Luís Nunes **(SCOCUGLIA, et al 2005)**.

Um bem material que nos dias atuais foi esquecido, sendo sua rica memória apagada e tendo em vista que hoje a edificação que antigamente era palco de grandes eventos, passou a ser um estacionamento, apenas uma pequena parcela serve para raros eventos. O imóvel que por sua vez, surgiu com o intuito de promover interações sociais e vitalidade à cidade, foi com o passar do tempo sendo esquecido por uma parte da população, conseqüentemente, os cuidados com o “bem” foi desvalido, de um lado a população que não dava mais uso ao lugar e do outro, os responsáveis pelo clube que permitiram que sua história fosse sendo cada dia mais apagada.

Mediante a problemática abordada, como resultado, não poderia deixar de explanar sobre a patologia da edificação, decorrente do abandono do lugar. Aos olhos do observador, o local encontra-se degradado, sem a diligência devida, há descuidos sobre a vegetação em toda área externa, claramente sem uma devida assistência, pintura que não se faz há anos pelo que se vê, e seguramente uma ausência de manutenção na parte estrutural do Astrea.

Diante do exposto, surgiu a necessidade de ter como objeto de análise o Clube Astrea, um bem material, arquitetônico e sociocultural de uma relevância para todos aqueles que vivenciaram o lugar e também para os que não querem que a sua história cesse.

Foram consultados diversos órgãos responsáveis pela preservação de bens antigos e/ou tombados como o Iphaep, Corpo de Bombeiros, TRT (Tribunal Regional

Eleitoral), Prefeitura Municipal de João Pessoa, como também emissoras de tv, na iminência de encontrar algum acervo seja ele documental ou fotográfico acerca do Astréa, todavia, em todos as organizações incumbidas encontrou-se dificuldades devido a pandemia vivenciada no momento, o que fez com que o trabalho proposto fosse direcionado para uma outra abordagem, passando a fazer parte do corpo do trabalho as memórias e vivências das pessoas que viveram de algum modo uma experiência no Clube Astréa.

Ademais, a partir das dificuldades encontradas e da escassez de informações, se reafirmou a necessidade de realizar tal pesquisa para auxiliar na salvaguarda do Clube Astrea, apontando as fragilidades de conservação impressas no corpo arquitetônico, como a ausência da aplicação das práticas e da política de preservação, uma vez que o referido imóvel, remanescente modernista, não é tombado.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Realizar um levantamento histórico e da memória da população sobre o edifício Astrea, localizado no bairro Tambiá, no município de João Pessoa.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Realizar estudo aprofundado do contexto e das características da arquitetura moderna;
- Pesquisar sobre as patologias recorrentes em áreas de patrimônio histórico;
- Identificar a importância histórico cultural do Clube Astréa para o município;
- Contribuir para a salvaguarda do patrimônio arquitetônico paraibano;

1.3 METODOLOGIA

O presente trabalho visa o levantamento histórico e arquitetônico de um bem patrimonial, localizado no município de João Pessoa, através de uma pesquisa descritiva, abordando a sua importância através do imaginário e memória da população, como também, as problemáticas presentes na conservação do bem, analisando o seu uso, assim como, as suas possíveis patologias.

A metodologia da pesquisa foi dividida em quatro etapas e possui como alicerce os métodos desenvolvidos por Choay (1992), Scocuglia, Monteiro e Melo (2005) e Cunha (2006). Apresenta como característica metodológica, básica de avaliação, pois não tem aplicação prática, porém agrega conhecimento ao meio acadêmico e na população que não possui entendimento ao conteúdo exposto.

1º Etapa – Revisão Bibliográfica: Esse processo se dá utilizando base de dados, como o SciELO e o Google Acadêmico, assim como revistas de reconhecimento científico, artigos clássicos de importante referência, nos idiomas inglês e português, livros técnicos e teses relacionadas ao tema do estudo. Assim sendo, a presente etapa corresponde ao embasamento de todo o conteúdo existente na pesquisa, abordados nos seguintes tópicos (ver Quadro 01):

Quadro 01. Principais obras do referencial teórico

Autores	Publicação/Ano	Tema
CHOAY	Livro: A alegoria do patrimônio/1992	Patrimônio Histórico
SCOCUGLIA, MONTEIRO E MELO	Artigo: Arquitetura moderna de João Pessoa/ 2005	Representatividade na Arquitetura de João Pessoa
PELEGRINI	O patrimônio cultural no discurso e na lei: trajetórias do debate sobre a preservação no Brasil/2006	Instrumentos de Salvaguarda
CUNHA RIEGL	Resenha: Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos/2006	Valores Patrimoniais

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram selecionados 4 principais autores: Choay (1992), Scocuglia, Monteiro e Melo (2005), Scifoni (2003) e Menezes (2013).

Por sua vez, cada autor guiou uma linha de raciocínio. Choay, mediante o cenário europeu, trata da definição do patrimônio histórico e como aquele “bem” é visto para as pessoas, qual a importância do patrimônio para a população e como a sociedade lida com o tombamento e a conservação daquela edificação;

Scocuglia, et al (2005) explana sobre a arquitetura moderna no município de João Pessoa, sobre os recursos tecnológicos utilizados na época, bem como os estudos de adaptações climáticas a região; Scifoni (2003) explora o lado da conservação presente no continente europeu; Menezes (2013) aborda as edificações históricas no Brasil e como essas construções importantes para a memória da população são esquecidas, na maioria das vezes, pela falta de informação das pessoas sobre a história daquela propriedade.

2º Etapa – Análise de Correlato Teórico: Tem como objetivo a seleção de pesquisas semelhantes, no qual forneceram subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa. Foram escolhidos 3 exemplares para serem extraídos a ficha técnica, os objetivos, os métodos e metodologia e por fim a análise dos resultados.

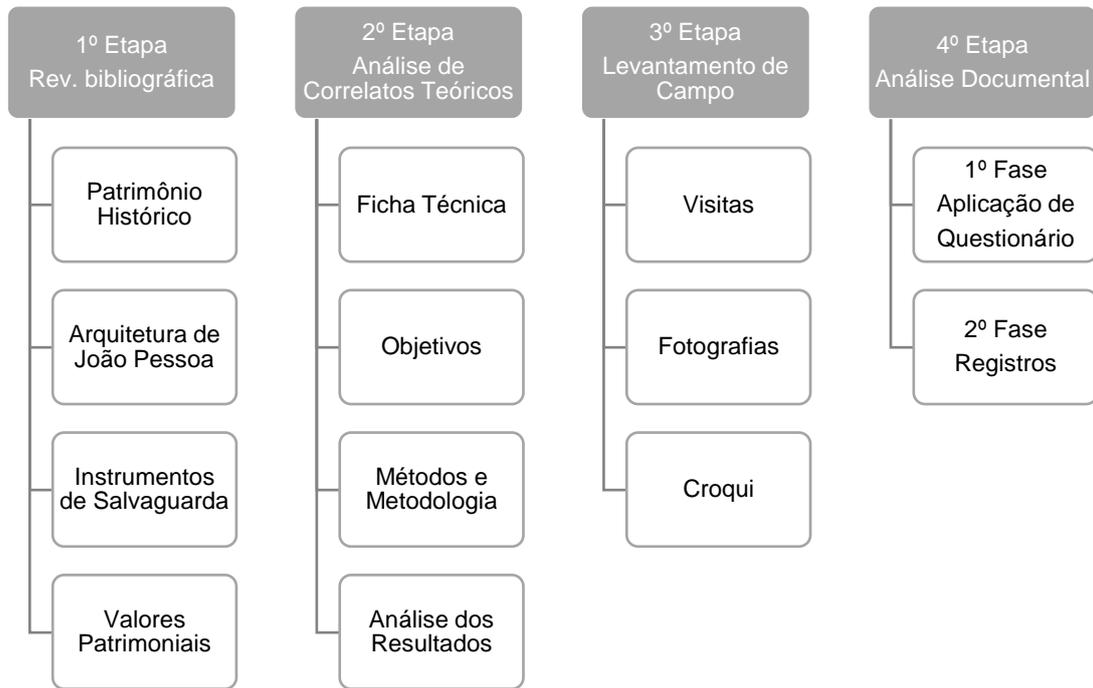
3º Etapa - Levantamento de Campo: Nessa etapa, foi realizado uma visita in loco para a observação da edificação, a visita consistiu em analisar a conservação do imóvel, o seu uso, sua estrutura e as suas características arquitetônicas. O levantamento arquitetônico foi guiado a partir da identificação dos elementos característicos da arquitetura moderna sendo complementado através da análise dos métodos de Baker que são compostos por 7 características, são elas: Genius Loci (características marcantes do lugar), Identidade (particularidade da edificação), Iconologia (compreensão do lugar em âmbito histórico, social e cultural), Significado de Uso (clareza que a edificação consegue passar para as pessoas sobre o seu uso), Plástica (volumetria da edificação), Estrutura (sua expressão através da disposição arquitetônica e geométrica) e Materiais (aplicação dos materiais usados e suas características). Para tanto, foram utilizadas ferramentas como máquina fotográfica, prancheta para anotações a respeito da edificação e croquis.

4º Etapa – Análise Documental: A última etapa se deu em 2 fases, a primeira foi a aplicação de um questionário para a população a respeito do Clube Astréa e a outra a realização do apanhado da literatura e dos recortes jornalísticos, a partir da visita de órgãos institucionais, a exemplo do Instituto de História e Geografia da Paraíba (IHGP).

1º Fase – Foi criado um questionário a respeito do Clube Astréa, afim de identificar nas pessoas que se submeteram as perguntas quais as experiências vividas no Clube, bem como suas opiniões referentes a preservação do Astréa, como também a sua importância para o município de João Pessoa. O questionário (ver no apêndice 01) consta de 13 perguntas, sendo elaborado na plataforma Google Forms online para facilitar a aquisição das respostas, frente às adversidades impostas pela pandemia de Covid - 19. O alcance da aplicação do questionário foi de 102 respostas. Foi criado também uma nuvem de palavras na plataforma WordClouds com o propósito de identificar as palavras mais usadas pelos entrevistados e diante do resultado gerar uma análise.

2º Fase – Critérios dos autores: Ocorrerá uma pesquisa de autores que possuem registros sobre o Clube Astrea, em jornais, revistas e sites acadêmicos ou autores que possui algum acervo histórico seja fotográfico ou documental.

Abaixo, é exposto a estrutura metodológica (ver figura 01), de todas as etapas que fazem parte da presente pesquisa.

Figura 01. Estrutura metodológica

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

2 ANÁLISE DE CORRELATOS TEÓRICOS

2.1 Análise de Manifestações Patológicas Presentes em Edificação Histórica – Estudo de Caso: Casa da Lira

O correlato apresentado foi um estudo de caso em edificação histórica, localizado no município de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul. A edificação conhecida como Casa de Lira, tem como característica arquitetônica o estilo colonial, datada entre os anos de 1898 e 1900, para Samuel Dietschi (1875 – 1948), pessoa importante no cenário cultural da cidade. A residência nos dias de hoje tem o seu uso voltado para o ateliê, bem como para eventos culturais de Novo Hamburgo.

2.1.1 Ficha Técnica:

- Autores: F. B. Da Silva, J. Delazeri, A. Heineck, B. F. Tutikian
- Ano de publicação: 2019
- Área do conhecimento: Patologias na Construção de Edificação Histórica;

2.1.2 Objetivo da Pesquisa:

Essa análise é dividida em 2 etapas, no qual os pesquisadores abordam diversas características tanto arquitetônica como construtiva, afim de se chegar a uma conclusão do que está condenado na sua estrutura. Nessas 2 etapas, os autores subdividem em fases.

2.1.3 Métodos e Metodologia

Neste tópico, os autores realizaram a descrição do objeto de estudo, englobando o seu contexto histórico, bem como a parte construtiva da edificação, os materiais utilizados e como esses materiais se comportam e se comportaram ao longo do tempo. Na fase de intervenções da edificação, é analisado a quantidade de intervenções que aquele “bem” sofreu ao longo do tempo, através de plantas técnicas

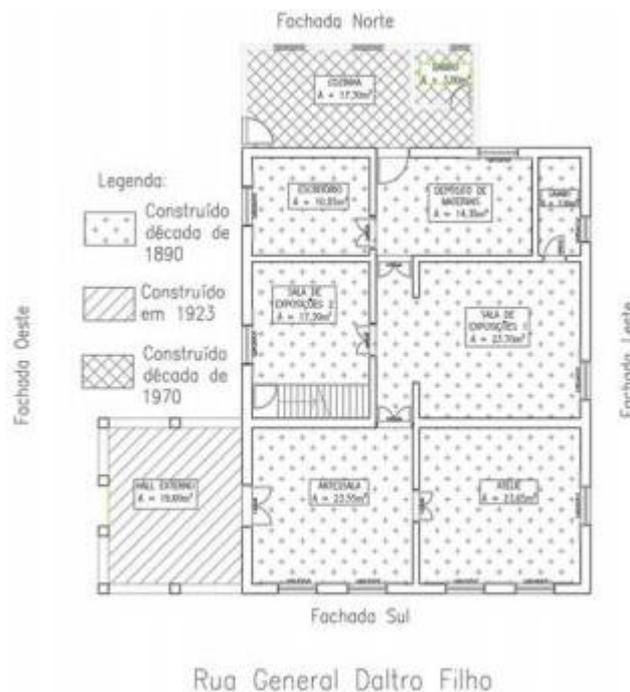
originais, croquis, entrevistas com locatários e acervos fotográficos. Mediante esses estudos, foi criado um quadro de intervenções e em que data foi realizada tal intervenção/manutenção (ver figura 02 e 03).

Figura 02: Tabela – Relação de intervenções

Intervenção/Manutenção	Data em que foi realizada
Rebaixamento da rua Gen. Daltro Filho (levando a acréscimo de um andar térreo e escada lateral)	1923
Pintura externa do segundo pavimento	Década de 1970
Construção de cozinha na parte de trás da casa	Década de 1970
Estrutura superior dos guarda-corpos da entrada foi refeita em concreto armado	Década de 1970
Pintura externa do pavimento térreo	Década de 2000
Retirada de parte do piso de tabuão original para colocação de pranchas de OSB e carpete (em alguns cômodos)	Entre 2000 e 2017
Troca do revestimento cerâmico da entrada	Entre 2000 e 2017
Retirada de tinta óleo vermelha do piso de tabuão (em alguns cômodos) e aplicação de cupinicida	Outubro de 2017
Manutenção e alteração das instalações elétricas	Outubro de 2017
Pintura interna do segundo pavimento	Outubro de 2017

Fonte: F. B. Da Silva, J. Delazeri, A. Heineck, B. F. Tutikian (2019).

Figura 03: Planta Baixa – Casa da Lira



Fonte: F. B. Da Silva, J. Delazeri, A. Heineck, B. F. Tutikian (2019).

Na avaliação, os estudiosos fizeram duas visitas ao local, na primeira eles realizaram uma inspeção visual e bibliográfica para as manifestações patológicas

encontradas, já na segunda vistoria, foram trabalhadas a análise termográfica passiva, que são os calores provenientes de condições climáticas.

2.1.4 Análise dos Resultados

Na etapa de resultados, foram trabalhadas as fases de análise visual, que se dá através de uma tabela mostrando as manifestações patológicas por ambiente (ver figura 04) e outra por fachadas (ver figura 05), no estado atual da edificação, bem como a classificação dos danos.

Figura 04: Tabela de manifestações patológicas por ambiente

Ambiente	Manifestações patológicas
Antessala	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no forro em toda a periferia • Rodapés com danos por cupim • Piso metade OSB, metade original • Fissura canto direito da porta de entrada
Ateliê	<ul style="list-style-type: none"> • Falta pedaço de detalhe no forro • Fissuras no forro e na parede • Rodapé com danos por cupim • Piso de tabuão com danos por cupim
Sala de exposição 1	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no forro e na parede • Rodapé com danos por cupim • Piso de tabuão com danos por cupim
Corredor	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no forro e na parede • Rodapé com danos por cupim • Piso de tabuão com danos por cupim
Sala de exposição 2	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no forro e na parede • Rodapé com danos por cupim • Piso de tabuão com danos por cupim
Banheiro	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de azulejos • Azulejos quebrados • Fissuras em 45° no canto do chuveiro • Fechamento de passagem (porta) com tijolos
Sótão	<ul style="list-style-type: none"> • Escada de madeira com danos por cupim e desgaste de uso • Deslocamento do revestimento na lateral da escada • Cama de forro com danos por cupim • Instalações elétricas soltas • Aberturas desgastadas pelo tempo e cupim
Depósito de materiais e Escritório.	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no forro e na parede • Inclinação do piso em direção à cozinha de 1,9°

Fonte: F. B. Da Silva, J. Delazeri, A. Heineck, B. F. Tutikian (2019).

Figura 05: Tabela de manifestações patológicas por fachadas

Fachada	Manifestações patológicas
Escada lateral e abrigo de entrada	<ul style="list-style-type: none"> • Manchas de umidade / bolhas no revestimento da entrada • Fissuras e deslocamento do revestimento • Presença de vegetação e limo no revestimento • Ferrugem/corrosão nos detalhes metálicos • Estrutura superior dos guarda-corpos foi refeita em concreto armado, que apresenta deslocamento na posição da armadura positiva com exposição das barras e ferrugem, e não acompanhou os elementos decorativos da época.
Fachada oeste	<ul style="list-style-type: none"> • Manchas de umidade ascensional • Manchas de umidade no entorno de esquadrias • Fissuras no revestimento da parede e nas pingadeiras • Perfurações com bucha na parede • Percebe-se, principalmente pelo alinhamento dos detalhes construtivos desta fachada, que a parte de trás da casa está cedendo • Vegetação trepadeira cobrindo parte da escada para o anexo • Inseridas grades das janelas que não são originais (caminho para umidade)
Fachada leste	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no revestimento • Presença de limo • Esquadrias com cupim e desgastadas
Fachada norte	<ul style="list-style-type: none"> • Manchas de umidade ascensional • Deslocamento do revestimento • Esquadrias de madeira sem tratamento e quebradas • Guarda-corpo enferrujado • Ganchos na porta do sótão (caminho para umidade)
Fachada sul	<ul style="list-style-type: none"> • Fissuras no revestimento • Presença de limo • Furos de fixação sem tratamento • Lira decorativa e guarda-corpo enferrujado • Esquadrias com cupim e desgastadas

Fonte: F. B. Da Silva, J. Delazeri, A. Heineck, B. F. Tutikian (2019).

Diante do levantamento de todo o conteúdo, na última fase é desenvolvido as correções que seriam necessárias na edificação, tal qual a prioridade das correções, ou seja, qual reparo seria mais urgente, necessário de se fazer primeiro. Foram escolhidos os reparos da parte externa por possuir uma ocorrência mais frequente, afetando de forma negativa a estética da edificação. São eles:

- Limpeza e revitalização dos elementos presentes na fachada, sendo feito inclusive os reparos das fissuras;
- Restauração das esquadrias de madeira;
- Restauração de elementos metálicos;
- Reparo de fissuras internas;
- Restauração de elementos internos da madeira;

2.2 Análise das Manifestações Patológicas Presentes nas Fachadas de um Casario Tombado no Município de Pesqueira – PE

O correlato a seguir trata das manifestações patológicas nas fachadas em residências, localizadas no município de Pesqueira, estado de Pernambuco. Pesqueira fica localizada na região do Vale do Ipojuca, no agreste pernambucano, possui aproximadamente 981km² de área territorial, tendo como característica o clima semiárido, com temperaturas variando entre 9,8°C a 38,8°C, sendo a umidade relativa do ar de média a alta, apresentando um histórico de elevado índice pluviométrico entre os meses de maio e agosto.

É analisado o Casario da rua Cardeal Arcoverde, que é composto pelos imóveis dos seguintes números: 23, 39, 49, 57, 65, 71, datados do início do século XIX. O conjunto de casas preservam as características arquitetônicas e construtivas originais, mantendo viva os vestígios da história do município de Pesqueira, que até hoje preserva o formato de espinha dorsal, onde possui a via principal, sendo caracterizadas por edificações de estilo arquitetônico neoclássico.

2.2.1 Ficha Técnica:

- Autores: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento;
- Ano de Publicação: 2017
- Área do Conhecimento: Patologias na Construção de Edificação Histórica

2.2.2 Objetivo da Pesquisa:

Tem como propósito, analisar as intempéries presentes nas fachadas de casas tombadas no município de Pesqueira, que podem com o decorrer dos anos, danificar sua estrutura, devido aos agentes agressivos.

2.2.3 Métodos e Metodologias:

Os autores apontam que os patrimônios históricos seguem os mesmos passos de uma avaliação médica, sendo composto por: anamnese (levantamento e

investigação de dados sobre a estrutura), diagnóstico (determinação dos agentes de degradação), terapia (medidas de recuperação) e controle (acompanhamento da eficiência das intervenções).

Após as avaliações, os pesquisadores criam uma tabela mostrando informações sobre os problemas apresentados nas fachadas (ver figura 06).

Figura 06: Manifestações patológicas presentes nas fachadas

Problemas	Causas
Manifestações causadas por umidade: <ul style="list-style-type: none"> • Efflorescência • Mofo • Bolor • Vesículas • Manchas 	<ul style="list-style-type: none"> • Infiltração • Condensação • Processos construtivos Inacebados • Capilaridade • Absorção • Percolação • Ausência de dreno, pingadeira ou calha
Fissuras, Trincas e Rachaduras	<ul style="list-style-type: none"> • Recalque • Movimentos estruturais • Contração • Esforços excessivos (tração e compressão) • Dilatação térmica ou higrométrica
Descolamento do revestimento	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos estruturais • Dilatação térmica • Baixa aderência • Materiais Inadequados • Ações do meio • Falhas de execução • Baixa resistência do revestimento
Manchas	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos construtivos • Ações do vento e chuva • Poluentes atmosféricos

Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Segundo os responsáveis pela pesquisa, foi utilizado como base para a metodologia, as referências propostas por Lichtenstein (**Lichtenstein, 1986**). Foi produzido um fluxograma no qual é mostrado um roteiro de medidas reparativas, sendo apresentado um pré – diagnóstico das manifestações presentes nas fachadas (ver figura 07).

Figura 07: Fluxograma de Medidas Reparativas



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Há também a utilização de acervo fotográficos, mostrando todas as patologias existentes nas casas como parte do diagnóstico (ver figuras 08,09,10,11).

Figura 08: Desagregamento do revestimento na fachada do Imóvel nº23



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Figura 09: Manchas de lodo e aberturas



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Na figura 08 observa-se o desagregamento do revestimento na fachada, que popularmente é conhecido como uma parede “descascada”, ou seja, devido a falta de conservação e o desgaste natural em razão do tempo, ocorre a soltura do revestimento da parede na qual esse revestimento não está mais aderente. Na figura 09 são analisadas as manchas de lodo presente na parede bem como as suas aberturas, entende-se que surgiu devido a umidade do lugar e conseqüentemente a sua ausência de assistência.

Figura 10: Rachadura no arco da esquadria



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Figura 11: Ausência de Revestimento



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

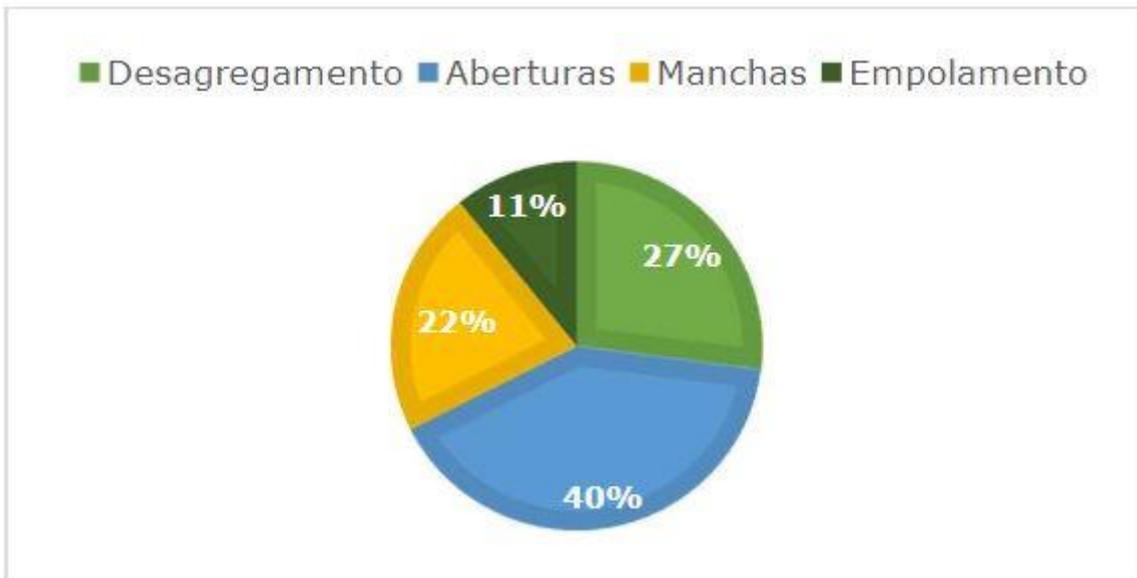
Na figura 10, há uma rachadura no arco da esquadria, por se tratar de uma edificação histórica tendo como característica esse adorno na janela, é provável o desgaste devido ao tempo que está inserido na parede, sendo necessário uma manutenção preventiva para poder evitar patologias como essa. Na figura 11, percebe-se a ausência de revestimento, por ficar localizada no ambiente que recebe todas as intempéries como o sol e chuva, o desgaste ocorrerá com uma maior frequência, sendo necessário uma correção periódica.

2.2.4 Análise dos Resultados

Mediante a análise feita, constatou-se que as patologias recorrentes nas fachadas foram na sua maioria aberturas e desagregamentos dos revestimentos, no

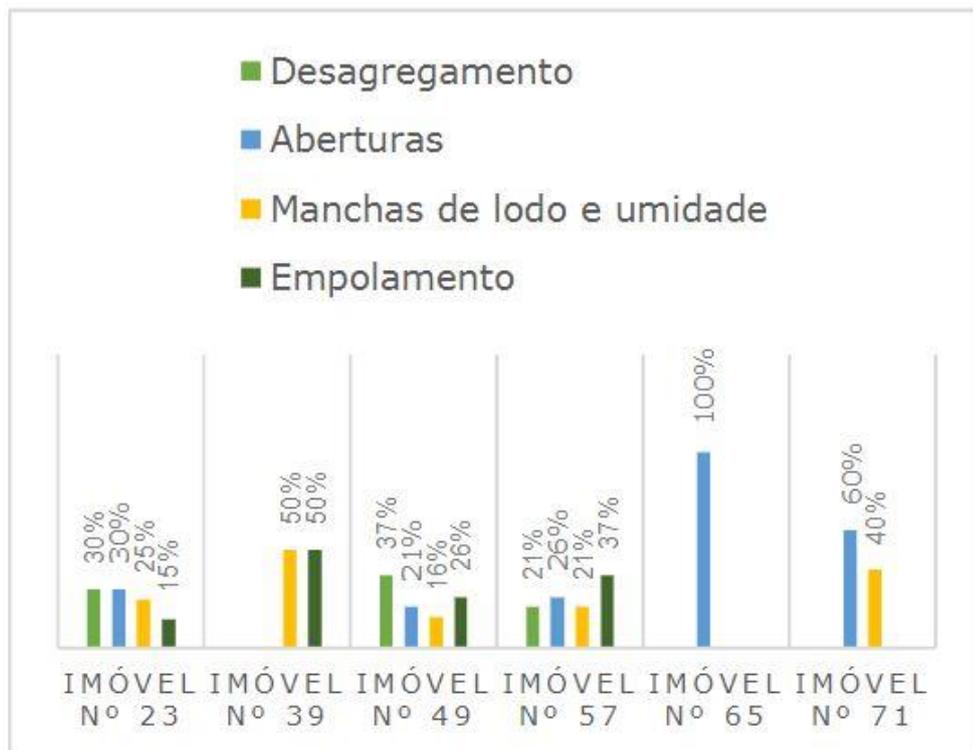
qual criou-se um gráfico geral (ver figura 12) e um gráfico específico para cada imóvel mostrando suas patologias mais recorrentes (ver figura 13).

Figura 12: Gráfico das Patologias Presentes nas Fachadas



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Figura 13: Gráfico das Patologias mais Recorrentes em Cada Imóvel Analisado



Fonte: Juliane Monteiro Pires, Dione Luiza da Silva, Emília Rahnemay Kohlman Rabbani, Ismaylly Michel Silva do Nascimento (2017).

Por meio dos resultados obtidos, constatou-se que uma boa parte dos problemas estudados nas fachadas se deram por meio da ampla variação de temperatura associada ao alto teor de umidade e chuvas constantes, ocasionando acúmulos de água no revestimento. Todavia, a ausência de manutenção é um fator fundamental para a degradação dos imóveis tanto arquitetonicamente como estruturalmente, portanto a assistência é de suma importância, principalmente para imóveis históricos, que possui uma construção mais antiga e conseqüentemente requer um maior cuidado.

2.3 Manifestações Patológicas em Edificação Construída na Década de 1930 – Um Estudo de Caso

O correlato em análise busca as manifestações patológicas presentes na escola Estadual Ruy Barbosa, localizado no centro da cidade de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, construída na década de 1930. O município possui 83.475 habitantes (dados do IBGE divulgado no dia 28 de agosto de 2019), sendo considerado o município mais populoso da região Noroeste do Estado. É considerado uma cidade universitária, e com amplos recursos hospitalares, possuindo um fluxo de 100 mil pessoas, compondo o maior e mais importante centro populacional da região.

2.3.1 Ficha Técnica:

- Autores: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler;
- Ano de Publicação: 2006
- Área de Conhecimento: Patologias na Construção de Edificação Histórica

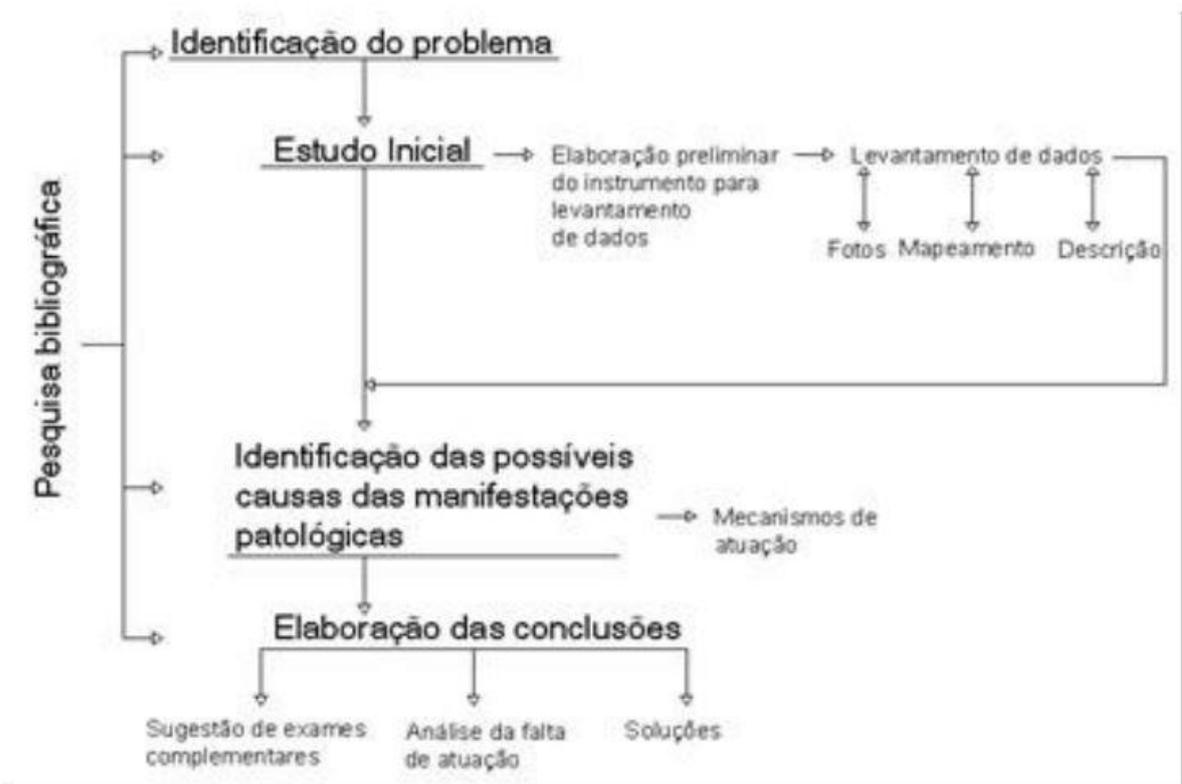
2.3.2 Objetivo da Pesquisa:

Tem como função analisar as manifestações patológicas existentes na escola Estadual Ruy Barbosa, datada da década de 1930, com o intuito de apontar as possíveis causas, mecanismos de degradação e soluções pertinentes a serem utilizadas para o prolongamento da vida útil do prédio.

2.3.3 Métodos e Metodologias:

Os pesquisadores dividiram essa fase em dois momentos, a primeira fase trata-se da organização geral da pesquisa, no qual, os autores trabalham em cima de um fluxograma (ver figura 14) já existente em uma dissertação de mestrado realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como autora Inês Martina Lersch, porém o fluxograma foi adaptado pelos autores, referente a proposta e ao objetivo do artigo. Após finalizado, eles subdividem em 5 etapas, são elas: Identificação dos problemas, pesquisa bibliográfica, estudo inicial, identificação das possíveis causas das manifestações patológicas e elaborações de conclusões.

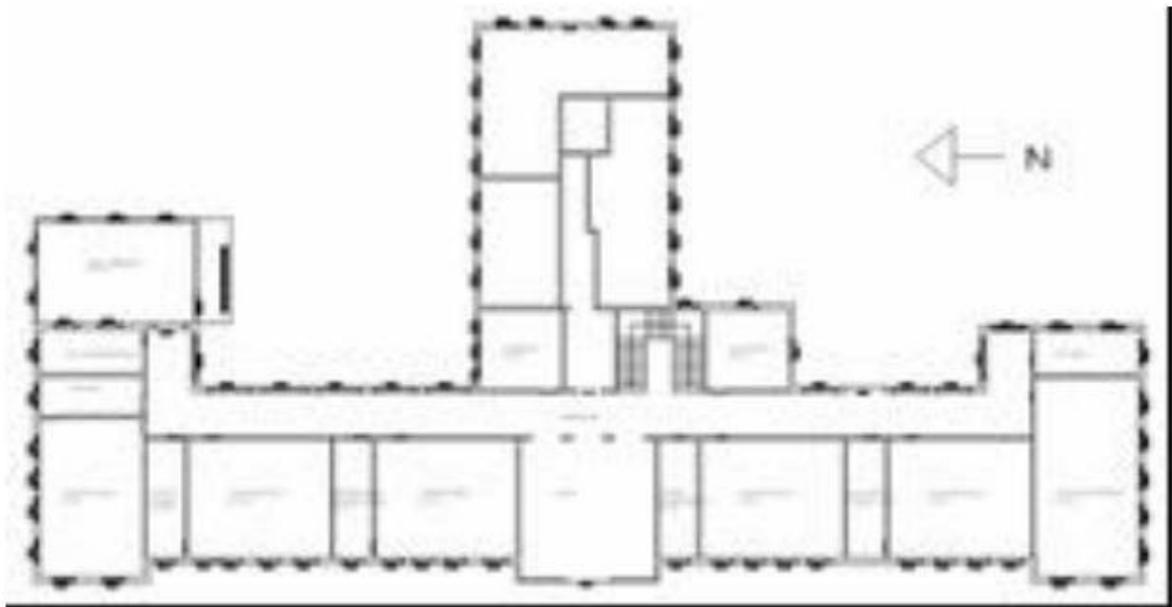
Figura 14: Fluxograma para Orientação da Pesquisa



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

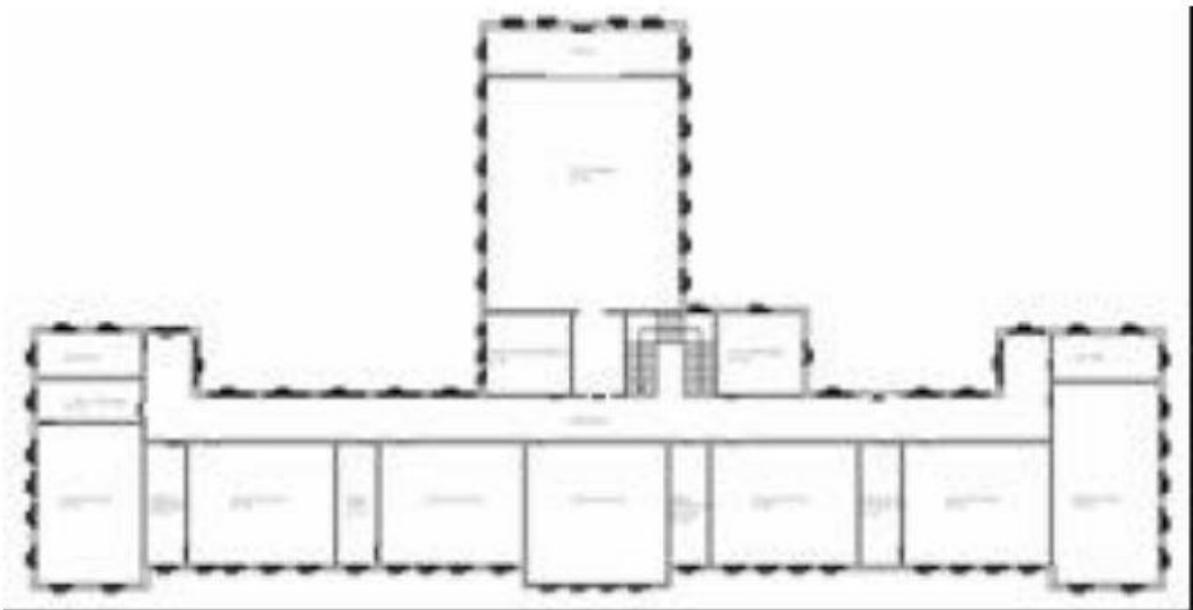
Na segunda fase, são abordados os materiais de análise e interpretação de dados, no qual se tem a origem no levantamento de dados, onde são organizados o acervo fotográfico, como a planta técnica (ver figura 15 e 16), os locais na edificação que possuem alguma manifestação patológica (ver figura 17, 18, 19) junto com uma descrição técnica dos sintomas apresentados para serem analisadas adiante, verificando-se as causas e possíveis soluções.

Figura 15: Planta Baixa - Térreo



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

Figura 16: Planta Baixa – 1º Pavimento



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

Figura 17: Fissuras na Parte Externa da Ala Norte



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

Figura 18: Fissuras Laje da Ala Norte



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

Figura 19: Fissuras na Ala Norte Externa Frontal



Fonte: Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler (2006).

Nas figuras acima (17,18,19), observa-se uma patologia muito comum nas edificações, principalmente aquelas de cunho histórico, que são as chamadas fissuras. As fissuras são pequenas aberturas que surgem principalmente por conta da umidade, quando não tratadas corretamente, poderão se transformar em trincas que são caracterizadas por aberturas maiores comprometendo ainda mais a estrutura da edificação.

2.3.4 Análise dos Resultados:

Percebeu-se que dentre as problemáticas vistas na edificação, a maior parte delas se dá por deformação e movimentação da fundação, caracterizando-se como agente imediato, mas também, é visto possíveis agentes remotos, a exemplo da rede de instalações hidrossanitários e construção de poços sumidouros próximos a edificação, sendo necessário a troca das instalações hidrossanitários, para só assim poder intervir na fundação da escola, pois é fundamental a troca das instalações antes da interferência na fundação, por conta de vazamentos. Outras patologias mais específicas também foram encontradas, são elas:

- Pequenas fissuras, que podem ser resolvidas com selagem com nata de cimento ou reboco novo;
- Fissura da laje, que podem ser resolvidas através de “ensaios”, como por exemplo a prova de carga;

Diante do cenário estudado, conclui-se que vários foram os fatores responsáveis pela degradação do imóvel, no qual podemos destacar: agentes climáticos, agentes biológicos e a ação do homem.

2.4 Síntese da análise dos correlatos

Foi de importante valia a análise dos três correlatos como objeto base de estudo, pois através deles se tem o embasamento da área de pesquisa voltada tanto para o contexto histórico como para as patologias em edificações antigas, e que de algum modo, fazem parte da sociedade que ali habita. A avaliação dos correlatos serviu como parâmetro para o desenvolvimento tanto no que diz respeito a abordagem teórica, tratando desde o surgimento da edificação até os dias atuais, como para a apresentação da análise, através da elaboração de tabelas expondo suas patologias, e de fluxogramas, mostrando o passo a passo metodológico, e por fim, os resultados e as soluções. A seguir, apresenta-se o quadro com a síntese da presente investigação.

Quadro 02 – Síntese dos Correlatos

Correlato	Localização/ Ano	Autores	Objetivos	Métodos e Metodologias	Resultados
Casa da Lira	Novo Hamburgo – RS (2019).	F.B da Silva, J Delazeri, A Heineck, B.F Tutikian.	Identificação das patologias presentes na edificação.	Acervo fotográfico, plantas técnicas e tabelas de intervenções.	Tabelas de manifestações por ambientes e fachadas. Proposta de hierarquização dos reparos necessários.
Casario Tombado	Timbaúba – PE (2017).	J. M. Pires, D.L. da Silva, E.R. Kohlman Rabbani, I. M. Silva do Nascimento.	Quais as patologias presentes na edificação.	Metodologia de Lichtenstein (registros fotográficos), identificando os problemas.	Baixo nível de impermeabilidade de dos elementos dos revestimentos, ocasionando acúmulo de umidade.
Escola Estadual Ruy Barbosa	Ijuí – RS (2006).	Lucas Fernando Krug, Luís Eduardo Azevedo Modler.	Análise das patologias existentes em uma edificação da década de 1930.	Estudos preliminares através da regraficação do projeto, acervo fotográfico e mapeamento das patologias.	Os dados foram levantados através do registro fotográfico das patologias existentes, junto a descrição técnica dos fenômenos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, a presente pesquisa tem como objetivo referenciar autores que tem como área de estudo o patrimônio histórico, arquitetura moderna e patologias em edificações históricas, buscando como embasamento as suas ideias perante os temas em estudo, afim de explicar a importância e a sua contribuição do patrimônio histórico junto a arquitetura, seja social, cultural ou econômica, bem como a sua manutenção.

3.1 Patrimônio Histórico

O patrimônio histórico é de fato uma importante linha do tempo, que faz com que a sociedade entenda a história do lugar em que vive, o passado de centenas ou milhares de anos, tudo o que é mantido naquela determinada edificação faz a memória das pessoas continuarem vivas e assim ir passando de geração em geração, sem deixar que a narrativa morra. Segundo **Choay (1992, p.11)**, o patrimônio histórico pode ser definido como:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras – primas das belas – artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir – faire* dos seres humanos.

Segundo **Grammont (2006)**, com o passar do tempo, o significado da palavra “patrimônio” veio sofrendo mudanças no seu conceito desde a sua origem, como também as definições dos princípios de conservação e restauração. Em outrora, o termo “patrimônio” tinha como entendimento algo que era passado hereditariamente. Contudo, quando foi acrescentado a palavra “histórico”, a personificação e o tratamento tiveram outras significações que foram se transformando com o passar dos anos. O patrimônio inicialmente, pode ter sua atenção e cuidado voltado aos monumentos (**GRAMMONT, 2006; CHOAY, 2000**). E para adentrar nessa temática, o crítico Alois Riegl possui em seus preceitos, o monumento como (**ALOIS RIEGL, 1903**):

No senso mais antigo e verdadeiramente original do termo monumento é uma obra criada pela mão do homem com o intuito preciso de conservar para sempre presente e viva na consciência das gerações futuras a lembrança de

uma ação ou destino. Nesse sentido, o monumento, em seu sentido original, relaciona-se com a manutenção da memória coletiva de um povo, sociedade ou grupo.

Para **Choay (2000)**, o nascimento da conservação dos monumentos históricos na Europa pode-se considerar difundida na Itália, mais especificamente em Roma, por volta do ano de 1420, quando Martinho V recria a sede do papado na cidade desmastreada à qual almejava restituir o seu poder e o seu prestígio, possuindo como objetivo o processo de apropriação dos monumentos gregos pelos romanos, com a intenção de confirmar o passado glorioso de Roma. Porém, só a partir do ano de 1430 e do pontificado de Eugênio IV é que os humanistas de sua corte começam a requerer a conservação e proteção dos monumentos romanos. Segundo **Choay (2000, p.44)**, afirma que:

É aos papas que compete a tarefa de preservação. Mas trata-se, agora, de uma conservação moderna, já não apropriadora e lesiva, mas distanciada, objetiva e provida de medidas de restauro e de proteção dos edifícios antigos contra as agressões múltiplas de que são alvo.

Ademais, os conceitos voltados a restauração, surgiram no final do século XVII e como exemplo pode-se citar d'Aviler (**D'AVILER, 1710, v. 2, p. 836**):

Restauração; é o refazimento de todas as partes de um edifício degradado & deteriorado por defeitos de construção ou pela sucessão do tempo, de modo a que ele seja reconduzido à sua forma primitiva, & mesmo aumentado consideravelmente, como aquela que o Rei mandou fazer no velho castelo de S. Germain en Laye construído por Francisco I. Restaurar; é restabelecer um edifício, ou reconduzir ao seu estado primitivo uma figura mutilada. A maior parte das estátuas antigas foram restauradas, como o Hércules de Farnese, o Fauno de Borghese em Roma, os Lutadores da galeria do grão-duque de Florença, a Vênus de Arles que está na Galeria do Rei em Versalhes; & essas restaurações foram feitas pelos mais hábeis escultores.

Surge então, a partir da segunda metade do século XVIII, os entendimentos associados a intervenção em obras do passado, que tinham aparecido desde o Renascimento, passam a se firmar para, logo adiante, serem articuladas nos significados relacionados ao restauro. A restauração, por sua vez, passa a ter como embasamento, o conhecimento histórico e em análises formais, obtendo uma maior rigidez e método nos procedimentos, tendo o suporte francês expressivo nessas mudanças. Até então, a restauração era vista como um procedimento voltado ao restabelecimento do estado original da obra (**KÜHL, 2007**).

No final do século XVIII, especificamente nos anos de 1793 e 1794 são apresentados relatórios sobre o vandalismo, sendo estes elaborados pelo abade Henri Grégoire ao Comitê de Instrução Pública na Convenção, afim de denunciar as barbáries contra as construções históricas e de caráter indenitário, além de conclamar a sociedade de “bom caráter” a proteger os bens patrimoniais. Entre os anos de 1790 e 1795, ocorreram tentativas de inventariar e conservar obras de arte, através da atuação de correspondentes locais. Essa iniciativa, porém, comportava vários problemas, tais como a falta de meios para elaborar um inventário amplo e sistemático, para pagar os deslocamentos dos membros da Comissão para inspeções e para remunerar os correspondentes **(CHOAY, 1992, p.95)**.

Na França, após a queda da Bastilha em 1789, volta-se a pensar na preservação dos monumentos, tendo em vista todas as destruições ocorridas em virtude da “modernização da cidade medieval”. Com a Revolução Francesa, ocorreram intensas mudanças na organização social e política, no qual o conceito de “patrimônio” foi relacionado a apropriação coletiva. Os chamados comitês revolucionários entre os anos de 1790 a 1792 iniciaram o discernimento do que seria o “nacional”, ou seja, instituíram o termo “patrimônio” ao conceito de políticas públicas, afim de preservar e enaltecer os bens que representam a nação. Com isso, os princípios de conservação dos monumentos surgiram mediante a Revolução Francesa **(NUNES; LIMA, 2009)**.

No século XIX, foi criado em 1837, a Comissão dos Monumentos Históricos, sendo essa, a pioneira. A França, país que foi berço dos primeiros direcionamentos conservacionistas, foi instigada pelas ideias do Iluminismo e anelava o impedimento do vandalismo, sendo os edifícios medievais os principais alvos. Em contrapartida, o desprezo por estes e as intervenções urbanas de larga escala haviam sido uma constante e mesmo antes do vandalismo, era normal o seu uso como origem de materiais de construção para erguer novas edificações. A comissão era caracterizada por três grandes categorias de monumentos históricos, compostas pelos remanescentes da Antiguidade, os edifícios de característica religiosa da Idade Média e alguns Castelos **(GRAMMONT, 2006)**.

Mediante a situação de desprezo pelos monumentos históricos, surge Quatremère de Quincy, arqueólogo, crítico de arte, filósofo francês e um dos primeiros pensadores da salvaguarda patrimonial, no qual afirma que “dividir é destruir” **(QUATREMÈRE DE QUINCY, 1996, p.100)**, sendo contra a repatriação de obras de

arte, hábito francês, considerando seus êxitos de poder e territorial, desconsiderando tais atos. O crítico dá destaque ao ambiente cuja as obras estão inseridas, porque a cidade de Roma não é constituída apenas por seus monumentos, mas também por suas montanhas, vias, tradições locais e lembranças, contribuindo para a necessidade de preservação do contexto (**QUATREMÈRE DE QUINCY, 1996**).

Além disso, **Quatremère de Quincy (1996)** antecipou duas das principais vertentes do restauro no século XIX, uma voltada à conservação, que seu principal estudioso seria John Ruskin e outra voltada a complementos em estilo, sendo destaque nessa área de pesquisa, Viollet – le – Duc.

Dentre outros pensadores voltados para a teoria da restauração citados por **Kühl (2007)**, podem-se destacar: Ludovic Vitet (1802 – 1873) possuindo como característica a preferência por aspectos documentais, como também achava desnecessário as correções e embelezamentos de partes da obra que eram consideradas irregulares ou incompletas; Prosper Mérimée (1803 – 1870) que tinha como linha de pensamento a manutenção dos monumentos em sua perfeita integridade, era contrário ao vandalismo, e tinha como conselheiro outro importante pensador já citado anteriormente, Viollet – le – Duc (1814 – 1879), no qual detinha de obras góticas e românicas, bem como o envolvimento artístico e cultural.

Ainda segundo **Kühl (2007)**, John Ruskin (1819 – 1900) teve sua importância no campo do patrimônio trazendo consigo características como: fomentador do movimento Arts and Crafts, inimigo da Revolução Industrial e representante da teoria romântica, cabe ressaltar também nomes importantes como William Morris (1834 – 1896), notável seguidor de Ruskin e criador da sociedade dos edifícios antigos, assim como Camillo Boito (1834 – 1914), tido como defensor da manutenção do edifício ao longo do tempo de modo a evitar-se o restauro, com acréscimos e renovações à semelhança de Ruskin, porém sem deixa-lo cair em ruínas passivamente.

Além destes pensadores, destaca-se também o crítico Alois Riegl (1858 – 1905), que foi presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria. Para **Cunha (2006)**, o autor empreendeu uma reflexão que se funda muito mais no valor outorgado ao monumento do que no monumento em si, tratando valor não como categoria eterna, mas como evento histórico, também classifica os monumentos a partir dos Valores rememorativos: histórico, antiguidade, rememorativo intencionado e Valor de contemporaneidade: instrumental e artístico.

Adentrando no início do século XX, podemos citar a figura de Gustavo Giovannoni (1873 – 1947) no qual possui uma representação muito importante no restauro científico, por apresentar contribuições que segundo **KÜHL et al (2012)** destacam-se como o uso de técnicas modernas de consolidação, como o concreto armado e a criação da Teoria do Restauro Científico.

A respeito do estudioso Cesare Brandi (1906 – 1988), podemos citar segundo **Cunha (2004)**, contribuições como a dedicação a teoria do restauro crítico e o reconhecimento da obra de arte, que para ele era derivado através da conscientização de valor, seja material, técnica utilizada ou mesmo pela notoriedade do autor.

Para a Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), desde o ano de 1948 há debates sobre o patrimônio histórico, conceituando – o em um alicerce genérico, fazendo parte dessa essência (**UNESCO,2020**):

(...) os conjuntos urbanos, parques nacionais, paisagens transformadas pelos seres humanos, ecossistemas e diversidade biológica, objetos considerados pré-históricos, instrumentos arquitetônicos, tradições da cultura popular imaterial, tesouros subaquáticos, lugares sagrados, monumentos históricos e obras de arte, proporcionando uma proteção a todos esses “bens” para quem os detém, sejam eles públicos ou privados.

No término da Segunda Guerra Mundial, os números de bens inventariados se multiplicaram, todavia, a sua essência era basicamente a mesma, possuindo como característica a arqueologia e história da arquitetura erudita. Essa definição imperou até a década de 1960, no qual surgiu a comissão que determinou “parâmetros e tipologias afim de que não desprendesse testemunhos historicamente significativos” (**CHOAY, 1992, p.12**).

Ainda sobre **Choay (1992, p. 12)** afirma-se que foram criados dois termos para separar as edificações com relação as suas particularidades. Denomina-se arquitetura menor, termo esse derivado da Itália, as construções particulares que não são monumentais, a exemplo de edificações que não tiveram a participação de profissionais da arquitetura.

Pode-se caracterizar arquitetura vernacular, sendo esse um termo de cunho inglês para designar os edifícios de atributos locais, arquitetura industrial referente as usinas, estações e dos altos – fornos, pois a França elaborou uma seção do patrimônio industrial da Comissão Superior dos Monumentos Históricos no ano de 1986. Sendo assim, o controle patrimonial não iria se limitar mais aos edifícios individuais, ele agora

vai fazer parte dos aglomerados de edificações e da malha urbana, que são caracterizadas por aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades, a exemplo das cidades da região de Wachau, localizado na Áustria (**CHOAY, 1992, p.13**).

Mediante a análise de como surgiu o patrimônio histórico no mundo, podemos conceituar alguns termos que são usados para classificar os bens, como o patrimônio cultural, que segundo **Figueiredo (2013)**:

O patrimônio cultural é um conjunto de todos os bens que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo. Pode ser classificado em dois grupos: bens materiais e bens imateriais.

Já o conceito de patrimônio imaterial, seria a porção de cada grupo social e como eles se portam ou agem, tornando-se uma particularidade de cada grupo, por meio de suas ações como por exemplo em comemorações, sendo criado uma identidade. A **UNESCO (2020)** caracteriza como patrimônio imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

No que diz respeito ao patrimônio material e arquitetônico, a interpretação do **IPHAN (2014)**, seria que:

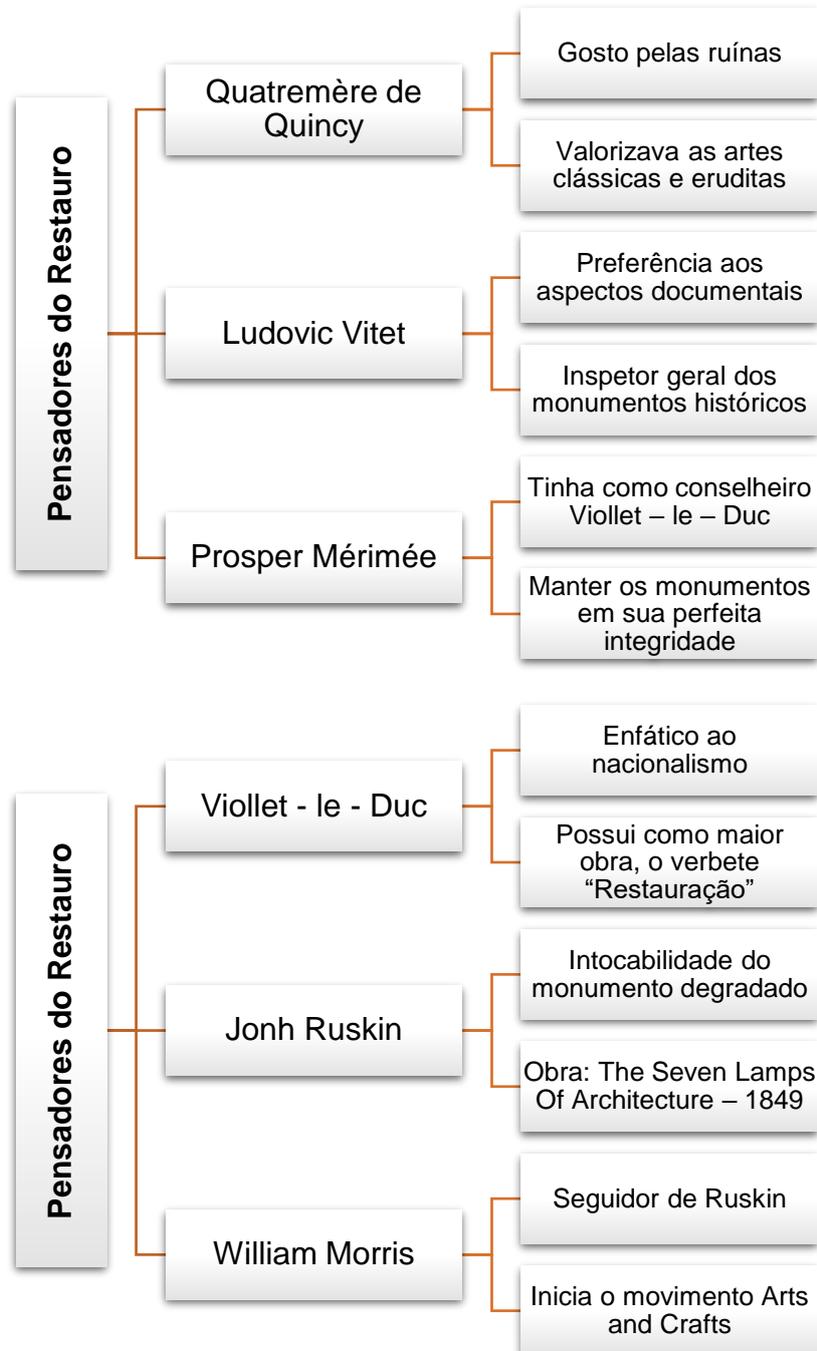
Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

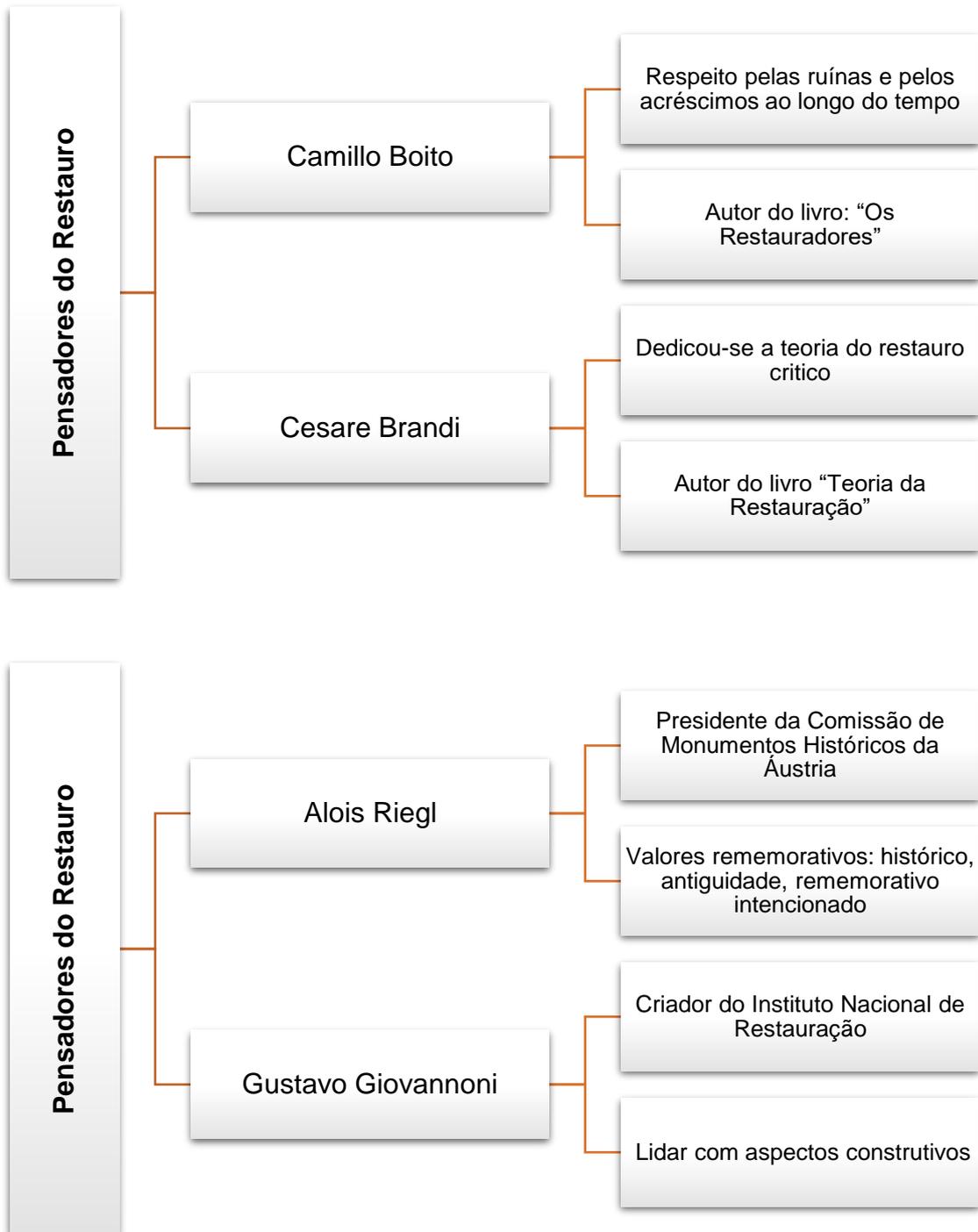
Ainda sobre o **IPHAN (2014)**, para explorarmos o conceito de patrimônio arqueológico, baseados nos estudos feitos, conclui-se que:

(...)os bens de natureza material de valor arqueológico são definidos e protegidos pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, sendo considerados bens patrimoniais da União. Também são considerados sítios arqueológicos os locais onde se encontram vestígios positivos de ocupação humana, os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", as grutas, lapas e abrigos sob rocha, além das inscrições rupestres ou locais com sulcos de polimento, os sambaquis e outros vestígios de atividade humana.

Em uma abordagem geral, pode-se destacar os estudiosos e seus feitos através dos fluxogramas abaixo (ver figura 20):

Figura 20 - Fluxograma dos Principais Autores da Teoria do Restauro





Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3.1.1 Patrimônio Histórico no Brasil

Para **Nunes; Lima (2009)**, a respeito do Brasil, a ligação com o patrimônio histórico estava interligada a todas as coisas que faziam parte da herança cultural Ibérica, ou seja, estava conectada em apenas um período da história do país. Pode-

se considerar símbolo da ação patrimonial os anos de 1930 até os anos de 1970, sendo preferência os exemplares arquitetônicos datados do período colonial. Vale salientar que no século XVIII, o vice rei do Brasil (D. André de Melo e Castro) e enviado ao governador de Pernambuco (D. Luís Pereira Freire de Andrade) expos a vontade de negar a mudança das instalações militares para o Palácio das Duas Torres, localizada na cidade de Recife. Para eles, o palácio tendo seu uso irregular poderia ser arruinado, solicitando assim, para que as tropas ficassem no quartel. Essa situação foi considerada a pioneira no quesito preservacionista do que se tem informações **(NUNES; LIMA, 2009)**.

Para os bens imóveis, o interesse de preservação começa a ter mais intensidade por volta dos anos 1920, pois a ausência de sua manutenção estava comprometendo as edificações, surgindo assim os olhares de pessoas interessadas nesse campo preservacionista em torno desses imóveis, passando a ocorrer acusações por parte deles pela falta de consciência, pois a memória estaria sendo cada dia mais apagada nas cidades de cunho histórico. Também houve a percepção desses estudiosos de que a alta sociedade não se preocupou com a “memória” das cidades, bem como o governo, podendo assim, ocorrer a perda total da história do país. Diante dos fatos, gerou-se um receio do Congresso Nacional, em entidades culturais e na imprensa **(FONSECA, 1997)**.

No Brasil se tem o primeiro entendimento no âmbito jurídico de patrimônio histórico na Constituição de 1934, no qual o artigo 10 possuía como responsabilidade colocar o poder público como instrumento de preservação dos monumentos de cunho artístico ou histórico que tenham valor nacional. O artigo afirma que: “Compete concorrentemente à união e aos Estados: III – Proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte” **(CONSTITUIÇÃO DE 1934)**.

Com o surgimento das primeiras noções jurídicas no que se refere ao patrimônio, o presidente Getúlio Vargas sanciona o Decreto – Lei de nº 25, datado de 30 de novembro de 1937, criando o Órgão SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ao qual foi moldado por intelectuais e artistas da época. De acordo com o **DECRETO - LEI N. 25 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937**, o órgão passou a entender o patrimônio histórico como:

O conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Com isso, o país passa a ter uma Lei mais abrangente no quesito de preservação dos bens históricos. As leis que vêm surgindo após a pioneira, apenas atrás consigo correções no campo de entendimento sobre os direitos e obrigações tanto do governo, como por parte da sociedade (**FONSECA, 1997**).

Afirma-se que os esforços iniciais de preservação em bens por parte do poder público datam de 1934, com o surgimento da Inspetoria de Monumentos Nacionais, sendo este, fruto da expansão do Museu Histórico Nacional. Era dever da Inspetoria criar um catálogo dos imóveis de importância cultural, artístico e histórico e recomendar ao Governo Federal transformá-los em bens de valor nacional mediante o decreto (**RODRIGUES, 1998**).

Para **Nunes; Lima (2009)**, no século XX, mais precisamente nos anos 70, são postas novas pretensões no campo do patrimônio, sendo o período colonial visto com um olhar mais comprometido. Por outro lado, representações culturais populares, como ritos e artesanato, que até então só tinham olhares voltados por folcloristas e etnólogos, passam a ser considerados como patrimônio. O entendimento de patrimônio esteve agregado a variados princípios e os fundamentos anexaram ao conceito a sua experiência. Dito isso, o termo patrimônio não pode ser estagnado em apenas um conceito definitivo, ou seja, cada país terá o seu entendimento perante a sua história vivida, para assim ter uma determinada ação voltada ao patrimônio.

Pode-se destacar o IPHAN no âmbito federal, como a instituição responsável pela preservação dos bens presentes no Brasil, possuindo como função o inventário do patrimônio histórico, que se dá através da complementação das fichas catalográficas referentes ao monumento ou sobre os entendimentos da população que ali habita. Como já mencionado anteriormente, o significado da palavra patrimônio sofreu variados complementos no seu conceito, e no século XX, mais especificamente nos anos 70, ocorreu uma expansão na definição do termo patrimônio, no qual foi implantado um Centro de Referência Cultural que tinha como incumbência distinguir diferentes elementos culturais voltados a arquitetura (**NUNES; LIMA, 2009**).

Mediante a variação de conceitos, a **CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**, amplia o campo da preservação e inclui outras atividades culturais como parte do

patrimônio histórico cultural e de valor nacional, incluindo os de natureza imaterial. Destacam-se como patrimônio cultural brasileiro:

(...) bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Na esfera estadual, ressalta-se o IPHAEP, órgão que tem como responsabilidade zelar pelos bens no Estado da Paraíba, sendo sua sede localizada na capital, João Pessoa. Surgiu pelo Decreto – Lei nº 5.255, datado de 31 de março de 1971, todavia desde 2009 é através do Decreto – Lei de nº 9.040 datado de 30 de dezembro de 2009 que o órgão utiliza os objetivos e estrutura. Cabe evidenciar os municípios que tem monumentos tombados, são eles: Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa, Mamanguape, Pilar, Pombal, Princesa Isabel, Remígio, Rio Tinto, São João do Cariri, São João do Rio do Peixe e Sousa **(GOVERNO DA PARAÍBA, 2020)**.

O município de João Pessoa, cidade do objeto de estudo, é considerado a terceira cidade mais antiga do país, fundada em 1585, sendo o seu surgimento às margens do Rio Sanhauá. João Pessoa possui valiosos tombamentos de diferentes épocas da arquitetura, desde a arquitetura colonial até a arquitetura contemporânea, possuindo o centro histórico que abriga as edificações mais antigas, sendo conhecido como “cidade alta” e “cidade baixa” devido aos diferentes níveis topográficos, todos eles tombados pelo IPHAEP **(PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, 2020)**.

O órgão fez os tombamentos no centro histórico do município no ano de 2009, contando em 502 edificações, sendo considerado o maior número no bairro do Varadouro (nomeada como cidade baixa) já a classificada como “cidade alta” abrange uma área de aproximadamente 370 mil m², distribuídas em vinte e cinco ruas e seis praças, como o antigo Porto do Capim, local onde teve início a construção da cidade **(IPHAEP, 2020)**.

Ainda sobre o **IPHAEP (2020)**, é importante explanar sobre as edificações de João Pessoa e seus variados estilos arquitetônicos, na qual o órgão relata que:

As edificações protegidas são representativas dos vários períodos da história de João Pessoa: o barroco da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, o rococó da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o estilo maneirista da Igreja da Misericórdia, a arquitetura colonial e eclética do casario civil, e o *art nouveau* e o *art déco* das décadas de 1920 e 1930, predominantes na Praça Anthenor Navarro e no Hotel Globo. A cidade se desenvolveu a partir de dois núcleos principais: o Varadouro e a Cidade Alta, ligados pela Ladeira de São Francisco.

A respeito da importância da “cidade alta”, afirma-se **IPHAEP (2020)**:

A Cidade Alta se formou ao redor da Igreja Matriz, onde se instalaram as primeiras residências da elite. Nessa área, estão situados vários monumentos importantes, como o Museu de Arte Sacra da Paraíba (localizado no Conjunto da Ordem Terceira de São Francisco), o Teatro Santa Roza (terceiro mais antigo do Brasil, todo revestido internamente de madeira pinho de riga), a Biblioteca Pública Estadual (exemplar do ecletismo do final do século XIX). No século XX, o comércio de padrão médio e alto migrou para a Cidade Alta, causando a valorização dos terrenos.

Diante da amplitude que se tornou o âmbito preservacionista, deve-se destacar que a importância agora não será só de edificações, de bens “concretos”, mas também de natureza imaterial, como parte da cultura do país, de manifestações artísticas espalhadas em cada parte do Brasil, que mediante um longo caminho percorrido foi finalmente reconhecido, e passou a ter valor para a sociedade nacionalmente **(FUNARI; PELEGRINI, 2006)**.

3.1.2 Cartas Patrimoniais

Pode-se dizer que até o século XIX, o termo patrimônio poderia ser classificado como um conjunto de edificações, objetos e documentos de valor artístico ou histórico, contudo, no século XX esse termo adquiriu ainda mais atributos. Dadas essas características, os bens passam a ser avaliados também pelo seu entorno, ou seja, os monumentos passam a ser analisados isoladamente ou considerados em um conjunto como um todo. Todavia, esse contexto não foi bem visto, sendo considerado uma mutilação. Os monumentos antigos deveriam ser revitalizados tecnologicamente, e as demolições possuiriam limites mediante as intervenções aleatórias, como também os acréscimos nas construções que deveriam ser respeitados, e seria estudada ainda a adoção de usos compatíveis **(MENICONI, 1999)**.

Os modernistas explanavam sobre a chamada “Tábula rasa”, que seria o arrasamento de bairros inteiros, sucedendo por arranha-céus padronizados e mantendo apenas monumentos de valor notório, a exemplo do Plan Voisin¹ de Le Corbusier (1925) e da intervenção dos centros antigos franceses no decorrer da década de 1950 (**MERIN, 2016**).

Dando início aos documentos responsáveis pela conservação e preservação dos bens patrimoniais, estão as cartas patrimoniais, que seriam manuscritos que detém a função de guiar e instruir de como intervir no bem e como dar uso ao mesmo. No ano de 1931, eis que surge a chamada Carta de Atenas, a qual aborda a fundamentação de processos referentes ao campo da arquitetura e sugere diretrizes no tocante a conservação e preservação de imóveis, afim de possuírem reconhecimento mundial e proverem a continuidade de suas particularidades sejam elas históricas e culturais nos monumentos a serem resguardados (**FIGUEIREDO, 2013**).

Para **Grammont (2006)**, a UNESCO no ano de 1962 aprovou ensinamentos a respeito do entorno do monumento histórico, estimulando para pontos que caminham desde a especulação imobiliária até a poluição do ar. A carta de Veneza apresentou outra extensão de parâmetro, incluindo obras simples ao seu conceito de monumento histórico, datado no ano de 1964. No XVII encontro da Unesco em 1972, foi anexado o conceito de lugares notáveis, sendo apresentado logo adiante o que se chamaria de patrimônio imaterial, que conseqüentemente expande o conceito de Patrimônio Histórico, no qual passa a ser nomeado de Patrimônio Cultural.

Segundo a OEA (Organização dos Estados Americanos), na Norma de Quito, executada em 1967, são expostas apresentações para a utilização do patrimônio, visando o cenário de mudanças de áreas que possuem baixos recursos econômicos dos países da América Latina. Conclui-se assim, uma política que busca a valorização do patrimônio histórico, cumprindo novas funções proveniente das visitas, com isso, ocorre o incentivo de investimento e associação do capital privado, considerado essencial para uma proteção consolidada (**OEA, 1967**).

¹ Foi apresentada a proposta no ano de 1925 e tratava - se de um projeto de reconstrução da cidade de Paris, com o intuito de dividir a cidade através da criação de dois novos elementos primordiais, uma cidade comercial e outra residencial.

A Declaração de São Domingos datada de 1974, sob a observação da OEA, possuindo como tema a conservação e restauração do monumento patrimonial dos períodos colonial e republicano, tinha como incumbência gerar reflexões como um resumo da Carta de Veneza no qual foi elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (**ICOMOS, UNESCO, 1964**) e das Normas de Quito (**OEA, 1967**).

É importante ressaltar também, o Manifesto de Amsterdam, ocorrido em outubro do ano de 1975, que segundo a **Declaração de Amsterdã (Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu, Conselho da Europa, Ano Europeu do Patrimônio Arquitetônico, Amsterdã, outubro de 1975)**, aborda:

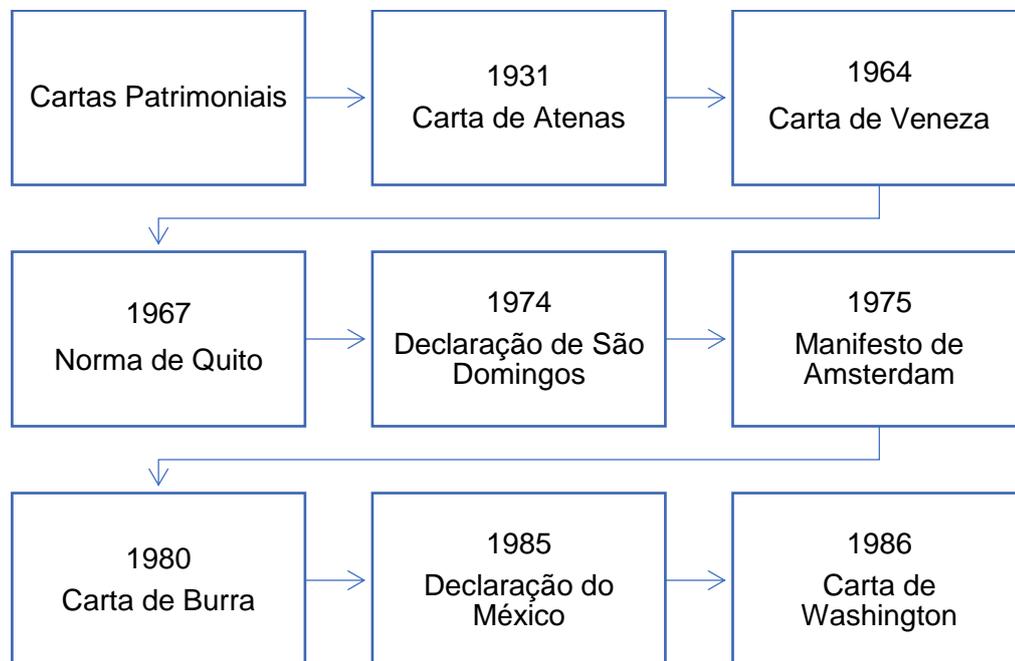
A plena implementação de uma política contínua de conservação exige uma grande descentralização e o reconhecimento das culturas locais. Isso pressupõe que existam responsáveis pela conservação, em todos os níveis (centrais, regionais e locais) onde são tomadas as decisões em matéria de planejamento. Mas a conservação do patrimônio arquitetônico não deve ser tarefa dos especialistas. O apoio da opinião pública é essencial. A população deve, baseada em informações objetivas e completas, participar realmente, desde a elaboração dos inventários até a tomada das decisões.

Da carta de Veneza a Carta de Burra em 1980, expunham-se uma sequência de lições para a conservação e o restauro, como também, exalta a manutenção de um entorno visual pertinente, lembrando do respeito a todas as alterações feitas ao longo dos anos (**ICOMOS, 1980, art.8º**). Com relação a Declaração do México, ano de 1985, há um reforço na valorização da autoafirmação relacionada na fomentação cultural de cada comunidade (**ICOMOS, 1985**).

A respeito da Carta de Washington datada no ano de 1986, abordando o tema: Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas, entende-se que a intenção era somar a Carta de Veneza (1964), a busca pela participação da população local, afim de se alcançar o sucesso da preservação. Não se pode deixar de abordar um marco importante sobre Icomos no ano de 1999, no qual contribui para o reconhecimento da atividade turística, sendo estabelecido a Carta Internacional de Turismo Cultural, tratando de princípios referentes a turismo e patrimônio. A carta visa a contribuição perante o valor da atividade turística na conservação e como situação econômica, de conscientização e educação da população, reforçando ainda a primordialidade da sociedade local como favorecida da atividade (**ICOMOS, 1986**).

Pode-se ter um resumo da linha cronológica que se deu as cartas patrimoniais, como representado abaixo (ver figura 21):

Figura 21: Linha cronológica das principais Cartas Patrimoniais



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No Brasil, tendo em vista a Era Vargas, inicia-se a criação do estatuto legal e ideológico do patrimônio cultural brasileiro. Diante do exposto, considera-se como referência a Constituição Federal datada do ano de 1934, pois é perceptível a proteção ao patrimônio histórico, sendo ofício da Constituição definir competências ao Estado para a proteção patrimonial **(BRASIL, 1934)**.

Em 1970, no encontro de governadores, prefeitos e autoridades no Brasil, na área da cultura em todos os níveis, revigora a função que tem o Estado de proteger os bens culturais, e acrescenta as universidades, a pesquisa histórica e a concepção de inventário dos bens regionais **(COMPROMISSO DE BRASÍLIA, 1970)**. No ano de 1971, há outro encontro de autoridades, dessa vez com o intuito de formular leis para aumentar as ações e usos de bens tombados, reestruturando o conceito de ambiência, pela proteção capaz paisagística, arquitetônica e cultural, apresentando o turismo e frisando a necessidade de idealizar o estado mais favorável de utilização e divulgação **(COMPROMISSO DE SALVADOR, 1971)**.

Na Carta de Restauo criada no ano de 1972, pelo Ministério de Instrução Pública (MIP), identifica-se que a mesma defende que a obra de arte engloba qualquer

época. A carta afirma que para se criar um projeto de restauração de uma obra arquitetônica, deve-se fazer um estudo profundo do objeto, adentrando por variados pontos de vista. Mediante essa afirmativa, surge a expectativa de que haja uma pesquisa de sua posição em seu contexto territorial ou no que chamamos de tecido urbano, das elevações, dos aspectos tipológicos e qualidades formais, como também dos possíveis acréscimos ou mudanças **(MIP, 1972)**.

Ter como objeto de estudo as cartas patrimoniais de maneira aprofundada, para se obter um conhecimento mais preciso de suas definições, é uma tarefa imprescindível para as pessoas que atuam no campo da preservação, especialmente, por as cartas possuírem textos precisos, caracterizando de certo modo um caráter indicativo e não se estabelece numa prescrição a ser posto diretamente na prática **(JUNIOR, 2005)**.

3.2 Arquitetura Moderna

Pode-se dizer que o surgimento da arquitetura moderna se deu como uma “formação” do final no século XIX e início do século XX, sendo gerada como uma objeção às prováveis desordens, a exemplo do ecletismo dos inúmeros revivescimentos de configurações históricas que vieram antes. Sobre o mesmo olhar, entende-se que ocorreu um desgaste em dado momento referente ao século XVIII, quando a tradição renascentista se rendeu, ocasionando um vazio para o qual convergiram diversas adequações “não originais” e recombinações de moldes do passado **(CURTIS, 2008, p. 11)**.

Ainda sobre **Curtis (2008, p. 11)**, a atividade, portanto, era entender o verdadeiro rumo no tocante da arquitetura, descobrir maneiras convenientes às precisões e ideais das comunidades industriais modernas, e conceber imagens aptas de introduzir os princípios de uma “era moderna” supostamente diferente. O período considerado pioneiro mostrou o nascimento da Art Nouveau e da Escola de Chicago, ambas pertencentes às Nações Industriais “evoluídas” da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, sendo a arquitetura moderna baseada em novos meios de construção e pautada pelos requisitos da função.

Cabe ressaltar a Revolução Industrial no campo tecnológico como o início de uma modernidade, tal ato trouxe para a sociedade inúmeros avanços tecnológicos, como a introdução do aço no meio construtivo por Bessemer (inventado em 1856). As

inovações trazidas pela Revolução, trouxeram diversas novidades para a população, como o telefone (1876), a lâmpada elétrica (1879), a invenção do motor a explosão (1885) que permite o uso do petróleo para a propulsão de navios, veículos e no mais tardar de aviões no ano de 1903 **(BENEVOLO, 2001, p. 371)**.

Entre os anos de 1860 e 1870 é importante frisar a relevância do arquiteto Viollet – Le – Duc, que por sua vez tomou consciência do uso dos novos materiais e qual impacto eles poderiam causar, a exemplo do vidro laminado e do ferro. Para Viollet – Le - Duc, o século XIX deveria ser a tentativa de gerar um estilo único mediante a procura de novas formas “adequadas” ao surgimento dos novos meios técnicos e os contrastes referentes as condições econômicas e sociais **(CURTIS, 2008, p. 24)**.

Curtis (2008, p. 37) ainda menciona que se deve destacar obras que deram início ao uso dos novos materiais, como o Palácio de Cristal de Joseph Paxton, apresentado na grande exposição de 1851, caracterizado pela inovação do uso do ferro e vidro laminado. Vale lembrar também do primeiro arranha-céu em aço que é batizado com o nome de Home Insurance Building, situado em Chicago, inaugurado em 1884 por William Le Baron Jenney e por fim, a famosa Torre Eiffel construída em ferro e inaugurada em 1889 por Gustave Eiffel.

Não existe um momento exato do surgimento em si da arquitetura modernista, porém vale exemplificar acontecimentos importantes, como o de William Morris, criador do movimento Arts and Crafts, datada da década de 1860, juntamente com Nikolaus Pevsner, que anelava exaltar as bases sociais e moral da considerada “nova arquitetura” **(CURTIS, 2008, p. 14)**. É, na virada do século XIX para o século XX, sobretudo nos primeiros decênios do século XX, que se estabelece uma linguagem arquitetônica comum entre vários arquitetos de distintas localidades.

- **1900 – 1930**

A Primeira Guerra Mundial ocorrida entre os anos de 1914 – 1918, foi um dos fatores de influência para o surgimento da arquitetura moderna. Com a Revolução Industrial, a Primeira Guerra Mundial chegou fortemente abastecida de munições, pois com a industrialização fundamentada no aço e ferro, os representantes do conflito estavam com “poder de fogo” alto, com isso as tecnologias apresentadas na época foram adaptadas para a guerra, causando diversas destruições nas cidades e

inúmeras mortes. As cidades foram completamente destruídas, a exemplo da Alemanha, tendo inúmeras vidas perdidas e construções abaladas **(CRAVEIRO, 2014)**.

A arquitetura moderna é considerada difundida na Alemanha, por volta de 1900 o país passa a ser o centro da cultura arquitetônica europeia. Suas razões são exatamente: (1) a falta de antecedentes, ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial; (2) não possuir a tradição semelhante a inglesa ou francesa; (3) como também a sua industrialização recente; (4) e por ter artistas com uma mentalidade aberta e progressista, fazendo com que a Alemanha se torne o epicentro da Europa e podendo dizer também mundial, pois conquista muitos estudiosos importantes como Van de Velde da Bélgica, Olbrich da Áustria e Wright dos Estados Unidos **(BENEVOLO, 2001, p. 374)**.

Em 1907, surge a Deutsche Werkbund, considerada a mais importante organização Alemã, criada por um grupo de críticos e artistas, no qual o seu objetivo segundo **Pevsner (1936, p. 122;123)** é:

O objetivo da Werkbund – reza o estatuto – é enobrecer o trabalho artesanal, coligando-o com a arte e a indústria. A associação deseja fazer uma escolha do melhor da arte, da indústria, do artesanato e das forças ativas manuais; deseja reunir os esforços e as tendências para o trabalho de qualidade existente no mundo do trabalho; forma o ponto de reunião de todos aqueles que são capazes e estão desejosos de produzir um trabalho de qualidade.

Observa-se na imagem (ver figura 22) uma das fábricas localizadas na Alemanha, a Fagus, que foi projetada pelo arquiteto Walter Gropius.

Figura 22: Fábrica Fagus



Fonte: História e Arquitetura (2011).

A organização busca características de grupos ingleses baseadas nos conhecimentos do fomentador do Arts and Crafts (Morris), todavia era contrário as maneiras de trabalho em série, particularidade da produção corrente.

Com o passar dos anos a organização foi amadurecendo e passaram por lá diversos nomes da arquitetura, das quais podemos destacar segundo **Benevolo (2001, p. 376)**, Peter Behrens (1868 – 1940) caracterizado pelo gosto de elementos volumosos e pesados, bem como o criador do estúdio Behrens, no qual trabalharam Van der Rohe e Gropius; Walter Gropius (1883 – 1969) que teve contribuições como a publicação de um artigo (“Na construção dos edifícios industriais, as exigências artísticas podem ser postas em acordo com as práticas econômicas?”) e projetos a exemplo do edifício industrial para uma fábrica de sapatos datada do ano de 1911; e por fim, Mies Van der Rohe (1886 – 1969) que obteve êxito em sua profissional como por exemplo o projeto da “Casa Fuchs” datada do ano de 1911, bem como no ano de 1912 com seu segundo projeto “Kröller – Müller”.

Como supracitado, os grandes expoentes da arquitetura também se envolveram com as artes plásticas, sendo fator de suma importância para a arquitetura moderna, pois as artes deram um novo rumo a arquitetura, uma nova face

frente as novas tecnologias, dentre as quais pode-se citar o Cubismo, movimento iniciado em 1907 por Pablo Picasso e George Braque que tem como missão produzir uma linguagem visual que unia abstração com partes da realidade observada, fazendo com que o lugar e a forma se reconciliassem, apresentando temas como o heroico. Outra corrente que vale ressaltar é o Simbolismo, movimento de característica literária localizada na França, apresentando como precursor Charles Baudelaire (**CURTIS, 2008, p. 150**).

Curtis (2008, p. 167) também mencionada a atribuição ao movimento nomeado de Purismo, que surgiu em 1918, como fundamentado na linhagem histórica da tradição clássica, possui como característica na pintura, formas geométricas mais precisas e puras, assim como na arquitetura, tem como principal atributo a clareza e a objetividade, e detém como principal fomentador Le Corbusier.

Ademais, outra corrente estilística, o Neoplasticismo, movimento criado por Piet Mondrian, de característica puramente racionalista, **Rosa (2019)** afirma:

As obras de Mondrian e Malevitch estabelecem novos parâmetros para se pensar a questão espacial na pintura. A obra dos dois pintores apresenta o legado de uma arte marcada pelo desejo de construir o próprio espaço da pintura por meio de recursos puramente abstratos. Não existe referência aos aspectos exteriores à própria concepção visual da obra, pois o tema da pintura é a imagem em si.

A Bauhaus foi uma escola voltada para a arquitetura e design, no qual formou diversos arquitetos mundialmente conhecidos. A escola foi fundada no ano de 1919, localizada na Alemanha, mais precisamente na República de Weimar, o primeiro líder da escola foi o arquiteto Walter Gropius, que tinha como método educacional aproximar o artista e o artesão, como ele afirmava: “comunidade de todas as formas de trabalho criativo e, em sua lógica, interdependência de um para com o outro no mundo moderno” (**GROPIUS, 1972**).

A Instituição pode ser dividida em 3 partes, construção (1919-1923); a consolidação (1923-1928); e a desintegração (1928 - 1933). Gropius, por sua vez, estruturou a escola contratando profissionais importantes como Lyonel Feininger e Johannes Itten, como também Gerhard Marck, escultor. Dentre os profissionais, Itten se destacava, todavia foi afastado da escola em 1923, pois possuía um pensamento muito individualista, esquecendo o universo econômico, já Gropius almejava o contato com o setor industrial (**WICK, 1989**).

Na segunda fase, segundo **Gropius (1975, p. 40)**, a Bauhaus funcionava da seguinte forma:

Cada estudante da Bauhaus tinha de trabalhar, no curso de sua formação, em uma oficina por ele escolhida, depois de haver concluído com êxito o preparatório. Ali estudava ao mesmo tempo com dois mestres, um de artesanato e outro do design. Era preciso que passasse por dois professores diferentes, pois não havia artesãos que possuíssem suficiente fantasia para dominar problemas artísticos, nem artistas que possuíssem suficientes conhecimentos técnicos para dirigirem uma seção de oficinas.

Na última fase a escola passou por turbulências, como ameaças de fechar no ano de 1925, devido a vitória das eleições dos políticos conservadores, pois a escola não era vista com bons olhos, os políticos achavam as ideias da escola subversivas para a época, no ano de 1926 a Bauhaus se muda para a cidade de Dessau. No ano de 1928 Gropius deixa o Instituto e quem assume o comando é Hannes Meyer, com a troca, a escola perde totalmente a linha de pensamento voltada para a arte, tornando-se uma compensação voltada para as necessidades sociais. Em 1930 troca-se novamente de diretor, assumindo Van Der Rohe, sendo fiel aos pensamentos de Meyer, em 1932 Bauhaus é transferida para Berlim, e em 1933 sobre pressão nazista a escola é fechada (**WICK, 1989**).

Tais fatos acima mencionados sintetizam a ambiência para a construção de um novo pensamento arquitetônico que começa a ser mais concretizado no ano 1927. Conforme **Benevolo (2001)**, não existe uma data específica para o nascimento desta nova arquitetura, mas em tal ano, observa-se uma linha de pensamento em comum compartilhada por vários arquitetos pela Europa, gerando obras com aspectos formais e estruturais semelhantes entre si.

Durante este período, um arquiteto, teórico e artista plástico se destaca, contribuindo para a consolidação de um padrão arquitetônico: Le Corbusier. Natural da Suíça, Charles Edouard Jeanneret, consolida-se como arquiteto, utilizando o pseudônimo Le Corbusier, em solo francês. Para o **CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo, 2020)**, podemos atribuir as seguintes características a Le Corbusier:

- Teve grande influência para a formação da geração modernista de arquitetos brasileiros;
- Desenvolvimento de extensa atividade acadêmica e teórica;
- Publicação de vários artigos sobre suas pesquisas arquitetônicas;

- Admirador da Arquitetura da Grécia Antiga;
- Pesquisador dos usos da razão Áurea e da sequência de Fibonacci;

Cabe expor também um dos pontos mais marcantes sobre o arquiteto Le Corbusier, no qual cria os cinco pontos da arquitetura, que são os pilotis com a intenção de facilitar a circulação tanto de pessoas como de veículos, o teto jardim que se caracteriza com a função de recuperar o jardim perdido com a construção da edificação, a eliminação de paredes “portantes” que facilita a divisão de ambientes, tornando-os melhor distribuídos, a janela em fita que tem como atributo a liberdade de usa-la tanto horizontalmente como verticalmente sem comprometer as estruturas da residência, e por fim a fachada livre, que seria uma fachada projetada sem a restrição da parte estrutural (**FRAMPTON, 2000**).

Ainda sobre **Frampton (2000)**, deve-se atribuir a essas características a Villa Savoye (ver figura 23), construída entre 1928 – 1931, considerado o primeiro exemplar do arquiteto Le Corbusier que compõe os cinco pontos “corbuseanos”, no qual o arquiteto classifica como “máquina de morar”, sendo característica da edificação a integração com o meio e o uso de linhas retas e curvas.

Figura 23: Villa Savoye



Fonte: Andrew Kroll (2010).

Um momento que modificou também a arquitetura foi o acontecimento da Segunda Guerra Mundial, no qual aconteceu basicamente por meios aéreos e urbanos, simultaneamente com as baixas dos representantes nas guerras, nos

municípios totalmente abalados da Europa, contabilizando um número alto de soldados que morreram. Teve início no ano de 1937, em Guernica, como ensaio do sistema de *carpet - bombing*² a princípio usado pelos alemães, e no mais tardar também foi utilizado pelos parceiros de guerra (**SEGRE, 2012**).

Ainda sobre **Segre (2012)**, desde a Primeira Guerra Mundial, o desenvolvimento tecnológico usado principalmente em aviões e em armamentos fez com que as cidades fossem devastadas, surgindo com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), conhecido como pós-guerra, a arquitetura brutalista, novo tipo de arquitetura moderna. Esta vertente emergiu inicialmente nos principais centros urbanos da Europa como forma de reerguer as cidades destruídas pela guerra, possuindo como característica o uso de materiais baratos como o concreto, arquitetura limpa e sem adornos, tendo como viés apenas a funcionalidade.

Outro fator que se revela como um desdobramento da Segunda Guerra Mundial é a “diáspora” dos arquitetos da Europa Central para outras localidades, iniciando a propagação da arquitetura moderna para outros continentes, exemplificado na migração dos arquitetos Richard Neutra e Mies Van der Rohe para os Estados Unidos. Em solo americano, o arquiteto nativo de Wisconsin, Frank Lloyd Wright, se destaca pela sua alta produtividade e pelo marco de ter iniciado a arquitetura “orgânica”, no qual afirma que a arquitetura deve ser unida ao lote como um organismo vivo, e traduzir a sua época, de modo que evoque a apropriação contextualizada e vinculada ao local (**CAVALCANTE, 2020**).

Richard Neutra (1892 – 1970), por sua vez, nasceu em Viena, Áustria e é considerado um dos arquitetos mais importantes do movimento modernista dos EUA, país onde teve destaque. O arquiteto desenvolveu trabalhos com grandes nomes da arquitetura local, entre eles destaca-se Frank Lloyd Wright. É característico de Richard Neutra formas geométricas simples, estrutura de cunho racional e planos transparentes (**GOODWIN, 2020**). Se pode observar na imagem (ver figura 24) uma das obras do arquiteto.

² *Carpet - bombing* é caracterizado como um grande bombardeio aéreo feito de maneira crescente para causar estragos em cada parte de uma área de terra escolhida.

Figura 24: Lovell House – Richard Neutra



Fonte: Andrew Kroll (2011).

Segundo **Curtis (2008, p. 15)**, o movimento moderno foi definido como:

(...) uma evolução com fins sociais, bem como de formas arquitetônicas. Ele buscou reconciliar industrialização, sociedade e natureza, lançando protótipos para habitação em série e planos ideias para cidades inteiras (como a Broadacre City de Wright ou a Ville Radieuse de Le Corbusier).

Com as ideias do modernismo cada vez mais sendo trabalhadas, os centros urbanos sentem o “novo” surgir, dentre esses centros, destacam-se Paris, Viena, Glasgow, Bruxelas, Barcelona e Chicago. Mesmo o termo “modernidade” diferenciando de cidade para cidade, o objetivo seria o mesmo **segundo Curtis (2008, p. 33)**: “mecanização da cidade, a introdução de novos materiais como ferro, vidro e aço, clientes abertos a novas experiências e arquitetos criativos dispostos a expressar nos espaços e nas formas o novo estado de coisas”.

- **1940 – 1960 (propagação da arquitetura moderna em outros continentes)**

No continente Latino Americano, há um ensaio de preservar a relação com a historiografia tradicional da arquitetura. Tem destaque as determinações individuais,

afim de entender o que está atual no cenário internacional da época, salientando que os principais nomes da arquitetura estavam na Europa e EUA. Há características internacionais presentes na arquitetura, porém existe os atributos locais presentes no modernismo dos países da América Latina, como painéis no Peru, o uso de mosaicos de vidro no México e azulejos brancos e azuis no Brasil **(HITCHCOCK, 1955)**.

Segundo **Hitchcock (1955, p. 60)**, na América Latina é propício o ferro – concreto, na qual em sua maioria vem de maneira estabelecida. As suas tonalidades são atribuídas através de mosaicos de vidro, bem como de ladrilhos. O Brasil e o México são os lugares de mais destaque para se encontrar edificações (principalmente residências) com esse tipo de característica mais distinta.

O México teve grande influência na arquitetura modernista, possuía artistas como Félix Candela, de origem espanhol, porém erradicado no México, participando de obras importantes como a construção da Universidade da Cidade do México. Os arranha – céus, outro marco na arquitetura da época fica a cargo de August H. Alvarez que foi responsável pela Torre Latinoamericana, um dos primeiros arranha – céus modernistas da Cidade do México datado de 1956 **(HISOUR, 2020)**.

Referindo-se a Ásia, onde ocorreu uma enorme escassez habitacional no pós-guerra, destaca-se o arquiteto modernista Kunio Maekawa (1905-1986), que teve como companheiro de trabalho o famoso arquiteto Le Corbusier. Possui projetos como sala de concerto em Tóquio e Kyoto, bem como a Casa Internacional do Japão em Tóquio, sendo todas as suas obras totalmente no estilo modernista. **(HISOUR, 2020)**.

3.2.1 Arquitetura Moderna no Brasil

No Brasil, a arquitetura moderna começa a surgir na década de 1920, sendo inicialmente apresentada na conhecida Semana de Arte Moderna de 1922, no qual foram expostas várias atualidades em diferentes setores da expressão artística, a exemplo da música, literatura e as artes visuais, da qual teve seu comportamento argumentado frente ao academicismo anteriormente, possuindo fatos isolados como a exposição de Lasar Segall em 1913, em 1917 a exposição de Anita Malfatti, já em 1920 a “descoberta” de Vitor Brecheret, escultor **(SANTOS, 2006)**.

Pode-se dizer que o precursor da arquitetura moderna no Brasil foi Lúcio Costa, que na metade dos anos 1920 junto com Fernando Valentin projeta e constrói inúmeras residências, como a residência de Raul Pedrosa no estilo neocolonial, no

ano de 1925, situada no Rio de Janeiro, também projeta a casa E. G. Fontes no qual Costa afirma que é a “última manifestação de sentido eclético – acadêmico **(BARROS, 1995)**).

Outro nome importante do modernismo brasileiro é Mário de Andrade, escritor, que produziu no início da década de 1920 um texto referente a arte religiosa, demonstrando seu ponto de vista para um estilo arquitetônico que se aproximasse das tradições culturais brasileiras, o autor expõe suas ideias mostrando sua preferência para a originalidade na construção da caracterização da tradição colonial, ao mesmo tempo que introduz elementos que constatem uma arte brasileira da portuguesa **(SANTOS, 2006)**.

Mário de Andrade também se contrapõe algumas vezes, no final da década de 1920, o estudioso escreve “Arte Colonial” contendo 4 artigos, onde entra em um paradoxo, cujo texto possui uma crítica a arquitetura neocolonial, sendo contra, no qual ele afirma: “Os que estão na América do Sul trabalhando por criar uma arquitetura separatista, nacional, brasileira, mexicana, peruana etc., estão trabalhando no falso, estão perdendo tempo, são atrasações” **(ANDRADE, 1983, p. 12)**, todavia, também é a favor quando afirma: “Ora os arquitetos que estão trabalhando por normalizar no país um estilo nacional “neocolonial” ou o que diabo se chame, estão funcionando em relação à atualidade nacional. A função deles é, pois, perfeitamente justificável e mesmo justa” **(ANDRADE, 1983, p. 14)**.

O autor continua a estudar o modernismo, e passa a concordar sobre o valor da arquitetura moderna baseada no “internacionalismo” como vetor inicial, afirmando que: “a arquitetura modernista se acha apenas no começo da evolução dela, mal nasceu” **(ANDRADE, 1983, p.13)**, no qual seria adicionado princípios regionalistas.

O crítico literário estava em concordância com as premissas modernistas com a vanguarda da época, sendo considerado um dos principais formadores associado a Oswald de Andrade. Tais premissas se conduziam na junção das ideologias da vanguarda erudita com princípios da cultura tradicional e popular, essas convicções, tempos depois influenciaram Lucio Costa perante o seu pensamento da arquitetura moderna de cunho tradicional **(CAVALCANTI, 1987)**.

Lúcio Costa foi diretor da Escola Nacional de Belas Artes no município do Rio de Janeiro entre 1930 e 1931, modificando a grade curricular do curso para a absorção do modernismo, a sua busca pela arquitetura nacional também formulou uma estruturação ideológica afim de atestar a autenticidade e introdução de algumas

políticas dentro das normas feitas. A ligação entre a arquitetura e o Estado, naquele período, estava associada ao progresso de fatos sociais e políticos da nova organização de pensamentos, que aconteceu na fase de República Velha e o Estado Novo. Nos anos de 1930, tornam-se parte do desenvolvimento nacional a modernização econômica e a modernização ideológica, sendo atribuído a esse desenvolvimento a definição dos conceitos de arquitetura modernista no governo de Getúlio Vargas (**SANTOS, 2006**).

O Estado Novo tinha como foco a formação do cidadão brasileiro e como essência desse objetivo era fundamental a educação mediante o avanço da música, das artes e da cultura. Como método da formação do novo pensamento brasileiro, o governo tinha como apoio a ação pedagógica e propagandista da educação física, do rádio, da tv, da música e do cinema (**CAVALCANTI, 1987**).

Voltando os olhares para o campo da arquitetura, os meios de apoio como base para a formação da arquitetura moderna vinham do Ministério da educação e saúde. Portanto, a conexão entre a cultura e o Estado na década de 1930 teve propensões além das fronteiras da criação arquitetônica alcançando toda a elaboração cultural e artística daquela fase. Expõe-se que o modernismo estabeleceu maneiras de percepções e performances da realidade brasileira. Ao fim dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, é notável a distinção entre condição histórica moderna e a exposição dessa modernidade, estando esse contraste umas das particularidades da fase da era Vargas (**SANTOS, 2006**).

Victor Dubrugas é considerada uma figura importante para a arquitetura moderna, principalmente na cidade de São Paulo, onde o estudioso iniciou o movimento modernista, possui projetos como a residência de Névio Barbosa datada de 1914. Dubrugas dispõe de uma série de obras neocoloniais, o estudioso tem como característica o cuidado com relação as técnicas construtivas tradicionais, em que busca torna-las ideais as circunstâncias peculiares do lugar, como o clima e a mão – obra. Admirador de Frank Lloyd Wright, tinha como característica a tradição racionalista que aconselhava utilização da verdade construtiva em projetos arquitetônicos, bem como a relevância de elementos tradicionais a exemplo da telha canal (**REIS, 1997**).

Apresentam-se outros dois nomes significativos da arquitetura, Rino Levi e Gregori Warchavchik (arquiteto de origem europeia, naturalizado brasileiro), ambos trazem um conceito mais individual a arquitetura modernista. Os arquitetos criaram

um manifesto no ano de 1925, um em São Paulo por Rino Levi, intitulado como “A Arquitetura e a Estética das Cidades” tendo como conteúdo o foco nos novos materiais presentes no mercado, no qual ele recomendava o seu uso de maneira que a arquitetura fosse composta por linhas simples. Já Warchavchik, com o seu manifesto na cidade do Rio de Janeiro intitulado “Acerca da Arquitetura Moderna” recomendava o esquecimento dos estilos do passado e mostrava os benefícios da estética das máquinas destinada a arquitetura (**SANTOS, 2006**).

Segundo **Segawa (2002, p. 44)** conclui que: “Nos últimos anos da década de 1920 e início de 1930 a arquitetura moderna com referências na vanguarda europeia era uma preocupação corrente mais no meio intelectual que propriamente no meio dos arquitetos”.

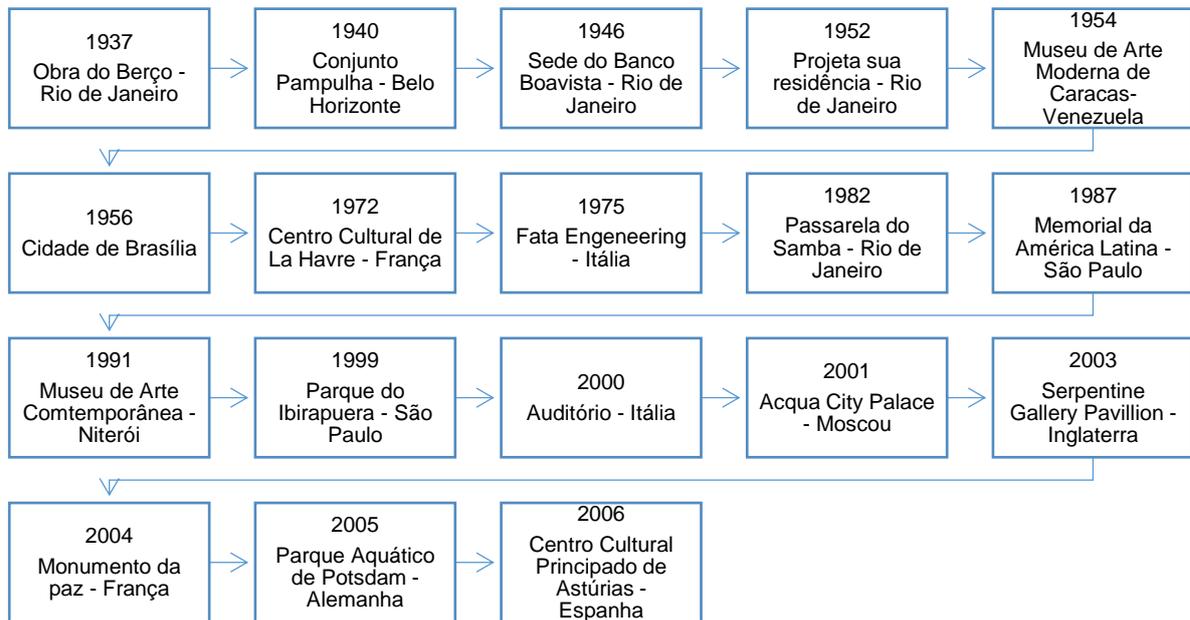
Na década de 1930 surge o arquiteto modernista Oscar Niemayer, que teve uma contribuição valiosa nesse movimento. Niemayer concluiu o curso de arquitetura no ano de 1934, já no ano seguinte, em 1935, ele inicia seus trabalhos no escritório de Lúcio Costa. No ano de 1936, participa do grupo que trabalha no projeto do Ministério da Educação e Saúde (MES) (ver figura 25), como também no mesmo ano conhece o arquiteto suíço Le Corbusier que chega ao Brasil para participar das obras do MES e da Cidade Universitária no Rio de Janeiro (**NIEMAYER, 2020**). Mediante as suas contribuições, é possível observar na linha cronológica (ver figura 26), as principais obras do arquiteto.

Figura 25: Ministério da Educação e Saúde



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

Figura 26: Linha cronológica com as principais obras de Oscar Niemayer



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Adentrando no estado da Paraíba, mais precisamente na cidade de João Pessoa, município no qual é o objeto de estudo, pode-se dizer que a cidade tem três edificações que já podem ser encontradas características da arquitetura moderna, quando teve início o processo na capital, são eles: Secretaria de finanças, o Complexo Educacional do Instituto de Educação e a Rádio Tabajara. O responsável por essas obras é o arquiteto Clodoaldo Gouveia, de origem Capixaba, chegou em João Pessoa no ano de 1922, depois de concluir o curso na Escola Nacional de Belas Artes. Outro importante projeto foi o do parque Sólon de Lucena junto ao Cassino da Lagoa, no qual Gouveia teve uma parceria com Nestor de Figueiredo, sendo Nestor responsável pelo projeto urbanístico, o paisagismo por Burle-Marx e o projeto de edificação do restaurante por Gouveia, obras essas entre os anos de 1920 a 1924 (**TINEM, et al 2016**).

Tinem, et al (2016) afirma também que baseando-se nas décadas de 1930 e 1940, são analisados os arquitetos Firmino F. Saldanha, arquiteto carioca responsável pela construção do Banco do Brasil em 1939, na qual sua obra transparece o racionalismo fundamentando-se nos ensinamentos acadêmicos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, bem como o arquiteto Giovani Gióia, profissional de

origem italiana, tendo como acervo a casa da rua das Trincheiras, construção com mais características modernistas em comparação com outras obras suas.

Segundo **Mello (2006, p. 122)**, entre o término da década de 1940 e metade da década de 1950, houve mudanças no campo da arquitetura na cidade com relação aos arquitetos atuantes, pois uns faleceram e outros se mudaram para outras regiões. Pode-se observar na figura (ver figura 27) uma relação dos principais arquitetos que contribuíram para o desenvolvimento do modernismo.

Figura 27: Arquitetos que contribuíram para o desenvolvimento do modernismo

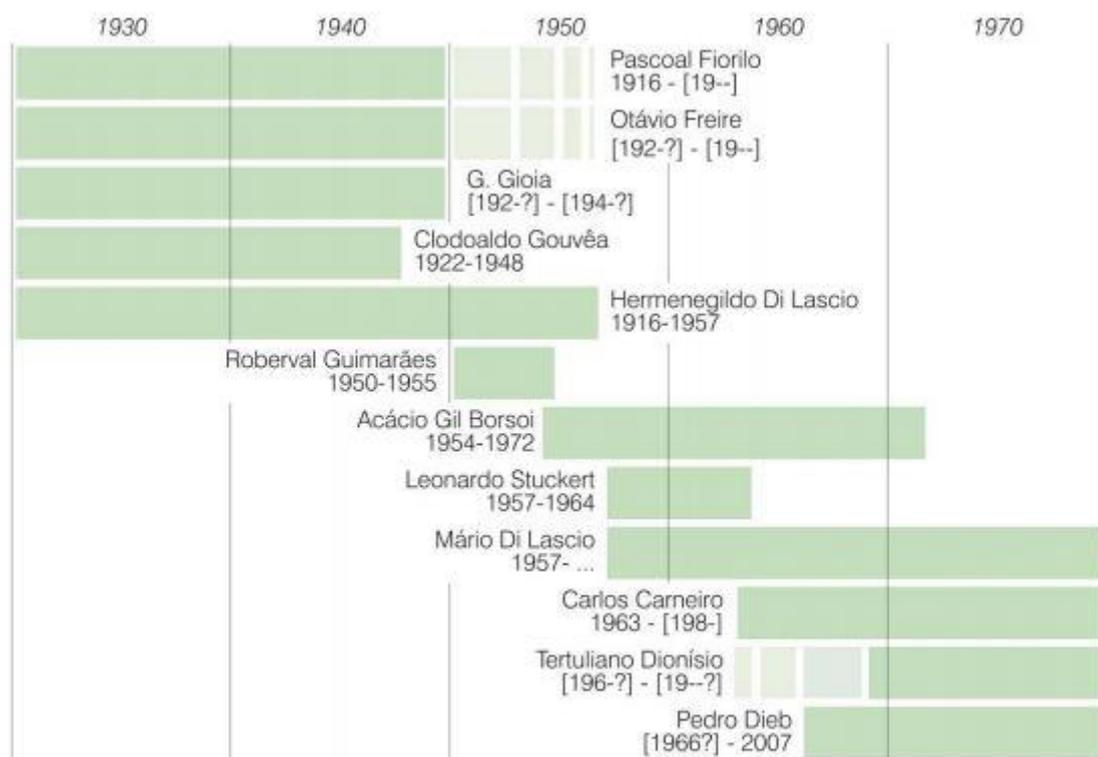


Figura 15. Quadro histórico dos arquitetos atuantes em João Pessoa, conforme o período de atuação na cidade. Dados: BORSOI, 2007; CUNHA, 2007; DIEB, 1981, 1994; STUCKERT, 2006; GUIMARÃES, 2007b; LASCIO, 2006a; MELLO, José, 2006; NASLAVSKY, 2004; TRAJANO FILHO, 1999.

Fonte: Fúlvio Teixeira de Barros Pereira (2008).

Na segunda metade do século XX, podemos destacar profissionais da arquitetura como: Acácio Gil Borsoi, Mauro Glauco Di Lásccio e José Liberal de Castro. Acácio Gil Borsoi era caracterizado como um arquiteto que utilizava particularidades modernas adaptadas ao ambiente, como por exemplo o conforto climático andando sempre em concordância com a harmonia e a beleza, o uso do concreto armado

também é marcante nas suas obras (**TINEM, et al 2016**). Cita-se como exemplar a “Casa da Rua Francisca Moura”, como visto na imagem (ver figura 28):

Figura 28: Casa da Rua Francisca Moura



Fonte: Nelci Tinem, Lia Tavares, Marieta Tavares (2016).

Sobre Mário Di Lásccio, cabe destacar que teve como seu mediador Acácio Gil Borsoi, Lásccio tinha como cuidado nos seus projetos a funcionalidade e o conforto nos ambientes, suas particularidades são o uso de pilotis gerando uma planta livre, bem como as adequações climáticas e culturais do local, valorizava a utilização de materiais locais, como a tradicional azulejaria presentes em suas obras (**TINEM, et al 2016**), como observa-se nos projetos (ver figura 29):

Figura 29: Projeto de Mário Di Lásccio e o uso de materiais locais



Fonte: Nelci Tinem, Lia Tavares, Marieta Tavares (2016).

O arquiteto José Liberal de Castro, formou-se no município do Rio de Janeiro, e tinha como característica a ideia de defesa da arquitetura baseada na cultura e orientava seus alunos para terem uma postura ética e profissional (**WOLF, 1999**). Em João Pessoa, Castro possui uma única obra, a construção do Banco do Nordeste do Brasil, tendo como característica a possibilidade de os usuários do banco entrarem por duas ruas, como também a privacidade com relação ao que o circunda (**TINEM, et al 2016**). Abaixo a imagem do Banco do Nordeste (ver figura 30):

Figura 30: Banco do Nordeste projetado por José Liberal de Castro



Fonte: Nelci Tinem, Lia Tavares, Marieta Tavares (2016).

3.3 Manifestações Patológicas

Segundo **Santos et al (2013)**, é definido como manifestação patológica os “processos que atuam frente à diminuição da vida útil de serviço da estrutura e que, devem ser tratadas adequadamente para que não possam evoluir e comprometerem o estado de trabalho normal das edificações”.

A ocorrência de patologias em edificações atuais já é recorrente, e em construções antigas se tornam bem mais susceptíveis a acontecer esse tipo de manifestação, muitas vezes pela falta de manutenção e descaso do governo quando a obra é do poder público e que em alguns casos são abandonadas. Em obras de cunho histórico, é válido ressaltar a importância do conhecimento de suas intervenções ao longo do tempo, seja através de acervo fotográfico, plantas técnicas ou mesmo de depoimentos de pessoas que de alguma maneira fizeram parte daquela

edificação. Portanto é significativo a pesquisa de informações suficientes junto as autoridades no âmbito da conservação e preservação, afim de impossibilitar o arrasamento do patrimônio e a perda da história. **(BARBOSA, et al 2011)**.

Para **Carvalho (2018)**, a verificação das informações de manifestações patológicas presentes na edificação junto ao reconhecimento dos motivos dos danos, mediante o entendimento dos dispositivos de degradação, favorece para a produção de um diagnóstico correto. O IPHAN reivindica que o diagnóstico de intervenção anexado ao projeto deve conter segundo **Carvalho (2018)** os seguintes dados apresentados na tabela abaixo (ver quadro 03):

Quadro 03 – Diagnóstico de Intervenção

Estrutura	Comportamento estrutural do edifício, capacidade de carga dos elementos componentes, identificação dos problemas de estabilidade.
Componentes	Grau de deterioração de alvenarias, revestimentos, pisos, forros, coberturas, esquadrias, ferragens, pintura e detalhes arquitetônicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

O mapa de danos é considerado como um dos documentos mais importantes para analisar o estado de conservação de bens tombados, que segundo **Tinoco (2009, p. 04)** caracteriza-se como: “a representação gráfico-fotográfica, sinóptica, onde são ilustradas e discriminadas, rigorosa e minuciosamente, todas as manifestações de deteriorações da edificação”. Esse mapa se torna indispensável para se obter a base com relação as definições da edificação que sofrerá a intervenção **(BARTHEL; LINS; PESTANA, 2009)**.

No Brasil, segundo relato de alguns estudiosos da área, ainda é necessário o avanço mediante esses mapas, afim de torna-los mais favoráveis para enfrentar os problemas presentes nas edificações, fazendo com que a função desse documento seja ainda mais eficaz frente ao apoio da preservação arquitetônica **(TINOCO, 2009, p. 04)**. Segundo **Barthel, et al (2009)** sobre o mapa de danos é afirmado que:

Tanto a metodologia de investigação quanto a representação dos danos, estão avançando gradualmente de acordo com as experiências vivenciadas em práticas e com os avanços tecnológicos. Este desenvolvimento é de extrema importância para que o Mapa de Danos seja utilizado da forma mais completa e eficaz nos projetos de intervenção no patrimônio histórico.

Com a falta de manutenção das edificações históricas, a tendência de fato será o aparecimento de patologias, e pode-se dizer que existem algumas manifestações recorrentes nessas obras antigas, como fissuras, destacamento ou descolamento, bem como a umidade (**ROSCOE 2008**).

As fissuras acontecem pela ausência da totalidade da superfície da placa cerâmica. Pode ser restringido por uma imperfeição estética, como o gretamento³, ou pode ocorrer de progredir para o destacamento, caracterizado quando as fissuras crescem, passando a ser chamadas de trincas (**ROSCOE 2008**).

Já o descolamento é caracterizado quando as denominadas tensões que aparecem entre os materiais excedem a medida de aderência das ligações, podendo-se relacionar com o uso de materiais indevidos, em descumprimento com as regras dos fabricantes. Um outro fator seria a ausência de limpeza relacionadas aos processos de execução de base na obra, a exemplo nas juntas de trabalho do revestimento (**IBAPE – SP, 2009**).

Pode-se considerar o ar como um dos principais agentes de degradação das edificações, os maiores causadores da poluição do ar são o gás carbônico e o dióxido de enxofre, gás resultante da combustão do carvão e de veículos (**TREVISAM, 2020**).

O comportamento da umidade relativa irá variar, pois está associado a zona climática em que o imóvel está inserido, o conceito referente a umidade relativa do ar, pode ser descrito segundo **Trevisam (2020)** como:

(...) a proporção entre a quantidade de vapor de água por unidade de volume em uma determinada temperatura com relação a quantidade máxima de vapor de água em um dado volume a uma determinada temperatura, acima da qual o vapor de água se condensa.

A umidade é igualmente considerada um dos fatores principais e mais comum visto nas edificações, principalmente nas construções históricas. Quando a água entra em contato com a estrutura da edificação, poderá causar inúmeras avarias, comprometendo a sua estrutura e desencadeando outras patologias. A umidade pode

³ Gretamento é criado por uma série de aberturas inferiores a 1 mm que surgem na superfície esmaltada das placas cerâmicas, possuindo a expansão por umidade como um dos causadores mais comuns.

surgir de diferentes maneiras, como a ascensional, que surge através dos canais da edificação por conta do solo, a precipitação da chuva é considerada outro meio de umidade, como também a infiltração e condensação das águas. A água ao ter acesso a estrutura da edificação, irá causar manchas como em lajes, descascamento de pintura na parede, bem como o apodrecimento **(PAUPÉRIO, 2012)**.

As circunstâncias ambientais em que vivemos se torna essencial para a vida útil das edificações, a exemplo da luz, água, temperatura e poluição, elemento esse que cada dia mais está presente em nossas vidas, consequência da industrialização, tornando o ar cada vez mais impuro com os produtos químicos emitidos pelas fábricas e automóveis, tudo isso ligado ao mundo moderno **(TREVISAM, 2020)**.

Ainda sobre **Trevisam (2020)**, pode-se classificar a degradação da edificação em duas partes, a degradação química que se dá quando o lugar atua sobre o material de modo a modificar a sua composição, e identifica-se como uma degradação física, o local que possui coeficientes capazes de “desordenar” a infraestrutura da construção, podendo ser a causa dessa degradação os agentes biológicos, como os xilógrafos, popularmente conhecidos como “cupim” que possuem a capacidade de danificar materiais como a madeira.

A manutenção desses bens é de suma importância, visto que se trata de uma memória afetiva da sociedade que ali habita, faz parte da história vivida por muitos que ali passaram e que passam até hoje, a conservação e preservação do patrimônio nos traz a identidade do lugar, bem como as suas características e essências, portanto a manutenção e o cuidado com os bens estão inteiramente interligados com a memória urbana **(ABREU, 1998)**.

4. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

No presente capítulo, é realizado uma análise ambiental e visual do Clube Astréa, objeto de estudo, com a apresentação de observações através de gráficos e mapas temáticos, como os de localização, condicionantes ambientais (ventilação, orientação e topografia), condicionantes legais (zoneamento), uso e ocupação do solo, gabarito, cheios e vazios, estilos arquitetônicos e de fluxo viário.

4.1 Caracterização do Entorno Imediato

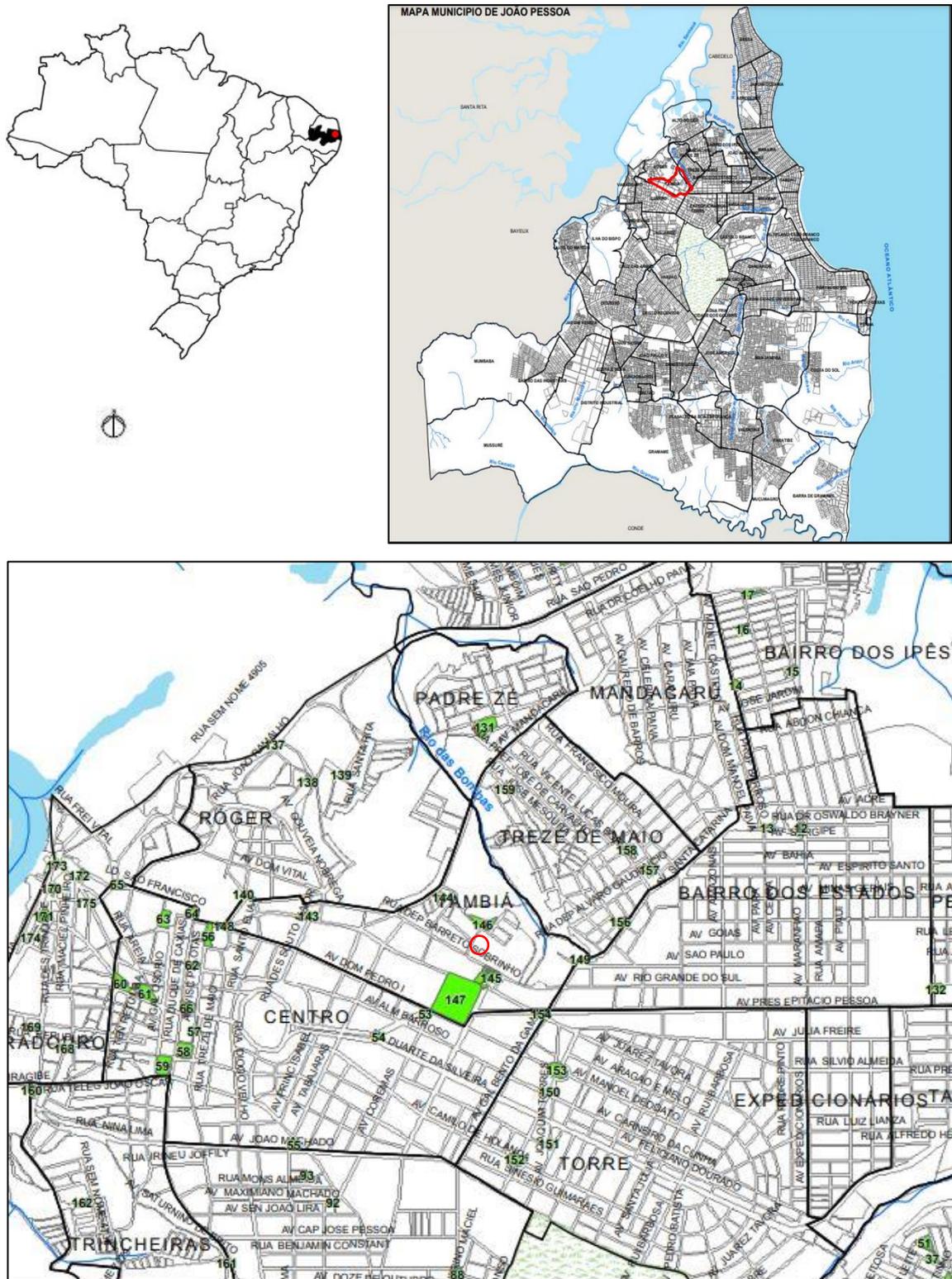
4.1.1 Localização

O Astrea se localiza na cidade de João Pessoa, uma das nove capitais do Nordeste brasileiro, mais especificamente no bairro do Tambiá (ver figura 31), bairro caracterizado por suas edificações antigas e de diferentes estilos arquitetônicos. O Tambiá teve seu surgimento no ano de 1782, sendo enriquecido com o encadeamento do urbanismo da capital João Pessoa, no qual a todo momento acompanhando as suas regras de progresso e referência na arquitetura, sendo notável o conjunto de construções atuais e antigas.

Segundo **Silva et al (2020)**, o bairro é considerado em níveis sociais, um complexo voltado para a classe média brasileira, tendo como foco um número maior de idosos, haja vista que é um bairro antigo, todavia, com o processo de urbanização sofrido, o Tambiá iniciou-se uma sequência de modificações em seu uso, que antes era predominantemente residencial e que agora passou a ser um uso majoritariamente de prestação de serviços, em que distribuem-se em diversos setores como Institucional (religioso, educacional, privado...) e serviço.

O bairro do Tambiá é caracterizado por ser um bairro que agrega um acervo valioso por possuir diversas edificações de cunho histórico e cultural, tendo várias de suas edificações tombadas, tanto pelo Iphan como pelo Iphaep. O Tambiá faz divisa com seis bairros, no qual pode-se citar o Treze de Maio, Padre Zé, Roger, Centro, Torre e Bairro dos Estados (ver figura 31).

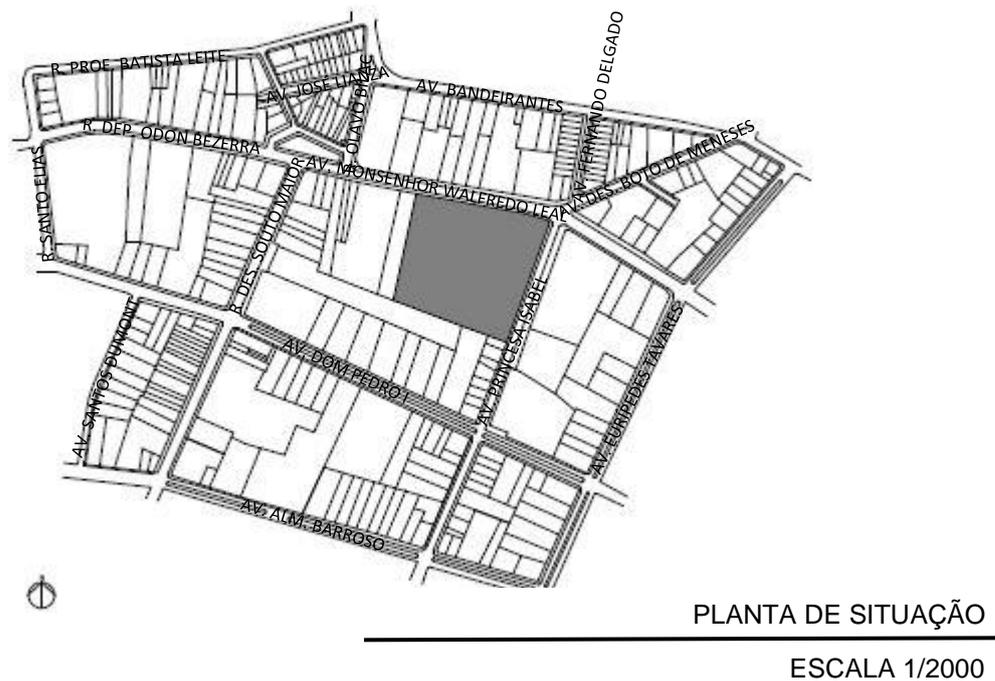
Figura 31 - Localização do Estado da Paraíba, do município de João Pessoa e do bairro Tambiá



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa (2020), adaptado pelo autor.

O Clube Astréa está localizado em um lote de esquina (ver figura 32), possuindo uma área de 13.954,02 m² de terreno e 5.275,92 m² de área construída, em uma das principais ruas do bairro do Tambiá denominada de Rua Monsenhor Walfredo Leal, que dá acesso a edificação, no qual dispõe de diversos setores como o de serviço, comercial e institucional, e a rua lateral nomeada de Av. Princesa Isabel.

Figura 32 – Mapa de localização do Clube Astréa



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

4.1.2 Condicionantes Ambientais

O Clube Astréa possui um lote de topografia relativamente plana, apresentando um ténue desnível (ver figura 33 e 34), que recebe a ventilação em toda sua fachada lateral (Av. Princesa Isabel), com ventos oriundos da região Sudeste. Tem sua fachada principal (Av. Monsenhor Walfredo Leal) voltada para o Norte (ver figuras 35, 36, 37).

Figura 33: Marcação do perfil topográfico



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor.

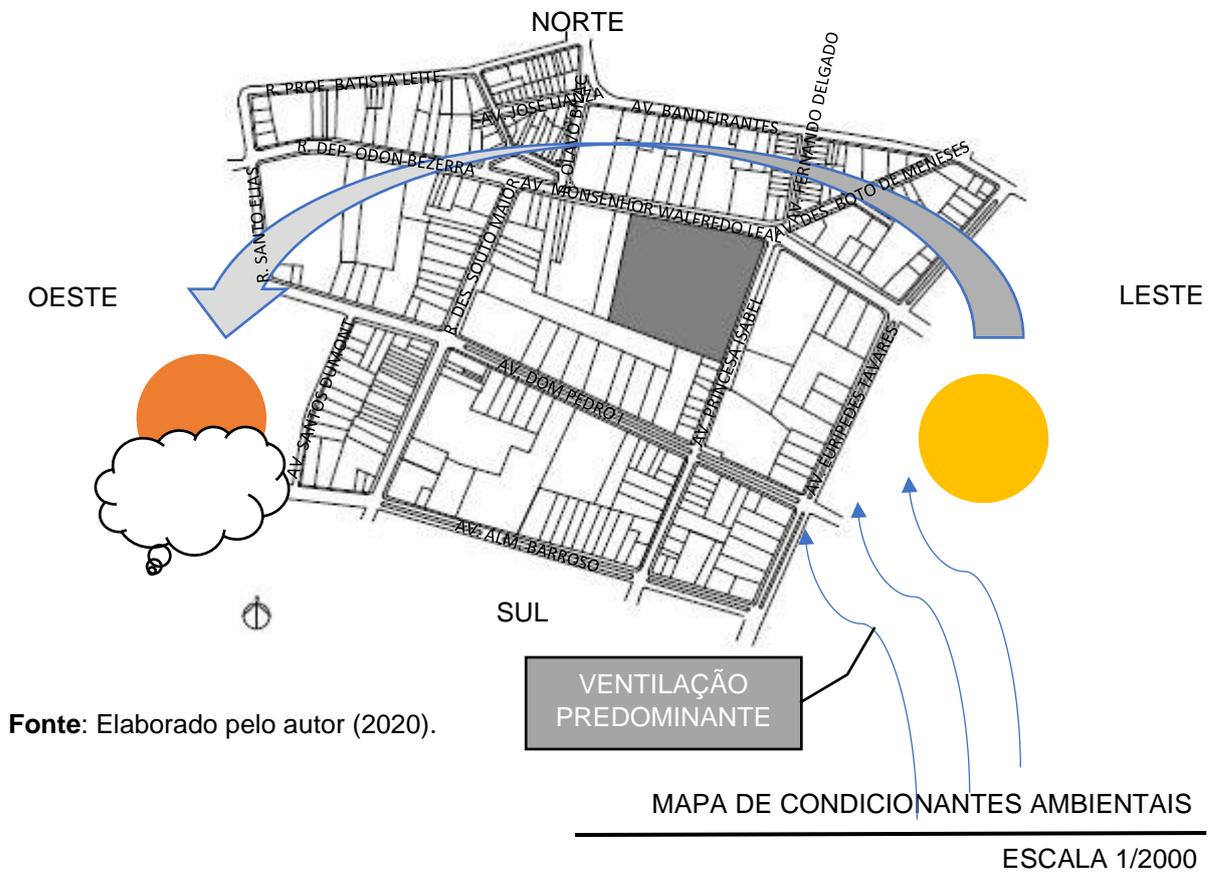
Figura 34: Perfil topográfico (Av. Monsenhor Walfredo Leal – Av. Princesa Isabel)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

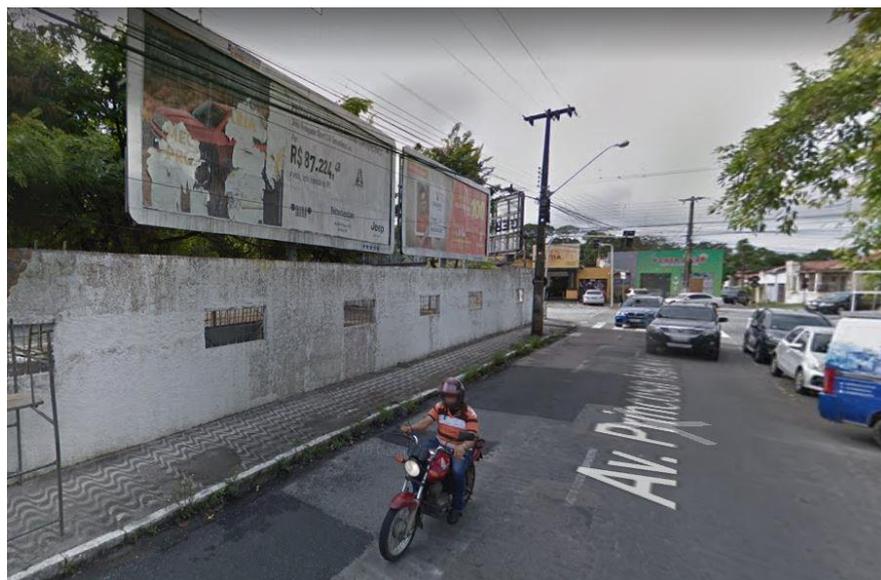
O perfil topográfico acima (ver figura 34) representa a confluência de dois percursos lineares que ladeiam o objeto de estudo, correspondente a Rua Princesa Isabel (lateral do Astréa) e a Rua Monsenhor Walfredo Leal (entrada do Astréa), detendo uma distância de 395. Tal perfil topográfico revela uma superfície proporcionalmente plana, apresentando um pequeno desnível ao atingir 52 m chegando ao máximo de 53 m, em seguida decresce até atingir os 50 m, totalizando um desnível de 3 m.

Figura 35: Mapa de Condicionantes Ambientais



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 36: Fachada lateral do Clube Astréa (Av. Princesa Isabel)



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 37: Fachada principal do Clube Astréa (Av. Monsenhor Walfredo Leal)



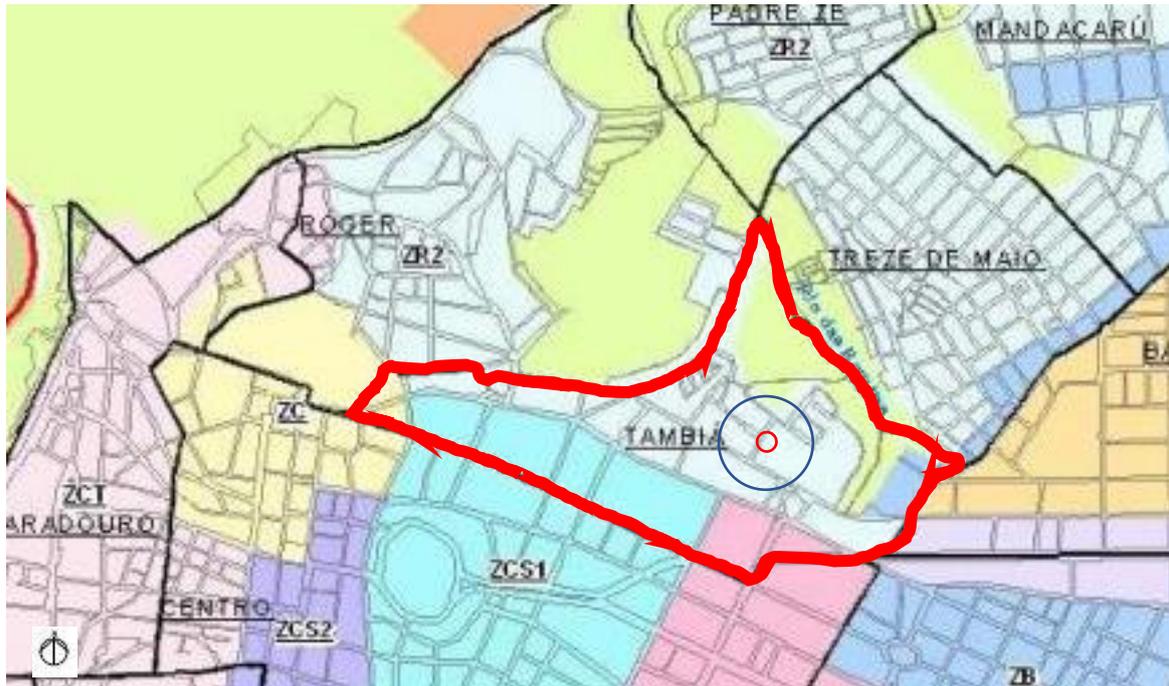
Fonte: Google Street View (2017).

4.1.3 Condicionantes Legais

Como visto no recorte do mapa abaixo (ver figura 38), o bairro do Tambiá detém 6 diferentes tipos de zoneamento, segundo o código de urbanismo da cidade de João Pessoa, são eles: Zona Residencial 2 (ZR2), Zona Comercial de Serviço 1 (ZCS1), Zona Comercial Central (ZC), Zona Comercial de Bairro (ZB), Zona de Preservação dos Grandes Verdes (ZEP) e Zona Institucional e Serviços (ZIS).

No lote em que está localizado o objeto de estudo, se encontra a Zona Residencial 2 (ZR2) no qual possui como característica a existência, sendo enquadrado no uso Institucional Local (IL), como exposto na tabela abaixo (ver figura 39). Segundo o Código de Urbanismo, tal uso compreende “estabelecimentos, espaços ou instalações destinadas à educação, lazer e cultos religiosos, compreendendo escolas infantis, igrejas, área de recreação e praças.

Figura 38: Recorte do mapa de zoneamento da cidade de João Pessoa



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa (2020).

Figura 39: Quadro referente aos usos permitidos na Zona Residencial 2 (ZR2)

ZONA RESIDENCIAL 2 (ZR2)							
USOS PERMITIDOS	LOTE (*)		EDIFICAÇÃO (A)				
	ÁREA MÍNIMA	FRENTE MÍNIMA	OCUPAÇÃO MÁXIMA	ALTURA MÁXIMA (B)	AFASTAMENTOS		
					FRENTE	LATERAL	FUNDOS
R1	200,00	10,00	70	-	4,00	1,50	2,00
R2 (1)	200,00	10,00	60	2 PV	4,00	1,50	2,00
R3	-	-	50	2 PV	4,00	1,50	2,00
R4	CONDOMÍNIO HORIZONTAL VER ANEXO 09						
R5 (2)	400,00	15,00	40	PL+ 4PV+CB	5,00	3,00	3,00
R5	400,00	15,00	30	4 PV	5,00	3,00	3,00
R6	600,00	20,00	30	-	5,00	3+(h/10)	3+(h/10)
R8	360,00	12,00	55	PL+ 2PV ou 3 PV	5,00	1,50	3,00
CL=SL (3)	200,00	10,00	70	3 PV	5,00	1,50	2,00
CB=SB	300,00	15,00	60	3 PV	5,00	1,50	2,00
IL	200,00	10,00	50	2 PV	5,00	1,50	2,00
IPP (4)	200,00	10,00	50	2 PV	5,00	1,50	2,00

<p>1) OS ABRIGOS PARA AUTOMÓVEIS, UM PARA CADA UNIDADE, PODERÃO TER RECUO LATERAL = 0,0m.</p> <p>(2) PODE SER UTILIZADO O SUBSOLO OU SEMI-SUBSOLO (RECUO FRONTAL =2,00M); PODE SER UTILIZADO MEZANINO PARA LAZER COM NO MÁXIMO 30% DA ÁREA FECHADA; EM AMBOS OS CASOS AS ÁREAS NÃO VÃO INCIDIR NO CÁLCULO DO ÍNDICE DE APROVEITAMENTO; PODE OCUPAR O PILOTIS COM CL E SL DESDE QUE ATENDIDOS O NÚMERO DE VAGAS PARA AUTOS.</p> <p>(3) AS EXIGÊNCIAS SÃO AS MESMAS PARA O USO R1, EM VIRTUDE DESSES USOS OCORREREM SIMULTANEAMENTE.</p> <p>(4) MICROEMPRESA CLASSIFICADA COMO NÃO POLUENTE EM TODOS OS NÍVEIS.</p> <p>(A) VER MACROZONEAMENTO QUE ESTABELECE O ÍNDICE DE APROVEITAMENTO MÁXIMO POR ZONA, ARTIGOS 8, 9, 10, 11, 12 E 13 DO PLANO DIRETOR DA CIDADE.</p> <p>(B) NA ORLA MARÍTIMA VER ARTIGO 25 DO PLANO DIRETOR DA CIDADE.</p> <p>(*) LOTES APROVADOS ANTES DA LEI Nº 2.102/75 COM DIMENSÕES INFERIORES ÀS EXIGIDAS PARA A ZONA, SERÃO CONSIDERADOS PRÓPRIOS PARA CONSTRUÇÕES DESTINADAS AOS USOS R1, CL E SL.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS USOS: CL/SL ATÉ 450,00 m² CB/SB ATÉ 1.300,00 m² CP/SP ACIMA DE 1300,00m²</p> <p>LEGENDA: SS=SUBSOLO OU SEMI-SUBSOLO; TE=TÉRREO; PL=PILOTIS; MZ=MEZANINO; PV=PAVIMENTO TIPO; CB=COBERTURA; DE=DEMAIS PAVIMENTOS</p>
--

Fonte: Código de Urbanismo da Prefeitura Municipal de João Pessoa, adaptado pelo autor (2001).

4.1.4 Mapa de Uso e Ocupação do solo

Diante do Mapa de Uso e Ocupação e do gráfico abaixo (ver figura 40 e 41), são observados os diferentes usos presentes no entorno, sendo perceptível a variação de aplicação presentes nesse mapa. Como destaque no mapa, pode-se citar o uso residencial com maior foco nas periferias, bem como o uso voltado para o comércio no qual se encontra em sua grande maioria ao redor da lagoa. O setor de serviço é visto em todas as quadras abordadas no mapa dando conforto aos usuários que ali frequentam, a parte que envolve as distintas áreas institucionais, como religioso, privado, governamental e educacional é notado em diferentes pontos do gráfico. Por se tratar de uma região com forte apelo memorável, é constatado edificações sem uso algum, bem como vazios urbanos. Pode-se destacar algumas edificações e seus usos através das imagens a seguir (ver figuras 42, 43, 44, 45, 46).

O objeto de estudo pode ser caracterizado como o maior lote da área de análise e se apresenta sem uso, objeto no qual possuía a ocupação de institucional de lazer, sendo palco de diversas atrações e trazendo um diferencial para a cidade, porém atualmente a edificação é vista abandonada, ficando perceptível o esquecimento da população, dos proprietários, bem como dos órgãos públicos, levando em consideração que se trata de um bem que é tido como um dos pioneiros da arquitetura modernista.

Figura 42: Residencial (Av. José Lianza)



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 43: Comércio (Av. Alm. Barroso)



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 44: Institucional Hospitalar João Paulo
II (Av. Dom Pedro I)



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 45: Sem Uso



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 46: Serviço (Av. Santos Dumont)



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 48: Gráfico de Gabarito



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 49: Edificação Térrea



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 50: Edificação Térreo + 1



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 51: Edificação Térreo + 2



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 52: Edificação Térreo + 3



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 53: Edificação acima de 4 pavimentos



Fonte: Google Street View (2017).

4.1.6 Mapa de Cheios e Vazios

No mapa de Cheios e Vazios analisado abaixo (ver figura 54), foi detectado um grande adensamento na área, se trata de inúmeras edificações antigas. Por ser considerada uma região com um adensamento alto, o número de partes vazias é pequeno, tornando o crescimento na área construtiva reduzida. Este adensamento é também justificado pelos índices urbanísticos que incidem na área, por exemplo os recuos que são consideravelmente pequenos (lateral entre 1,5 e 3 m e de fundo até 3 m) (ver figura 55). O vazio é representado pelas ruas e pelas calçadas, no que diz respeito aos recuos, é observado que as edificações possuem recuo frontal bem como o recuo lateral.

O mapa também apresenta uma variedade morfológica no tocante de suas formas arquitetônicas, é visto que a maioria das residências possuem formato retangulares, todavia existem construções que fogem a esse formato, um forte exemplo disso se trata da edificação em análise, o Clube Astréa, que detém de um formato baseado na letra “L”, dispendo de espaços ociosos em seu lote.

Figura 54: Mapa de Cheios e Vazios



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 55: Tabela de Índices Urbanísticos

ZONA RESIDENCIAL 2 (ZR2)							
USOS PERMITIDOS	LOTE (*)		EDIFICAÇÃO (A)				
	ÁREA MÍNIMA	FRENTE MÍNIMA	OCUPAÇ. MÁXIMA	ALTURA MÁXIMA (B)	AFASTAMENTOS		
					FRENTE	LATERAL	FUNDOS
R1	200,00	10,00	70	-	4,00	1,50	2,00
R2 (1)	200,00	10,00	60	2 PV	4,00	1,50	2,00
R3	-	-	50	2 PV	4,00	1,50	2,00
R4	CONDOMÍNIO HORIZONTAL VER ANEXO 09						
R5 (2)	400,00	15,00	40	PL+ 4PV+CB	5,00	3,00	3,00
R5	400,00	15,00	30	4 PV	5,00	3,00	3,00
R6	600,00	20,00	30	-	5,00	3+(h/10)	3+(h/10)
R8	360,00	12,00	55	PL+ 2PV ou 3 PV	5,00	1,50	3,00
CL=SL (3)	200,00	10,00	70	3 PV	5,00	1,50	2,00
CB=SB	300,00	15,00	60	3 PV	5,00	1,50	2,00
IL	200,00	10,00	50	2 PV	5,00	1,50	2,00
IPP (4)	200,00	10,00	50	2 PV	5,00	1,50	2,00

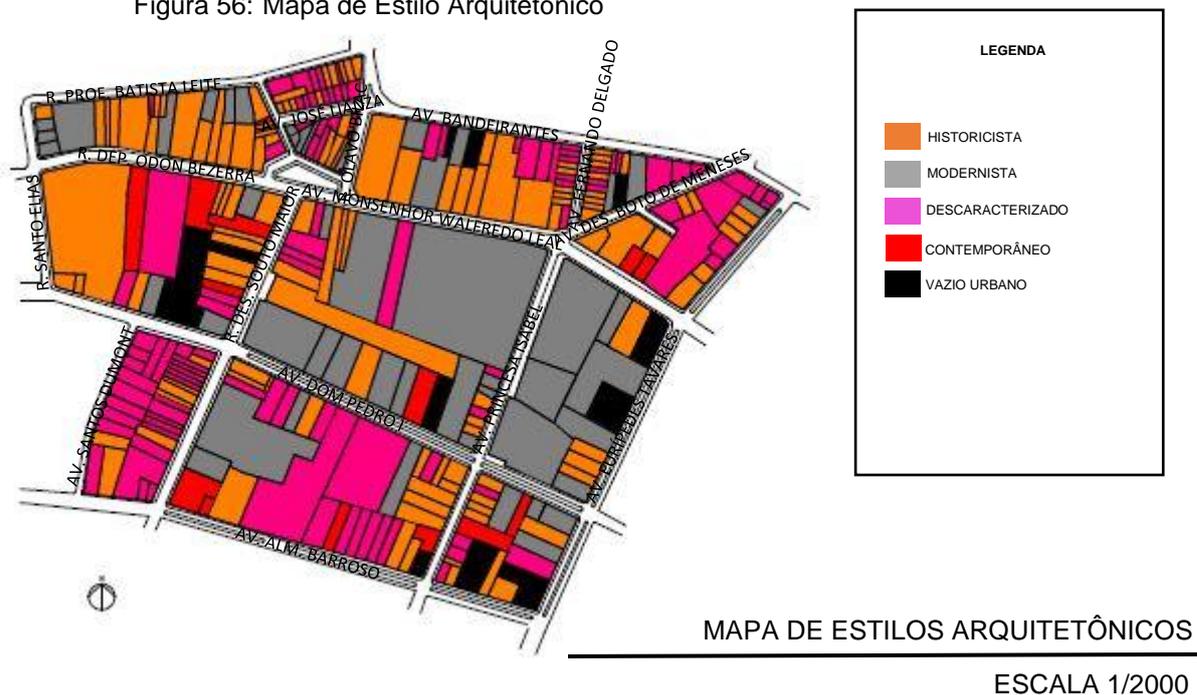
Fonte: Código de Urbanismo da Prefeitura Municipal de João Pessoa, adaptado pelo autor (2001).

4.1.7 Mapa de Estilos Arquitetônicos

Como disposto no mapa e gráfico abaixo (ver figuras 56 e 57), há a predominância de edificações historicistas, como também a presença de construções

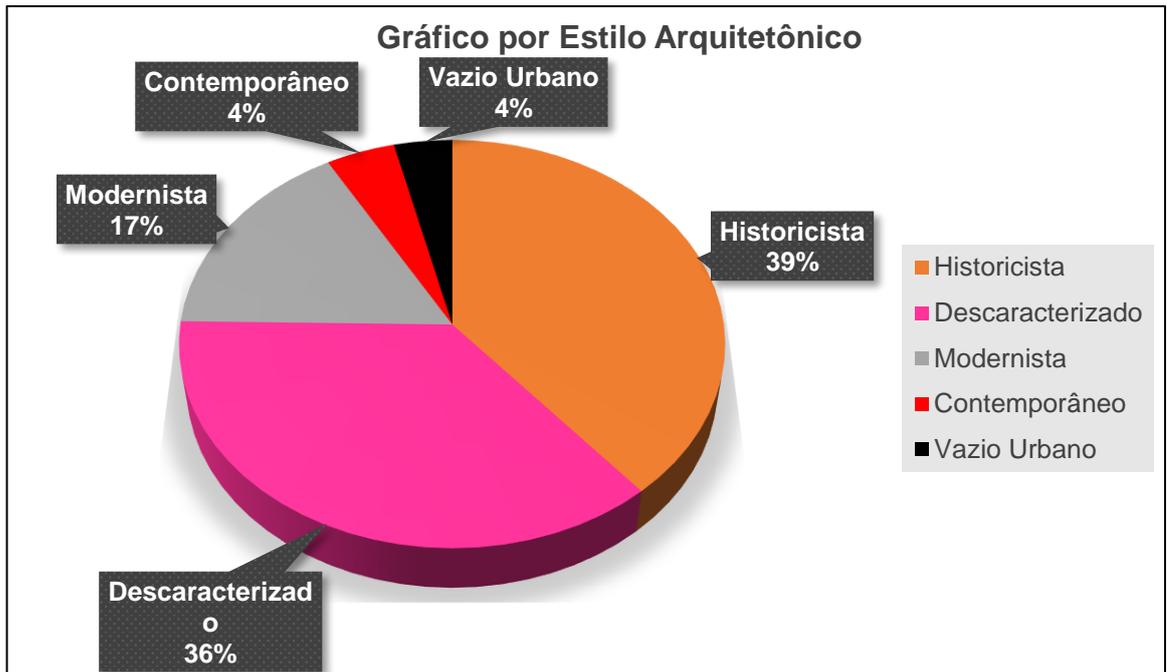
descaracterizadas, muitas vezes de uso comercial, sendo utilizado métodos que “escondem” o referencial de estilo arquitetônico da época, como pinturas fora do padrão, placas em fachadas que fogem ao regulamento a exemplo do tamanho e altura. Pode-se citar o estilo modernista presentes em algumas edificações, bem como a percepção de imóveis de característica contemporânea. Alguns dos estilos arquitetônicos presentes estão representados nas imagens adiante (ver figuras 58, 59, 60 e 61).

Figura 56: Mapa de Estilo Arquitetônico



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 57: Gráfico por Estilo Arquitetônico



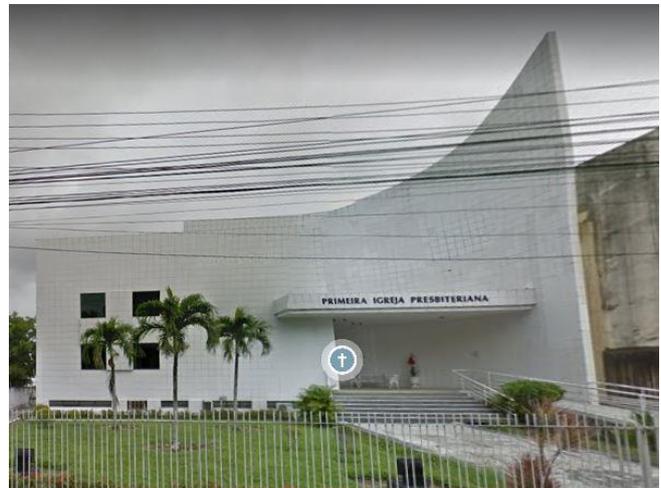
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 58: Edificação Historicista



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 59: Edificação Contemporânea



Fonte: Google Street View (2017).

Figura 60: Edificação Modernista



Fonte: Formiga, O NOVO “Astréa” (1958).⁴

Figura 61: Edificação Descaracterizada



Fonte: Google Street View (2017).

4.1.8 Mapa de Fluxos e Sistema Viários

No mapa de Fluxos e Sistema Viário representado abaixo (ver figura 62), tem-se a presença de três tipos de vias demonstrado pelas cores amarela, roxa e laranja. A via caracterizada pela cor amarela é definida como arterial, possuindo como atributo a distribuição de semáforos e acessibilidade aos lotes lindeiros, bem como o acesso as vias coletoras e locais. A via de cor Roxa é atribuída a coletora, no qual tem como função destinar a entrada e saída das vias de trânsito rápido e arteriais. A cor laranja tem como necessidade o acesso a áreas locais e acesso restrito, não possui semáforo.

As ruas arteriais apresentam um pavimento do tipo asfalto, juntamente com as vias de característica coletora, e as do tipo local configura calçamento. As calçadas concentradas nas periferias apresentam um maior estreitamento, principalmente nas que fazem parte das vias locais, as calçadas que fazem parte das vias arteriais e coletoras apresentam um espaçamento maior, todavia as calçadas que possuem um aglomerado de serviços e comércios superiores tendem a ter algum tipo de bloqueio, como bancas de comercio informal no meio da passagem de pedestres como também apresentam um desgaste de tempo, tornando difícil o acesso por pessoas que apresentam mobilidade reduzida, como visto nas imagens abaixo (ver figura 63 e 64).

⁴ Imagem do Clube Astréa na década de 1950, tempos que foram considerados a época de grande influência que o Astréa representava na cidade com suas atrações, sendo a mais marcante os seus carnavais, frequentado por grande parte da população.

Figura 62: Mapa de Fluxos e Sistema Viário



MAPA DE FLUXOS E SISTEMA VIÁRIO

ESCALA 1/2000

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 63: Calçada desgastada, havendo uma dificuldade para pessoas com mobilidade reduzida



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2020).

Figura 64: Calçada estreita com bloqueios de bancas de comércio informal



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor (2020).

4.1.9 Levantamento Arquitetônico

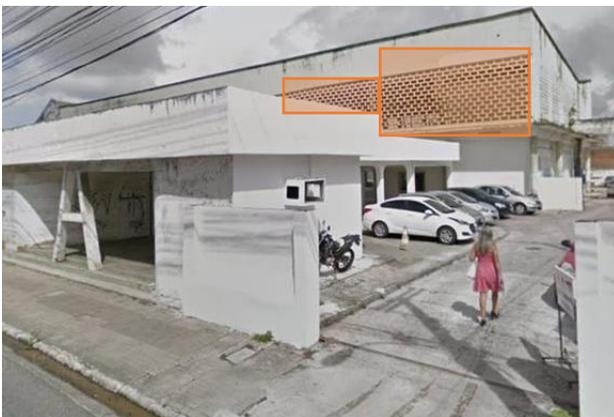
O Clube Astréa é uma edificação localizada no município de João Pessoa, atualmente sem uso, datada do ano de 1886, primeiramente localizada na rua Duque de Caxias, posteriormente mudando-se para a Avenida Monsenhor Walfredo Leal, no bairro do Tambiá, onde se encontra até hoje. O autor da obra existente no qual sofreu uma reforma, trata-se do renomado arquiteto Mario Di Lácio, arquiteto esse

responsável por diversas obras no estilo modernista no município de João Pessoa, tendo o Clube como um dos pontos de partida para a introdução da arquitetura moderna no município.

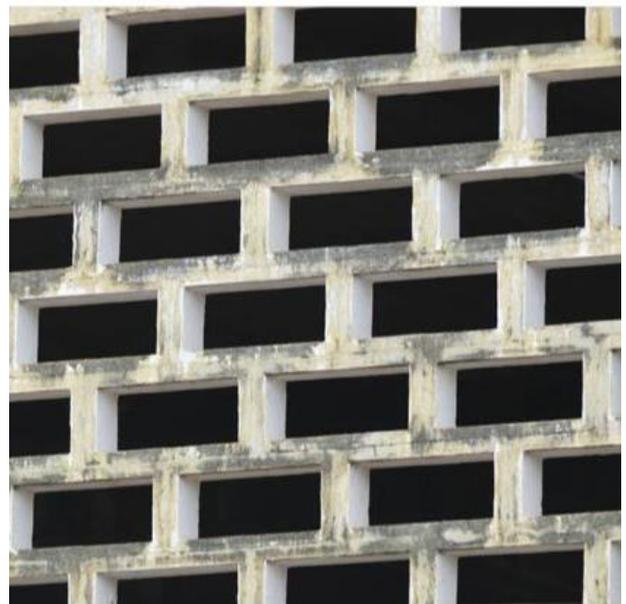
Consegue-se classificar o Astréa como uma criação modernista por diversas características presentes nesse estilo e que compõe o Clube⁵. A edificação dispõe de linhas retas, janelas que seguem uma simetria, a utilização de cores neutras também se torna um ponto forte na obra do arquiteto, a utilização de cobogós, fenestrações em fita, planta livre, bem como o uso de pilares. Caracteriza-se esses elementos da seguinte forma:

- Cobogós - Característico na edificação no pavimento superior (em laranja), apresentando além de função de ventilação para os ambientes, pode também apresentar a função estética. Apresenta um formato retangular, produzido por material cimentício e de coloração branca como pode ser visualizado na imagem adiante (ver figura 65).

Figura 65: Cobogós do Clube Astréa na edificação e em imagem aproximada



Fonte: Google Earth (2020).



Fonte: Google Earth (2020).

⁵ O clube se encontra fechado, e por conta da situação da pandemia de Covid - 19, as fotos de acervo pessoal foram obtidas de forma limitada pelas aberturas que proporcionavam as perspectivas do prédio.

- Cores – A edificação possui cor predominantemente branca, uma das particularidades desse estilo modernista, que em suas edificações, é comumente usados tonalidades neutras (ver figura 66).

Figura 66: A cor branca é predominante no Astréa



Fonte: Google Street View (2017).

- Fenestração em fita – Tem como função a iluminação do ambiente, característica proeminente do modernismo que configura a ideia de fachada livre, apresenta material do tipo madeira pintada de branco com vidro do tipo veneziana como destacado na imagem abaixo (ver figura 67).
- Simetria – Toda a edificação possui uma simetria, a exemplo disso o “ritmo” que confere as janelas e os pilares como mostra a imagem adiante (ver figura 67).

Figura 67: Simetria entre os pilares e janelas (em vermelho), como também a presença de fenestrações (em amarelo)



Fonte: Acervo Pessoal (2020).



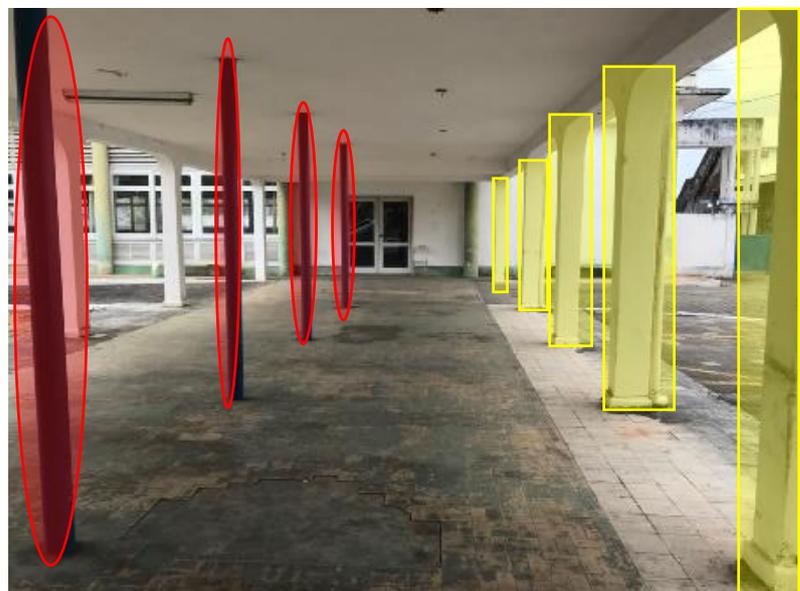
Fonte: Acervo Pessoal (2020).

- Pilar – Elemento estrutural comum as edificações de cunho modernista, produzido em concreto armado, apresentando-se em seção quadrada no corredor aberto que interliga à entrada na fachada principal ao corpo do prédio; e seção circular entre as fenestrações em madeira e no interior dos ambientes. Observa-se também pilares metálicos de seção circular reduzida (em vermelho) quando comparados à seção em concreto armado (em amarelo). Estes estão localizados no centro, dispostos longitudinalmente no corredor de entrada do clube. Os pilares também possuem a tarefa plástica, bem como de trazer a edificação uma planta e fachada livre como visto na imagem abaixo (ver figuras 68 e 69).

Figura 68: Pilares com função estrutural, além de trazer a característica de planta e fachada livre



Fonte: Acervo Pessoal (2020).

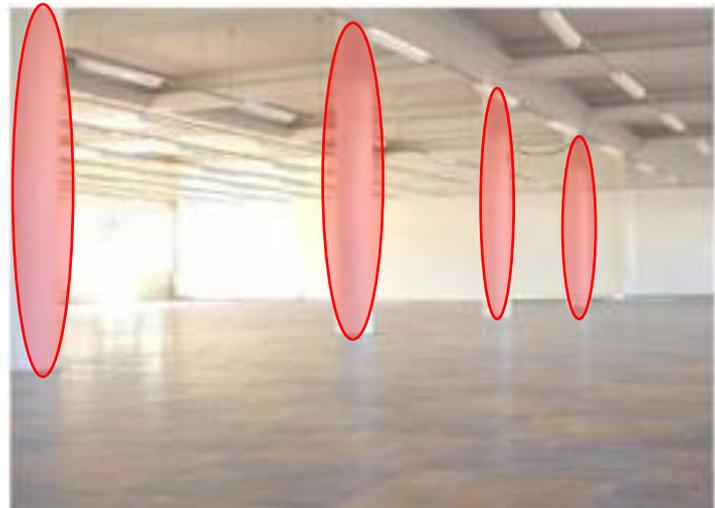


Fonte: Acervo Pessoal (2020).

Figura 69: Pilares internos do Clube Astréa



Fonte: Linhares Fonseca (1958).



Fonte: Linhares Fonseca, adaptado pelo autor (1958).

De forma complementar ao levantamento dos elementos arquitetônicos característicos do modernismo, acima dispostos, evidenciou-se a análise a partir do método de Baker, arquiteto britânico bastante conhecido por seus projetos na África do Sul. O método de Baker consiste em sete diferentes tipos de análises em torno da edificação em avaliação, são eles: Genius Loci, Identidade, Iconologia, Significado de Uso, Plástica, Estrutura e Materiais. Deve-se observar através do quadro exposto abaixo (ver quadro 04), os diferentes métodos, as suas características bem como a sua aplicação no Clube Astréa.

Quadro 04 – Métodos de Baker

Imagem representativa	Métodos	Essência	Objeto de Análise - Astréa
	Genius Loci	Características marcantes do lugar	Inúmeras edificações históricas presentes no seu entorno de diferentes épocas, como também potencialidades em diferentes usos, a exemplo do comércio local, serviços e instituições.
	Identidade	Particularidade da edificação	Foi uma das primeiras edificações com características arquitetônicas do estilo modernista, sendo exemplo para muitas outras edificações que surgiram na época.

(conclusão).

Imagem representativa	Método	Essência	Objeto de análise - Astréa
	Iconologia	Compreensão do lugar em âmbito cultural, histórico e social	O objeto marcou as décadas de 1950 a 1970 frequentado pela alta sociedade e que antes era o centro das atenções voltada para os bailes de carnaval fora de época, hoje em dia se encontra abandonado pelos responsáveis.
	Significado de Uso	Clareza que a edificação consegue passar para as pessoas sobre o seu uso	Instituição que tinha como funcionalidade o lazer, como shows, eventos e feiras.
	Plástica	Volumetria da edificação	Apresenta característica volumétrica de linhas retas, cores neutras e a presença de simetria.
	Estrutura	Sua expressão através da disposição arquitetônica e geométrica	Edificação com presença marcante tanto de pilares retangulares como circulares, elaborados com concreto armado.
	Materiais	Aplicação dos materiais usados e suas características	O uso de cobogós se destaca como um elemento arquitetônico característico do modernismo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

5. MEMÓRIA DA POPULAÇÃO

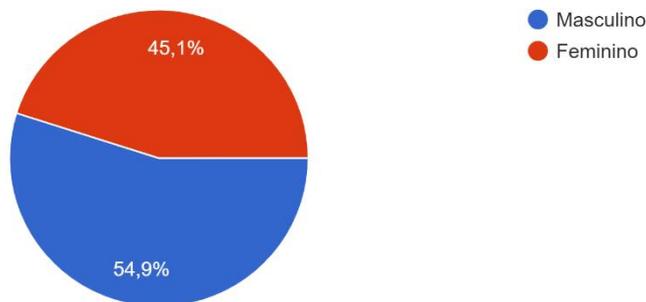
Diante da temática abordada no Trabalho de Conclusão de Curso, foi elaborado um questionário acerca do Clube Astréa de modo que fosse captado as diferentes opiniões e pensamentos da população em relação ao objeto de estudo.

5.1 Gênero, Faixa Etária e Ocupação

Fizeram parte do questionário pessoas do sexo masculino e feminino, totalizando 102 pessoas. No gráfico abaixo (ver figura 70) pode-se identificar que a maioria das pessoas foram do sexo masculino, sendo representado por 54,9% do público, já o público feminino ficou com 45,1%.

Figura 70: Percentual de gênero

Gênero
102 respostas



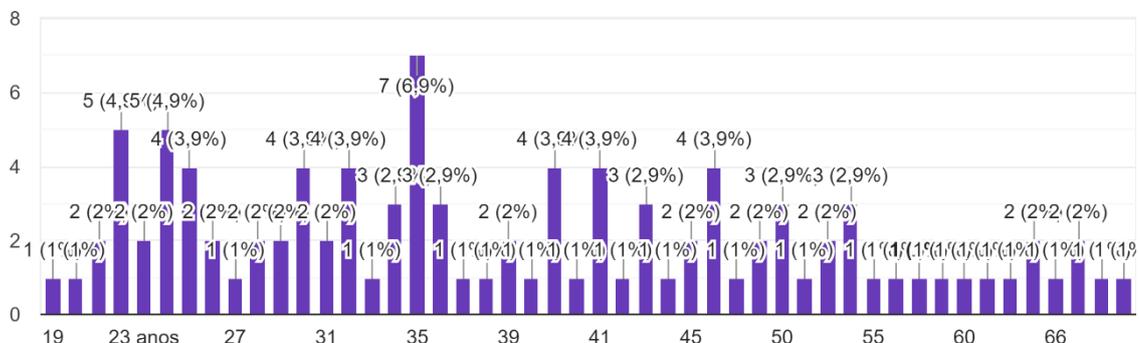
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com relação as faixas etárias, obteve-se uma diversidade considerável, levando em conta que se submeteram ao teste pessoas entre 19 e 71 anos. No gráfico exposto adiante (ver figura 71), é perceptível maiores picos na faixa dos 23, 24, 35, 41 e dos 46 anos de idade, ou seja, um maior número de pessoas com essa faixa de idade respondeu às perguntas.

Figura 71: Percentual por faixa etária

Qual sua idade?

102 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

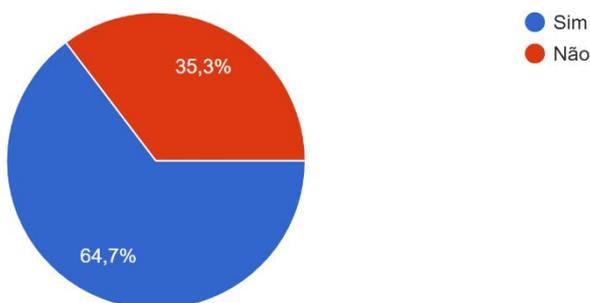
No que diz respeito as profissões do público que constituiu o questionário, foram vistas uma diversidade mediante as respostas obtidas no formulário, dentre as quais podemos citar: autônomo, professor, enfermeiro, engenheiro, arquiteto, dentista, advogado, aposentado, farmacêutico, fisioterapeuta, taxista e com uma maior predominância, funcionário público e estudante.

Pode-se observar no gráfico a seguir (ver figura 72) que a maioria das pessoas entrevistadas são naturais do município de João Pessoa, sendo representados por 64,7% contra 35,3% que nasceram em outro município.

Figura 72: Percentual de pessoas entrevistadas que nasceram no município de João Pessoa

Você é natural da cidade de João Pessoa?

102 respostas



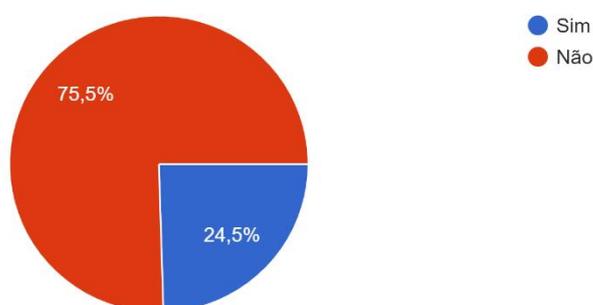
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na entrevista concedida, grande parte da população não mora próximo a algum Clube, sendo representado pelo percentual de 75,5% contra 24,5% que afirma morar próximo a algum clube como visto no gráfico abaixo (ver imagem 73). Também foram questionados se costumam frequentar algum Clube, obtendo como percentual 71,6% das pessoas que não tem o hábito de ir a Clubes, e 28,4% sendo simbolizado pelas pessoas que visitam algum Clube como mostrado no gráfico abaixo (ver figura 74).

Figura 73: Percentual de pessoas que residem próximo de algum Clube

Reside próximo a algum Clube?

102 respostas

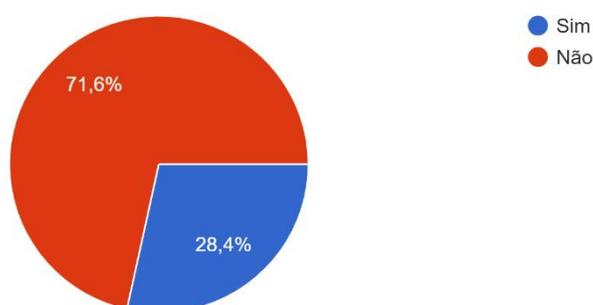


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 74: Percentual de pessoas que frequentam algum Clube

Você costuma frequentar Clubes?

102 respostas



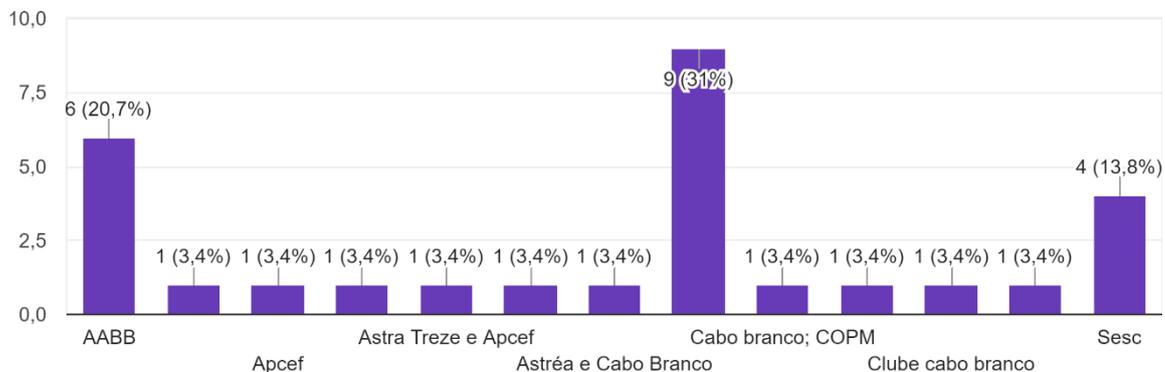
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Dos 28,4% que costumam frequentar algum Clube, obtemos o resultado exposto pelo gráfico abaixo (ver figura 75), no qual percebemos que os Clubes Cabo Branco seguido da AABB e Sesc são os mais usados pelas pessoas que aceitaram o teste.

Figura 75: Percentual dos Clubes mais frequentados pela população

Em caso afirmativo, qual Clube?

29 respostas



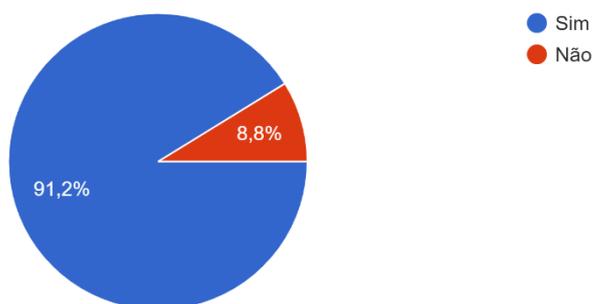
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quando questionados sobre o Clube Astréa, se já ouviu falar e se já frequentou, obtivemos 91,2% de percentual para as pessoas que já ouviram falar em oposição a 8,8% das pessoas que nunca ouviram falar no Astréa como visto no gráfico a seguir (ver figura 76). Esse número representa que o Clube continua “vivo” para as pessoas, como também a representatividade dele para a sociedade.

Figura 76: Percentual de pessoas que já ouviram falar no Clube Astréa

Você já ouviu falar no Clube Astréa?

102 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

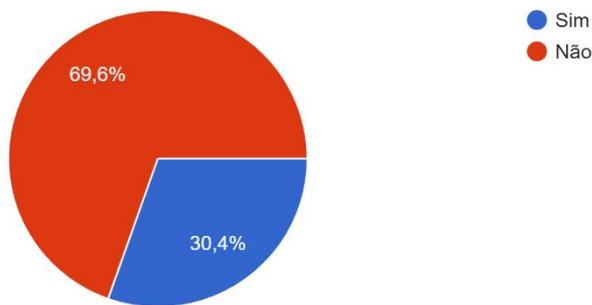
Em relação a pergunta se já frequentaram o clube, foi alcançado 69,6% representados pelas pessoas que nunca frequentaram o Clube contra 30,4% de pessoas que alguma vez já foram ao Astréa como colocado no gráfico adiante (ver figura 77). O percentual de quem nunca frequentou o Clube foi alto, porque ao longo

dos anos ele foi perdendo seu potencial cultural e social, pelo abandono e falta manutenção o que coincide com a maioria de quem respondeu que é mais jovem.

Figura 77: Percentual de pessoas que já frequentaram o Clube Astréa

Você já frequentou o Clube Astréa?

102 respostas



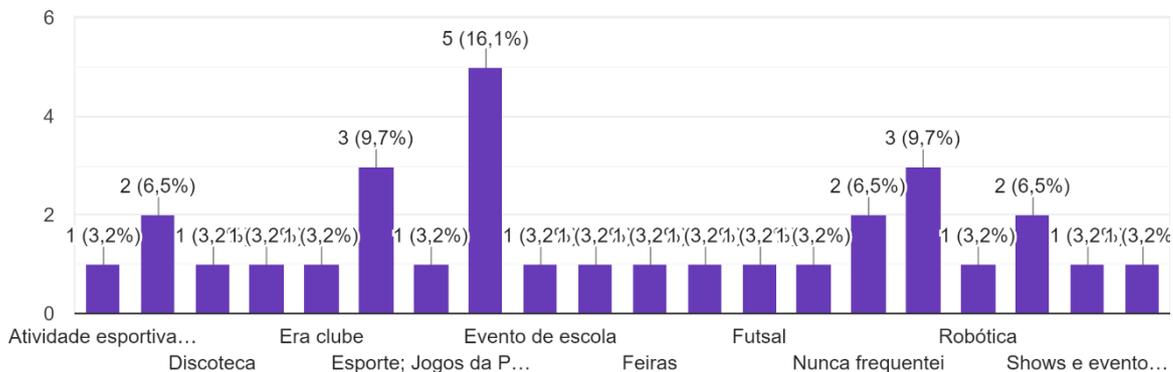
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Das pessoas que já frequentaram o Clube Astréa, foram perguntadas quais eventos participou, diante do gráfico abaixo (ver figura 78), percebe-se maiores destaques em atividades relacionadas ao esporte bem como para eventos de escola seguidos de eventos relacionados a shows.

Figura 78: Percentual dos eventos mais comuns que as pessoas já frequentaram no Clube Astréa

Caso já tenha frequentado o Astréa, quais atividades/eventos você participou?

31 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Os eleitores foram submetidos a 2 perguntas subjetivas, no qual a primeira trata da opinião das pessoas a respeito da importância do Clube para a sociedade bem como para o município e o segundo questionamento se dirigia a importância do Astréa como um bem arquitetônico, se o mesmo deveria ser preservado e o porquê. Na primeira pergunta, aproximadamente todos os candidatos afirmaram que o Clube era importante, pois o mesmo fazia parte de diversas gerações que por ali passaram, poucos disseram que não era importante, todavia, os mesmos nunca ouviram falar sobre o Astréa. Expõe-se adiante algumas falas das pessoas que responderam o questionário.

“Sim! Faz parte da história da cidade e de diversas famílias da sociedade, colaborando com a cultura, arte e esporte.”

“Considero um ponto histórico, marcou época e tem boas lembranças”

“Sim, é um espaço onde a população local usufruiu muito na época do auge do clube”

“Sim. A localização dele favorecia a realização de eventos, tais como gincanas das escolas e a recreação das famílias Pessoense.”

Diante das narrativas expostas, a partir do programa WordClouds (ver figura 79), percebeu-se uma confluência de sentimentos retratados, nos quais se destacaram “família”, “sim” e “época”. Essa nuvem de palavras retifica a importância da edificação para as pessoas, bem como o senso de associação com a família, remetendo a ideia de comunidade familiar, como também a memória, refletindo o período de auge do clube (1950-1980), ao qual diversas famílias e amigos usufruíram do local principalmente das festas de carnavais que o clube dispunha.

Figura 79: Nuvens de palavras – Importância do Clube Astréa para as pessoas



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No que diz respeito a segunda pergunta, foi quase unânime o número de pessoas no qual alegaram que o Clube Astréa deveria ser preservado, com a justificativa de ser um bem antigo e que o mesmo faz parte da história tanto da cidade, como para as pessoas e também para história da arquitetura. Abaixo encontram-se algumas das falas das pessoas entrevistadas.

” Sim! Ao fazer parte da história de diversas pessoas, o clube ficou marcado para sempre na memória de cada pessoa que frequentou ou passou por ele, nada mais justo que preservar essa edificação e suas memórias.”

“Com certeza, onde em tempos atrás concentrava grande parte da população pessoense.”

” Sim. Sua estrutura em forma de quase uma pirâmide, favorecia a ventilação. E seu salão em grandes janelas de vidro, era uma inovação da época.”

“Concordo totalmente, pois marca um tempo e um momento importante para a cidade e para população local.”

Frente os relatos apresentados, a partir do programa WordClouds (ver figura 80), obtém-se como expressões mais recorrentes as palavras “população” e “Sim”. Através dessa análise percebe-se o quão associado está o Astréa a comunidade e família, ao explorar as respostas das pessoas, é perceptível como o Clube foi

Figura 81: Percentual das atividades mais desejadas, caso o Astréa fosse reativado por completo

Tendo em vista a possibilidade do Clube ser reativado por completo, quais atividades você considera importantes a oferecer aos associados ?

102 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Após a aplicação do questionário, conclui-se que diante das perguntas propostas e das respostas analisadas, o Clube Astréa tem seu feito, principalmente na sua época de ouro mais precisamente entre as décadas de 1950 – 1980. Os diferentes perfis que se submeteram as perguntas mostraram que o Clube marcou época e mesmo as pessoas que não frequentaram no seu auge, indo apenas para práticas de esportes no início dos anos 2000, destacam a importância do Astréa.

Apesar de uma maior porcentagem não ter frequentado o Clube, a sua grande maioria já ouviu falar dele, então sejam os seus carnavais, os seus shows ou práticas de esportes, o Astréa permanece vivo para muitas pessoas, seja a sua importância dentro do âmbito social, cultural ou arquitetônico.

6. ACERVO HISTÓRICO SOBRE O CLUBE ASTRÉA

O capítulo a seguir aborda todos os acervos históricos referentes ao Clube Astréa, estando presente nas gravuras e documentos as décadas de 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980, décadas que fizeram parte de uma influência bastante significativa do Astréa para a sociedade pessoense, sendo considerado a sua época de “glória” (mais precisamente entre os anos de 1950 – 1980), especialmente pelos seus carnavais animados e frequentado por milhares de pessoas.

A fonte de pesquisa para os acervos se deu através do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), no qual detém de fatos antigos que ocorreram naquela época buscadas através do Jornal da União, jornal de grande importância e influência no município de João Pessoa naquele período.

RECORTES HISTÓRICOS

Década de 1940

Figura 82: Recortes históricos da década de 1940



Recortes da década de 1940. Convocações de sócios, notas oficiais e destaques carnavalescos eram notícias nos jornais da época.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP, adaptado pelo autor (2020).

Décadas de 1950 - 1960

Figura 83: Recortes históricos das décadas de 1950 - 1960

CLUBE ASTRÉIA
CARNIVAL DE 1952

Tendo em vista os bailes noturnos e as matinées infantis que serão realizados no Palacete de Tambá durante os festejos carnavalescos do corrente ano, a Diretoria do "Alvi-Celeste" tomou as seguintes providências:

a) — O Baile do sábado, dia 23, será a Rigór, permitindo-se para cavalheiros o Branco a Rigór e para senhoras e senhorinhas, fantasias. Os demais bailes noturnos, abrilhantados pelas orquestras da Polícia Militar e "Piragibe", serão iniciados precisamente às 22 horas, prolongando-se até às 4 da madrugada. Trajes: o de Passeio ou fantasias que não venham, absolutamente, deslustrar o ambiente social do Clube. Fica terminantemente proibido a apresentação de macacões, camisas de malandro ou balawandans;

b) — Fica terminantemente proibido o uso de lançãs-perfumes como entorpecente, punindo severamente a Diretoria aos infratores dessa deliberação com as seguintes penalidades: 1) — o infrator será convidado a deixar o Clube, durante a reunião dançante; 2) — relutância, eliminação e o sumário do quadro social;

c) — Uma Comissão Secreta, composta de associados de inteira confiança da Diretoria, fiscalizará as irregularidades que por acaso venham a surgir e disso lhe dará ciência para imediatas providências;

d) — Com excessão absoluta do Exmo. Sr. Governador do Estado, dr. José Americo de Almeida e exma. família, Diretores de "A UNIAO" e o "O NORTE", não serão facultados convites. Pessoas em trânsito na cidade, com apresentação de um associado e sob sua integral responsabilidade, após rigorosa sindicância da Diretoria, terá ingresso aos bailes carnavalescos mediante o pagamento da taxa especial de Cr\$ 250,00;

e) — Os associados terão ingresso ao Clube com a apresentação do recibo de quitação n. 2, devidamente acompanhado da carteira social;

f) — Reservas de Mês ao preço de Cr\$ 400,00, na Secretaria do Clube, diariamente, das 20 às 23 horas com o sr. Geraldo Andrade. Essa reserva poderá ser feita até o próximo dia 22. As mesas, agora fixadas definitivamente no "dancing" do Clube, darão lugar apenas a 4 cadeiras;

g) — A cargo de um artista conterrâneo, o "dancing" do Astréia apresentará original ornamentação, baseada em motivos estritamente momescos;

h) — O Bar e Restaurant, sob a orientação idônea de pessoas ligadas à Diretoria, oferecerá aos srs. associados e exmas. famílias um serviço especial durante o Carnaval de 1952.

A DIRETORIA

1) — CLUBE ASTRÉIA — CARNIVAL DE 1965: A fim de estabelecer boa ordem nos festejos carnavalescos deste ano, a Diretoria, em reunião de 19 do corrente, deliberou o seguinte:

I) Realizar quatro bailes noturnos, nos dias 27 e 28 e 1o. e 2/3, bem assim uma vespéral infantil na segunda-feira, dia 1o de março;

II) — Para estas festividades, que serão abrilhantadas pela Orquestra da Rádio Jornal do Comércio e Orquestra Municipal de João Pessoa, não se admitirão ingressos de sócios, pessoas de suas famílias (dependente) ou convidadas, sem a apresentação da carteira social ou do cartão expedido pela Tesouraria, que os identifiquem;

III) — a recusa de apresentação da identidade social importará em penalidade imposta pela diretoria;

IV) — proibir, de modo terminante, o uso de lança perfume, pós, e quaisquer líquidos ou substâncias com sideradas tóxicas;

V) — proibir, o ingresso de pessoas descalças ou trajadas de modo não condizente com o ambiente social, não consentindo, igualmente, dentro dos salões de baile

de está muito bonita e gestiva. Parabens.

3) — O Col. Gadelha de Oliveira, ilustre Comandante da Polícia Militar do Estado, brincar o carnaval com sua distinta família, no alvi rubro de Miramar

4) — Enquanto isso, casal amigo, sr. e sra Hélio (Elma) Amorim: viajou para a sua Fazenda, no município de Alagoa Grande. Preferiram descançar.

5) — Quem está aniversariando nesta data, é a encantadora garotinha Eliane, filha do casal de nossa melhor sociedade, sr. e sra. Engenheiro Maurício (Marília) Almeida. Pelo feliz carnavalesco acontecimento, haverá comemoração "mimosca", na residência da dita aniversariante, na Praia de Tambá. Os nossos parabens.

6) — O sr. Hélio Pedro, diretor do Teatro São

cos" que por bl. Branco e ao desta

11) — "aba" Amorim, Ermengarda mais raibana, meiras d'última de Far nais e st do apres animadas les do a mar. Pa

12) — na "Cid" Serra da gue res em nossos tacados ses, sr. c Porto res. São lia Amo conterr

13) — ando h

NOME DO CLUBE	VALOR
ENDEREÇO	16,00
Cerveja (uma garrafa)	15,00
Cerveja (lata)	4,00
Refrigerante pequeno	6,00
Refrigerante grande	4,00
Água Mineral (garrafa)	5,00
Água de Cão (garrafa de 290 ml)	250,00
WHISKY - Drury's - Royal Label ou equivalente:	15,00
- Litro	300,00
- Dose	20,00
- Royal Label Black - Old Eight ou equivalente:	300,00
- Litro	20,00
- Dose	300,00
- Netu Nobilis - Teobez's ou equivalente:	30,00
- Litro	600,00
- Dose	35,00
- Escocês importado, classe "A":	1.200,00
- Garrafa	90,00
- Dose	150,00
- Campari:	300,00
- Litro	20,00
- Dose	6,00
- Cachorro Quente	8,00
- Betatinhas fritas - prato	20,00
- Betatinhas fritas - saquinho	15,00
TIRA GOSTO COMPLETO 5/QUARNICÃO (arroz):	50,00
- Filé - Peixe - Frenço (PRATO)	
Data:	
Ass.:	

O CARNAVAL NO CLUBE "ASTRÉIA"
HOMENAGEM AO DR. RENATO RIBEIRO

Sem favor podemos afirmar que o carnaval deste ano no velho e tradicional Clube Astréia, será verdadeiramente deslumbrante.

Os trabalhos de ampliação do DANCING objetivando oferecer aos associados um maior conforto, pelo alto nível artístico de que se revestem os ludo de tantas outras atrações, garantindo entre as mais essa crescente preferência de nossa melhor sociedade pelo vitorioso Clube de Tambá.

Sem qualquer divulgação, somente pelo seu próprio prestigio, desde muito, estão quase esgotadas as reservas de mesa para o carnaval.

Na próxima semana divulgaremos a lista das pessoas que reservaram localidades para as festas carnavalescas. Antes, porém, do carnaval, talvez até o próximo dia 10, com o entrega dos novos melhoramentos à Diretoria, será prestado ao Presidente deste Clube, Dr. Renato Ribeiro, uma significativa homenagem.

Não se trata propriamente de uma festa de larga repercussão social mas de uma singela homenagem de seus companheiros de Diretoria, pelo conclusão vitoriosa, embora com muito sacrificio, desses novos empreendimentos que além de aumentar o patrimônio social, asseguram maior conforto as famílias dos associados.

E o velho sodolício em cujos salões se tem esboçado os fatos de maior importância de nossa historia porque desde 1886 por eles passaram os maiores figuras da administração, do magistrado e do alto comercio do Estado, vae assim cumprindo o seu largo programa.

social dos elementos que desejam tomar parte nos corções, afim de receberem instruções quanto a fantasia e outros organizações relativas ao clube.

NO "PALMEIRAS ESPORTE CLUBE"

Constituiu uma nota de relevo, o Carnaval deste ano no "PALMEIRAS ESPORTE CLUBE"

CONCURSO C



No clichê acima figuram as duas ricas "Copa Paris" — ao chit — a melhor orquestra; e a linda escultura.

ANATOLE FRANCE E

(Conclusão da 5ª pag.)

Recortes da década de 1950 e 1960. Com destaques carnavalescos e homenagens. Nessa época houve uma padronização do cardápio evitando altos preços nas comidas e bebidas.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP, adaptado pelo autor (2020).

Décadas de 1970 - 1980

Figura 84: Recortes históricos das décadas de 1970 - 1980

2.^a FESTA DA PRIMAVERA

A homenagem de ontem á “Miss Paraíba”. no “Clube Astréa”

Constituiu elegante acontecimento na sociedade pessoense, a homenagem que os promotores da Festa da Primavera prestaram ontem á “Miss Paraíba”, senhorita Celia Leal Dias Gomes e ás demais representantes dos municípios do Estado que concorreram áquele titulo.

A festa teve inicio ás 22 horas, com a coroação simbólica da eleita, tendo discursado, nessa ocasião, o dr. Caralio Soares, saudando a homenageada, que agradeceu em expressivas palavras.

Seguiram-se animadas danças ao som de excelente orquestra.

CLUBE ASTRÉA CONSELHO DELIBERATIVO NOTA OFICIAL

O CONSELHO DELIBERATIVO, REUNIDO EXTRAORDINARIAMENTE NESTA DATA, RESOLVEU POR UNANIMIDADE COMUNICAR AOS ASSOCIADOS DO CLUBE, QUE O AUMENTO DAS MENSALIDADES NÃO DEVE SER PAGO, ATÉ QUE A PROPOSTA ENVIADA PELA DIRETORIA, SEJA APROVADA POR ESTE COLEGIADO.

SALA DAS SESSÕES, EM 29 DE ABRIL DE 1.980.

IVAN DE BRITO GUERRA
PRESIDENTE

Vilor tocou no Astréa

A decoração, bastante sugestiva, agradou aos foliões, tendo como tema o Carnaval do passado. A ordem foi mantida sem muito custo, porque já é uma tradição do clube o bom comportamento dos foliões durante o Carnaval, coisa que se repete todos os anos.

Os festejos terminaram ontem, pela manhã, quando a orquestra maestro Vilor saiu pelas ruas para deixar os foliões nas proximidades da praça Antonio Pessoa.

Uma das décadas mais emblemáticas para o Astréa se dá nos anos de 1970 – 1980. Época marcada pelos inúmeros eventos que ocorriam no Clube, como shows, bailes carnavalescos e eventos como o “Miss Paraíba”. Local de entretenimento frequentado pela alta sociedade daqueles anos.

Dia 27, “Noite do Folclore”, no Clube Astréa

Promoção do CPRP em benefício da Cooperativa de Assistência ao Indigente — Participe. A “Noite do Folclore” ajudará você a ajudar os outros.

Astréa inicia hoje temporada em Natal

O Astréa inicia hoje uma temporada de natações em Natal que será encerrada amanhã, devendo disputar nada menos de 20 provas com o América local.

Os atletas astreanos seguirão hoje pela manhã, por volta das 6 horas, juntamente com os diretores João Batista Tavares, Edmundo Real e Geraldo Pessoa Ramos.

O técnico Nilderval Chianca acredita num total sucesso de seus comandados, pois houve um intenso treinamento durante toda a semana. O Astrea vai disputar as provas nas modalidades de petiz masculino, infantil feminino e adulto masculino.

REVANCHE

Nos primeiros dias de março, o Astréa vai receber as equipes do América de Natal, para mais vinte provas. A revanche será disputada no parque aquático “Gilvan Marinho Muribeca”.

Desfile marcou o encerramento

Um desfile dos salões do Astréa até o Parque Solon de Lucena, ás 6 horas de ontem marcou o encerramento do Carnaval marcado pelo clube. Sem qualquer sinal de cansaço e com o ímpeto do primeiro dia de frevo, cinco mil pessoas cantavam marchas antigas a plenos pulmões e nem a chuva caída no momento conseguiu esfriar os ânimos.

Este Clube teve o Carnaval mais animado de João Pessoa, pelo menos para um improvisado furi de repórteres de A UNIÃO, “O Norte”, “Correio da Paraíba” e das três emissoras de rádio da cidade. A escolha foi feita na terça-feira, momentos antes de outro fato marcante na festa promovida pelo segundo maior clube pessoense: o banho de roupa e fantasias na piscina, iniciado por um folião qualquer e com centenas de imediatos aderentes.

Eventos marcados na década de 1970 – 1980. Mural composto pelos eventos de noite natalina, folclore e desfiles carnavalescos.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP, adaptado pelo autor (2020).

Décadas de 1970 - 1980

Figura 85: Recortes históricos das décadas de 1970 - 1980

Astréa:

Um carnaval tranquilo para todos os foliões

A exemplo do que ocorreu no Cabo Branco, o Astréa teve um Carnaval sem qualquer incidente. O pessoal encarregado da segurança tinha como trabalho mais constante os cuidados para evitar que foliões entrassem no salão com cigarros acesos ou circulassem em áreas de maior movimento conduzindo garrafas.

A tarefa de fiscalização aos mais exaltados tinha um dedicado supervisor: o diretor social do clube, João Batista Mororó, que entre risos e abraços acalmava os ânimos eventualmente exaltados e ajudava, entre um samba e outro, o Astréa ter um Carnaval absolutamente tranquilo.

A ZEBRA

No Sábado, um grupo fantasiado de zebra destacava-se no empurrar-empurrar do salão. "Olha Eu Aqui" - com a frase lembrando a zezinha da Loteria Esportiva e o samba quente no pé, os integrantes do pequeno grupo sarcotearam madrugada adentro.

De resto, colares de mariscos, penas na cabeça e tecidos ostentando flores e animais pareciam aludir, em grupos esparsos, o tema da decoração do Astréa: *O Mundo da Fauna*. Este foi o melhor Carnaval já realizado pelo Clube nos últimos anos, legando tradicionais frequentadores.

GOVERNADOR

Duas e 30 da madrugada de domingo o Astréa recebia uma visita importante: o governador Ivan Bichara Sobrinho, acompanhado de dona Myrthes e do seu Chefe de Casa Militar, coronel Benedito Junior. Antes, o governador e esposa haviam visitado, no domingo o Cabo Branco e o late Clube da Paraíba.

O prefeito Hermano Almeida, com dona Vera Almeida e assessores, também visitaram o Astréa. Como ocorreu com o governador, suas presenças eram prontamente comunicadas aos foliões pelos altofalantes do clube.



Uma Noite Oriental é o motivo da decoração do Astréa, elaborada em jogo de cores e estética admiráveis. O clube promete realizar um dos melhores carnavais dos últimos anos e, para tanto, apresentará uma matinal domingo (iniciando às 10 horas) e matinée segunda-feira, das 15 às 18. Isso, naturalmente, além dos quatro grandes bailes.



Característica do Clube Astréa também o oferecimento de eventos temáticos, a exemplo da "noite oriental" sendo realizada nos bailes de carnavais da época.

Como sempre, o Cabo Branco e o Astréa voltaram a fazer o melhor Carnaval da cidade. No primeiro desses clubes, cerca de 30 mil foliões enfrentaram, com uma disposição e ânimos impressionantes, os quatro dias de frevo. O Astréa concentrou 20 mil pessoas e mereceu, de um grupo de jornalistas, o título de *O Melhor Carnaval de João Pessoa*.



20 MIL PESSOAS

Mais de 20 mil pessoas participaram do Carnaval do Astréa que, do sábado à terça-feira, manteve os salões invariavelmente superlotados para uma folia tranquila e sem qualquer anormalidade. A tabela da Sunab foi religiosamente obedecida, a não ser no último dia, quando algumas pessoas reclamaram do preço da cerveja em garrafa vendida a Cr\$ 10,00. Entretanto, a própria direção do clube intercedeu em favor dos reclamantes que, assim, receberam de volta o excesso de pagamento. Os garçons, por seu turno, foram alertados para o cumprimento da tabela.

OS foliões do clube "Astréa" foram terminar o seu Carnaval às seis e meia da manhã, na praça Antônio Pessoa. Outrora, o fato se repetia anualmente, mas já há algum tempo a tradição era quebrada. Um indício para o mais velho sodalício de João Pessoa.

É destaque o carnaval do Clube Astréa, sendo notícia nos mais diversos jornais a presença de vinte mil pessoas, com os seus salões superlotados, recebendo o título pelos jornalistas da época como "O Melhor Carnaval de João Pessoa".

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba – IHGP, adaptado pelo autor (2020).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio histórico apesar de todo o suporte dado pelas fontes responsáveis ainda sofre com o desgaste do tempo e conseqüentemente com a falta de manutenção. No Brasil é observado um acervo valioso de bens tombados e não tombados que muitas vezes se encontram depredados ou sem incentivo de uso, seja ele voltado para o turismo ou para ocupação profissional por parte do governo.

Na esfera local, a Paraíba detém de inúmeras edificações históricas, na cidade de João Pessoa, mais especificamente, é grande o número de imóveis desse gênero já que se trata da terceira cidade mais antiga do país. Mediante essa característica, o objeto em pauta foi o Clube Astréa, lugar de fortes atributos, sendo considerado uma das primeiras edificações de cunho arquitetônico modernista do município, pertencente a área de tombamento do IPHAEP.

Apesar da importância do Clube, foram grandes as dificuldades de informações acerca do Astréa, apenas um único órgão possuía acervos referentes ao imóvel, ressaltando o descaso sob esse lugar. Vale salientar que as dificuldades se ampliaram com a presença da pandemia de Covid-19, o que fez com que muitos dos órgãos fechassem para atendimento presencial. Nos órgãos buscados não houve sucesso na busca por fichas, plantas técnicas, desenhos ou croquis, ou seja, isso reforça a fragilidade em que ele se encontra atualmente.

É constatado a importância do Clube, ao ter acesso as notícias nos jornais da época, o Astréa teve seus dias de glória e até hoje está presente na memória da população, todavia, atualmente se encontra esquecido pelos responsáveis, com ausência de manutenção que conseqüentemente ocasiona problemas patológicos, um bem que marcou décadas com seus eventos, hoje “vive” com as portas fechadas e sem nenhum responsável e/ou entidades representativas que saibam onde estão localizadas os seus acervos técnicos.

O cuidado com a história patrimonial ainda precisa ser trabalhado para que as futuras gerações possam desfrutar e entender tudo o que aconteceu no passado, ainda tem-se muito o que aprender sobre a importância da história como um todo, é necessário uma educação patrimonial e valorização dos acervos existentes para assim manter a organização e manutenção dos imóveis.

Diante de toda a explanação, as particularidades que o tornam uma referência modernista ainda resistem, o que evidencia mais ainda a importância de se buscar a salvaguarda deste imóvel.

Em frente ao contexto, revelado pelo levantamento de campo, aplicação de questionários e investigação em recortes jornalísticos, bem como a compreensão da ausência de proteção, este trabalho deixa alguns apontamentos/diretrizes que se julga necessário para a preservação da identidade cultural local, materializada neste bem, que é o Astréa. Pode-se considerar como meios para a preservação do Clube:

- Abranger a sociedade de forma a afirmar a pluralidade do entendimento sobre políticas públicas voltadas ao patrimônio histórico;
- A preservação de todo o seu entorno, conseqüentemente o aumento da qualidade de vida bem como a melhoria da mobilidade urbana;
- Incentivo a economia local;
- Integração das esferas públicas e privadas;
- Reconhecimento e qualificação dos profissionais do setor;

8 REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a memória das Cidades**. Revista TERRITÓRIO, ano 111, nº 4, jan./jun. 1998.
- ANDRADE, M. **Arquitetura colonial**. Arte em Revista, São Paulo, v. 2, n. 4, 1983.
- BARBOSA, Antônio Eduardo Polisseni; HIPPERT, Maria Aparecida; SANTOS, White José; OLIVEIRA, Igor Moura; MONTEIRO, Karla Teixeira. **Patologias de Edifícios Históricos Tombados Estudo de Caso – Cine Teatro Central**. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maria_Barbosa18/publication/309348358_Patologia_de_edificios_historicos_tombados_Estudo_de_caso_Cine_Theatro_Central/links/5811d36d08aec29d99f7f523/Patologia-de-edificios-historicos-tombados-Estudo-de-caso-Cine-Theatro-Central.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2020.
- BARTHEL, C.; LINS, M.; PESTANA, F. **O papel do mapa de danos na conservação do patrimônio arquitetônico**. In: Congreso Iberoamericano y VIII Jornada “Técnicas de Restauración y Conservación del Patrimonio”. Anais [...]. Buenos Aires: 2009.
- BARROS, L. A. R. de. **Por uma arquitetura brasileira**. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo.
- BRASIL. Governo Federal. **Constituição do Brasil**. Rio de Janeiro: 1934. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br>>. Acesso em: 04. maio. 2020.
- BRASIL. Governo Federal. **Constituição do Brasil**. Rio de Janeiro: 1988. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br>>. Acesso em: 04. maio. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Compromisso de Brasília**. Brasília:1970. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br>>. Acesso em: 04. maio. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Compromisso de Salvador**. Salvador: 1971. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br>>. Acesso em: 04. maio. 2020.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. Editora Perspectiva. 2001. 371;372;374;376 p.
- CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo. **Le Corbusier**. 2020. Disponível em: <<https://arquiteturaurbanismotodos.org.br/lecorbusier/>>. Acesso em: 12 maio. 2020.
- CAVALCANTE, Lis Moreira. **O processo criativo de quatro pioneiros da arquitetura moderna**. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/927555/o-processo-criativo-de-quatro-pioneiros-da-arquitetura-moderna>>. Acesso em 10 maio. 2020.
- CAVALCANTI, L. **Le Corbusier, o Estado Novo e a formação da arquitetura moderna brasileira**. Projeto, São Paulo, n.102, p. 161-3, ago. 1987.
- CARVALHO, Wadson Mayckel. **Patologias de edifícios históricos tombados: Estudo de caso – Convento das Mercês**. São Luís, 2018. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Tecnologia e Gestão Instituto Politécnico da Guarda. Disponível

em: < <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3953/1/CC%20-%20Wadson%20M%20Carvalho.pdf> >. Acesso em 17 maio. 2020.

CRAVEIRO, Rodrigo. **Centenário: I Guerra Mundial foi impulsionada pela Revolução Industrial.** 2014. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/07/06/interna_mundo,436172/centenario-i-guerra-mundial-foi-impulsionada-pela-revolucao-industrial.shtml >. Acesso em: 15 maio. 2020.

CIÊNCIA E CULTURA. **Cienc. Cult. vol.65 no.1 São Paulo Jan. 2013.** Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>>. On-line version ISSN 2317-6660. Acesso em 20 mar. 2020.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Editora UNESP. 1992. 11;12;13;95 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Editora UNESP. 2000. 44 p.

Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu. **Manifesto de Amsterdã.** Amsterdã: 1975.

CUNHA, Claudia dos Reis. **Alois Riegl e o Culto Moderno dos Monumentos.** 2006. Portal Vitruvius. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138> >. Acesso em 23 mar. 2020.

CUNHA, Claudia dos Reis. **A atualidade do pensamento de Cesare Brandi.** 2004. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181> >. Acesso em: 17 abr. 2020.

CURTIS. William.J.R. **Arquitetura Moderna desde 1900.** Editora Bookman. 2008. 11;14;15;24;33;150;167 p.

D'AVILER, Augustin Charles. *Cours d'Architecture qui comprend les ordres de Vignole.* Paris: Mariette, 1710, 2v. p. 836.

DECRETO-LEI N. 25 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937. **Artigo 1º.** Disponível em: < <http://www.antt.gov.br/> >. Acesso em: 04 maio. 2020.

ESCRITÓRIO DOS MUSEUS DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES. **Carta de Atenas,** Atenas:1931.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 470 p. Tradução de Jeffeson Luís Camargo.

FIGUEIREDO. Lauro César. **Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões.** 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/geografia/issue/view/523> >. Acesso em: 30 abr. 2020.

FONSECA. Maria Cecília Londres. **Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio.** 1997. Disponível em: < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4775/1/bps_n.2_referencia_2.pdf >. Acesso em: 13 abr. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2009. Disponível em: < <http://dialnet.unirioja.es>>. Acesso em: 02 maio. 2020.

GOODWIN, Dario. Em foco: Richard Neutra. 2020. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/785232/spotlight-richard-neutra> >. Acesso em: 16 maio. 2020.

GOVERNO DA PARAÍBA. Disponível em: < <http://iphaep.pb.gov.br/municipios-com-centros-historicos-tombados> >. Acesso em: 01 maio. 2020.

GRAMMONT. Anna Maria. **A Construção do Conceito de Patrimônio Histórico: Restauração e Cartas Patrimoniais**. 2006. Disponível em: < [https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/17901/PS_04_3%20_\(2006\)_11.pdf?sequence=1](https://riull.ull.es/xmlui/bitstream/handle/915/17901/PS_04_3%20_(2006)_11.pdf?sequence=1) >. Acesso em: 10 abr. 2020.

GROPIUS, W. **Bauhaus: nova arquitetura**. 3a ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 1972.

HISTÓRIA E ARQUITETURA. **Fábrica Fagus é incluída na lista de Patrimônio da Unesco**. Disponível em: < <http://historiaearquitetura.blogspot.com/2011/06/fabrica-fagus-e-incluida-na-lista-de.html> >. Acesso em: 15 maio. 2020.

HISOUR. ARQUITETURA MODERNA PÓS-GUERRA. Disponível em: < <https://www.hisour.com/pt/post-war-modern-architecture-28038/> >. Acesso em 16 maio. 2020.

HITCHCOCK, Alfred. **Latin American Architecture**. EDITORA Museum of Modern Art. 1955. 60 p.

IBAPE-SP. **Inspeção Predial: Check-up predial: guia da boa manutenção**. Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de São Paulo, 2 ed., Liv. e Ed. Universitária de Direito: São Paulo, 2009.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza: 1964.

ICOMOS. **Carta de Burra**. Burra Austrália: 1980.

ICOMOS. **Carta de Washington**. Washington: 1986.

ICOMOS. **Declaração do México**. México: 1985.

IHGP, **Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**. 2020.

(IPHAN), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Histórico**. 2014. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> >. Acesso em 12 mar. 2020.

(IPHAEP), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. **Patrimônio Histórico**. 2020. Disponível em: < <http://iphaep.pb.gov.br/> >. Acesso em: 30 abr. 2020.

ITAÚ. **Enciclopédia Itaú Cultural**. 2020. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes> >. Acesso em: 01 out. 2020.

JUNIOR, Valdeci dos Santos. **A influência das Cartas Internacionais sobre as Leis Nacionais de Proteção ao Patrimônio Histórico e Pré-Histórico e estratégias de**

preservação dos Sítios Arqueológicos Brasileiros. 2005. Disponível em: < www.cerescaico.ufrn.br/mneme >. Acesso em: 02 abr. 2020.

KRUG, Lucas Fernando. **MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM EDIFICAÇÃO CONSTRUÍDA NA DÉCADA DE 1930 – UM ESTUDO DE CASO.** 2006. Disponível em: < http://www.projetos.unijui.edu.br/petegc/wp-content/uploads/tccs/tcc-titulos/2005/Manifestacoes_Patologicas_Em_Edificacao_Construida_na_Decada_de_1930_-_Um_Estudo_de_Caso.pdf >. Acesso em 09 abr. 2020.

KRULL, Andrew. AD Classics: AD Classics: Lovell House / Richard Neutra. Disponível em: < <https://www.archdaily.com/104713/ad-classics-lovell-house-richard-neutra/> >. Acesso em: 16 maio. 2020.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico.** 2007. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15601/17175> >. Acesso em: 20 abr. 2020.

LICHTENSTEIN, N. B. **Patologia das construções.** Boletim técnico n. 06. São Paulo - USP, 1986.

MELLO, José Octávio de Arruda (Coord.). **Capítulos da História da Paraíba.** Campina Grande: Grafset, 1987.

MENICONI, Rodrigo. **A Construção de uma cidade monumento: O caso de Ouro Preto.** 1999. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG.

MERIN, Gili. **Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse / Le Corbusier.** 2016. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier> >. Acesso em: 05 maio. 2020.

MIP. **Carta de Restauo.** Roma: 1972.

NIEMAYER, Oscar. **Fundação Oscar Niemayer.** 2020. Disponível em: < <http://www.niemeyer.org.br/> >. Acesso em: 13 maio. 2020.

NUNES, Verônica Maria Meneses; Lima, Luís Eduardo Pina. **História e Patrimônio Cultural.** 2009. Disponível em: < https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/10250211102012Historia_e_Patrimonio_Cultural_Aula_1.pdf >. Acesso em: 15 abr. 2020.

NUNES, Verônica Maria Meneses; Lima, Luís Eduardo Pina. **A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO BRASIL.** 2009. Disponível em: < https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/09544619012015Historia_e_Patrimonio_Cultural_Aula_8.pdf >. Acesso em: 16 abr. 2020.

OEA. **Norma de Quito.** Quito: 1967.

OEA. **Resolução de São Domingos.** São Domingos: 1974.

PALPÉRIO, P. **A humidade nos edifícios.** Relatório realizado no âmbito da disciplina Projeto FEUP. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto: Portugal, 2012.

PELEGRINI, Sandra C.A. **O Patrimônio Cultural no Discurso e na Lei: trajetórias do debate sobre a preservação no brasil.** 2006. Disponível em: <

<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/37/445> >. Acesso em 23 mar. 2020.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa**. 2008. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp059635.pdf> >. Acesso em: 13 maio. 2020.

PEVYSNER, N. **I Pionieri del Movimento Moderno de William Morris a Walter Gropius**. 1936. Trad it. Milão, 1945, p. 122;123.

PIRES, Juliane Monteiro; Silva, Dione Luiza; Rabanne, Emília Rahnemay Kohlman; Nascimento; Ismaylly Michel Silva. **Análise das Manifestações Patológicas Presentes nas Fachadas de um Casario Tombado no Município de Pesqueira-PE**. 2017. Disponível em: < <http://revistas.poli.br/~anais/index.php/rep/article/view/703/313> >. Acesso em 07 abr. 2020.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. 2020. Disponível em: < <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/a-capital/> >. Acesso em: 01 maio. 2020.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. **Código de Urbanismo**. 2001. Disponível em: < <http://www.planmob.joaopessoa.pb.gov.br/wpcontent/uploads/2017/06/C%C3%B3digo-de-Urbanismo.pdf> >. Acesso em: 02 out. 2020.

REIS, N. G. **Racionalismo e protomodernismo na obra de Vitor Dubugras**. São Paulo: FBSP, 1997.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: e Outros Ensaios Estéticos**. Editora Edições 70. 2016. Cap. 1.

ROSA, Rodrigo. **Espaço, Silêncio e Construção**. Brasília, 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília.

ROSCOE, M. T. **Patologias em revestimentos cerâmicos de fachada**. Monografia de Conclusão de Curso de Especialização em Construção Civil da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SALVATORE, Elena. **Art-Nouveau (1880-1914): contexto**. 2016. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/historiadaarquitectura/movimentos-de-renovacao-1/art-nouveau-1880-1914-contexto-1> >. Acesso em: 12 maio. 2020.

SANTOS, Maria da Graça. **ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, DOS PIONEIROS A BRASÍLIA (1925-1960)**. 2006. Disponível em: < https://www.up.edu.br/davinci/3/304_arquitetura_moderna_brasileira.pdf >. Acesso em: 13 maio. 2020.

SANTOS, M.W.L.C.; MONTEIRO, L.M.S; FURTADO, F.A; CARNEIRO, M.D; MESQUITA, E.F.T; COELHO, F.C.A. **Incidências de manifestações patológicas em edificações históricas de Sobral – CE**. 2013. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Esequiel_Mesquita/publication/278305245_Incidencia_de_manifestacoes_patologicas_em_edificacoes_historicas_de_Sobral_-_CE/links/55e9e1fb08aeb6516265dbf8.pdf >. Acesso em 17 maio. 2020.

SCIFONI, Simone. **Patrimônio Mundial: do Ideal Humanista a Utopia de uma Nova Civilização**. 2003. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br> >. Acesso em 14 mar. 2020.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcante; MONTEIRO Lia; MELO, Marieta Dantas Tavares. **Arquitetura Moderna no Nordeste 1960-70: a produção de Borsoi em João Pessoa**. São Paulo 2005. Portal Vitruvius. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/432arquitetura%20moderna%20>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SEGAWA, Hugo Massaki. **Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990**. 2. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 44 p.

SEGRE, Roberto. Jean-Louis Cohen e a arquitetura da guerra: Um vazio na história da arquitetura: 1939-1945. 2012. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/11.124/4280> >. Acesso em: 16 maio. 2020.

SILVA, J. B; DELAZER, J; HEINECK, A; TUTIKIAN, B. F. **Análise de Manifestações Patológicas Presentes em Edificação Histórica – Estudo de Caso: Casa da Lira**. 2019. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/J_Delazeri/publication/337459632_ANALISE_DE_MANIFESTACOES_PATOLOGICAS_PRESENTES_EM_EDIFICACAO_HISTORICA_ESTUDO_DE_CASO_CASA_DA_LIRA/links/5e1da89492851c1dcd387e0c/ANALISE-DE-MANIFESTACOES-PATOLOGICAS-PRESENTES-EM-EDIFICACAO-HISTORICA-ESTUDO-DE-CASO-CASA-DA-LIRA.pdf >. Acesso em 25 mar. 2020.

TREVISAN, Rosina. **Técnicas Construtivas e Patologias**. Livro 03, Unidade 4: Patologias nas Construções Históricas. 2001

TINEM, Nelci; TAVARES, Lia; TAVARES, Marieta. **Arquitetura Moderna em João Pessoa**. 2016. Disponível em: < <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Nelci-Tinem.pdf> >. Acesso em 13 maio. 2020.

TINOCO, J. E. L. **Mapa de Danos - Recomendações Básicas**. Textos para Discussão, v. 43, série 2: Gestão de Restauro. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), Olinda, 2009.

UNESCO. 2020. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/> >. Acesso em: 07 maio. 2020.

WICK, R. **Pedagogia da Bauhaus**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 464 p.

WOLF, José. “Acácio Gil Borsói”. A&U - Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n.84, p.35–41, junho/julho 1999.

9 Apêndice

Apêndice 01 – Questionário

QUESTIONÁRIO SOBRE O CLUBE ASTRÉA

A importância do Astréa para a população da cidade de João Pessoa

*Obrigatório

Gênero *

Masculino

Feminino

Qual sua idade? *

Sua resposta _____

Qual sua profissão? *

Sua resposta _____

Você é natural da cidade de João Pessoa? *

Sim

Não

Apêndice 01 – Questionário (continuação)

Reside próximo a algum Clube? *

- Sim
 Não

Você costuma frequentar Clubes? *

- Sim
 Não

Em caso afirmativo, qual Clube?

Sua resposta _____

Você já ouviu falar no Clube Astréa? *

- Sim
 Não

Você já frequentou o Clube Astréa? *

- Sim
 Não

Apêndice 01 – Questionário (continuação)

Caso já tenha frequentado o Astréa, quais atividades/eventos você participou?

Sua resposta _____

Você considera o Clube Astréa um espaço importante para a história da sociedade, bem como da cidade de João Pessoa? Justifique *

Sua resposta _____

Você acha o Astréa uma referência arquitetônica que deveria ser preservada? Justifique *

Sua resposta _____

Tendo em vista a possibilidade do Clube ser reativado por completo, quais atividades você considera importantes a oferecer aos associados? *

- Incentivo ao esporte infantil
- Incentivo a práticas integrativas a pessoas especiais
- Esporte adulto
- Lazer e entretenimento
- Outro: _____